

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

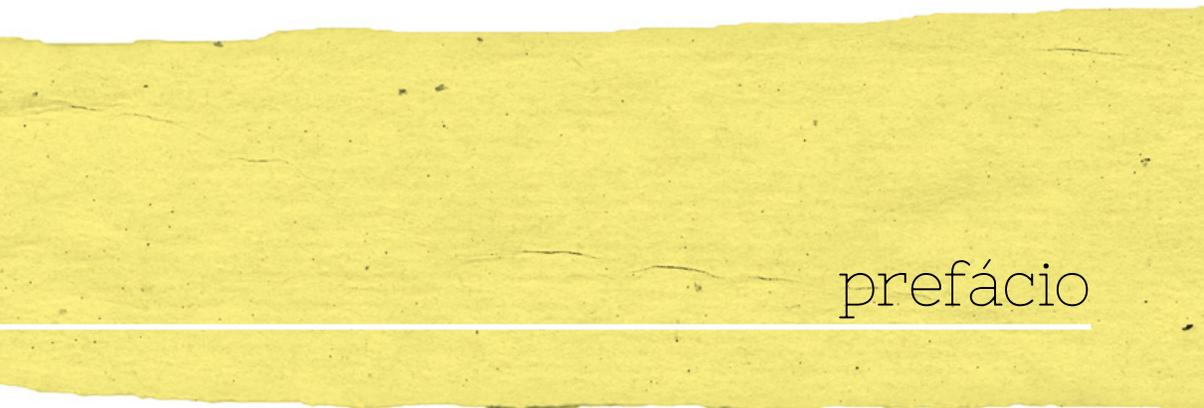
CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

índice

- 007** Prefácio
- 011** Anamaria Welp
- 027** Antonio Sanseverino
- 041** Carina Rebello Cruz
- 047** Carmem Luci da Costa e Silva
- 059** Elaine Indrusiak
- 085** Elisa Battisti
- 095** Gabriel de Ávila Othero
- 103** Ingrid Finger
- 117** Lucia Sá Rebello
- 125** Luciana Vinhas
- 139** Luís Augusto Fischer
- 185** Luiz Carlos Schwindt
- 191** Márcia Ivana Lima e Silva
- 209** Maria da Glória Bordini
- 213** Michael Korfmann
- 227** Silvana Silva
- 235** Simone Sarmento
- 257** Ubiratã Kickhöfel Alves
- 285** Valdir do Nascimento Flores



prefácio

Neste ano de 2022, o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul completa 50 anos de história. Como parte das comemorações dessa data especial, o grupo PET Letras decidiu organizar este livro com relatos pessoais dos atuais professores do Programa.

Há 50 anos, em 1972, certamente o ambiente onde se fazia pesquisa e ensino nas áreas de estudos linguísticos e literários era muito diferente do que o cenário que encontramos hoje. É interessante conhecer a história do PPG através dos relatos pessoais de quem faz parte dessa história hoje. Por isso, inspiramo-nos livremente no livro *Linguistics in Britain: personal histories* (Oxford: Blackwell, 2002) para pensar e organizar este livro de relatos do nosso PPG.

Este não é um livro historiográfico, mas uma reunião de relatos pessoais de alguns dos professores que atualmente compõem o corpo docente do PPG. Cada relato traz histórias de vida entrelaçadas com o desenvolvimento da linguística ou dos estudos literários, não apenas no Rio Grande do Sul, mas também no país e no mundo. Ainda assim, são histórias ligadas diretamente à história do próprio PPG e do Instituto de Letras da UFRGS. E cada capítulo tem uma cara própria. Quando expusemos a ideia deste livro à Comissão do PPG Letras e, posteriormente, quando convidamos todos os professores credenciados no PPG a nos enviarem seus relatos, deixamos claro que gostaríamos de compor uma obra em tom memorialístico bastante livre. Os relatos não precisariam ser escritos de acordo com uma estrutura interna rígida ou previamente padronizada. No convite que fizemos aos colegas professores, apenas demos algumas “perguntas norteadoras” que poderiam guiar as pequenas narrativas de cada professor:

1. Quando você se formou na graduação? Em que curso foi?

Onde foi? Como a linguística era praticada naquela época nos cursos de graduação? (ou Como eram os estudos literários naquela época nos cursos de graduação?)

2. Como foi sua pós-graduação? Em que ano e área se formou? Onde foi? Como era a linguística? Como eram os estudos literários então? Em que área você desenvolvia pesquisa na época? Conte um pouco sobre sua dissertação e sobre sua tese.
3. Como foi seu credenciamento no PPG de Letras da UFRGS? Quando foi? Como você vê a linguística\os estudos literários na UFRGS à época do seu credenciamento e como está\estão hoje? Conte um pouco sobre suas contribuições à área.

Essas perguntas serviram de base para a composição de cada capítulo. É o que aproxima cada texto – além do fato de os textos terem sido todos escritos por docentes credenciados no PPG Letras neste ano de 2022.

O leitor verá, nas próximas páginas, histórias muito interessantes. Esperamos que essas histórias contribuam para entendermos o mosaico (histórico, teórico, epistemológico, pessoal...) que é o PPG Letras – atualmente Conceito Capes nota 7.

Agradecemos pelo espaço de escuta constante que encontramos na Comissão do Programa de Pós-Graduação em Letras,

em especial nas figuras dos coordenadores Simone Sarmiento e Antônio Marcos Vieira Sanseverino. Agradecemos também à equipe técnica-administrativa e à equipe do PET Letras, que tornaram o planejamento e a execução deste livro possíveis. Finalmente, agradecemos a todos os docentes que colaboraram com seus relatos para que este livro comemorativo pudesse ganhar vida.

Porto Alegre, maio de 2022.

Gabriel de Ávila Othero

Tutor PET Letras

Docente do PPG Letras

A horizontal strip of yellow, textured paper with a deckled edge, serving as a background for the name.

anamaria welp

Possui Mestrado e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando na graduação em Letras-Inglês. É professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa em Linguística Aplicada. Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Málaga, pela Fundación Carolina, e na City University of New York, pela Comissão Fullbright. Seus principais interesses de pesquisa são nas áreas de formação de professores, letramento, produção de material didático para o ensino de línguas adicionais, políticas linguísticas, internacionalização e educação bilíngue. Foi professora orientadora do subprojeto Letras Inglês-Português do Programa de Residência Pedagógica na UFRGS, de 2020 a 2022. É editora-chefe da Revista Bem Legal.

O INÍCIO DE TUDO: MINHA EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO

○ ano era 1983. Lembro-me de estar em pé na escada, num dos degraus de cima do pátio ao lado da Igreja São José, no centro de Porto Alegre, que abrigava um cursinho pré-vestibular. Abaixo de mim, centenas de outros jovens olhavam vidrados, assim como eu, para um alto-falante colocado na parte superior do pátio. Esperando aflitadamente, olhávamos todos para aquele alto-falante como se fosse possível enxergar o som dos nomes que saíam dali. O silêncio era ensurdecedor, e a espera infundável. Então a voz do locutor da rádio iniciou a ladainha interminável composta pelos nomes dos aprovados no vestibular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Não demorou muito, ouvi meu nome ser pronunciado. Foi o primeiro dos que estavam ali esperando comigo. Esquecendo-me de que estava no meio de tanta gente, não consegui controlar um grito: “Passeeeeeiiii!”. Olhei para baixo e me senti uma estrela de roque. Todos olhavam para mim e sorriam, aplaudindo e celebrando, contaminados pela minha alegria.

O momento foi deveras marcante, mas não refletia minhas incertezas quanto ao curso que estava prestes a começar. Como a maioria dos jovens da minha idade na época, eu havia termina-

do o ensino médio e me sentia compelida a escolher uma carreira. Naqueles tempos, não era muito comum trocar de curso. O habitual era seguir aquele caminho que escolhíamos sem ter maturidade para saber se era realmente o que queríamos.

Foi assim que comecei o curso de Letras da PUCRS. O que me levou a essa escolha? O inglês. Era uma das únicas coisas de que gostava. A grande ironia era que a única certeza que tinha era que eu não queria ser professora. Assim, lá fui eu escolher o Bacharelado em vez da Licenciatura. Fico pensando se meu eu de agora pudesse aconselhar meu eu de então, será que eu seguiria os conselhos? Provavelmente não. Muitas coisas tiveram de acontecer no meu caminho para que eu me convencesse de que a docência, e sobretudo a formação de professores, é minha vocação.

Antes de iniciar o primeiro semestre, fomos levados a fazer uma prova para verificar se estávamos aptos a cursar as disciplinas de inglês, que, ao contrário das de francês, não iniciavam no básico. Como já era fluente na língua inglesa por ter feito intercâmbio nos Estados Unidos, fui considerada apta. Era um sinal de que estava no caminho certo.

Nas primeiras aulas de língua portuguesa, a professora nos pediu para escrevermos uma redação. Aqueles que tirassem menos do que sete, deveriam ser encaminhados para o laboratório, onde deveriam aprimorar sua escrita. Para minha alegria, tirei nota nove. Atribui meu bom desempenho, entre outros fatores, às aulas do meu hoje querido colega de linha de pesquisa, Professor Paulo Guedes,

que havia sido meu professor de língua portuguesa no Ensino Médio.

As aulas da faculdade eram interessantes, evidentemente, umas bem mais do que outras. Minhas disciplinas favoritas eram as de língua inglesa e as de linguística. As disciplinas de inglês me permitiram expandir meus conhecimentos e fazer amizades para a vida. Foi nelas também que subi ao palco em minha incursão pelo teatro, em uma produção, que ficou famosa no curso de Letras por vários anos: “The Ugly Duckling”.

Nas disciplinas de linguística, foi a primeira vez que soube do fascinante processo de aquisição da linguagem pela criança. Não só o assunto era atraente, mas a maneira como a professora ministrava, sempre trazendo exemplos de sua experiência com sua filha pequena, era encantadora. Foi ali também que aprendi que a língua varia e que existem gramáticas que são normativas e outras que são descritivas. Aprendi também que um linguista não deve ter preconceitos contra nenhuma variedade linguística. Sem perceber, nascia ali uma linguista.

Olhando para aquela experiência agora, lamento que as disciplinas fossem tão fragmentadas e, portanto, descontextualizadas. Infelizmente, os conteúdos eram organizados de forma segmentada: gramática, literatura, língua inglesa, língua portuguesa, morfologia, sintaxe etc. Seria muito mais interessante ver a linguística através das disciplinas de língua, e vice-versa.

Logo no início do curso, comecei a ministrar aulas de inglês. Primeiro em um famoso curso livre (não havia muitos naquela época) e depois para alunos particulares. Como se pode perceber,

os sinais estavam todos ali, mas eu continuava afirmando para mim mesma que aquilo era só um “bico” e que eu jamais seria professora. A bem da verdade, durante os anos de faculdade, experimentei várias profissões, fui curadora em uma galeria de arte, secretária executiva em uma grande empresa, vendedora de anúncios para uma revista de surf. Nada me fazia feliz, mas eu continuava com minha determinação de não ser professora.

Foi então que, em 1987, me formei em Bacharel em Letras Inglês e Português. Ainda convicta de que não queria nada com a docência, fui trabalhar como secretária executiva em uma grande indústria de tintas. Apesar de ganhar um bom salário para alguém que estava iniciando, sempre sentia que faltava algo para me realizar. Trabalhei lá por aproximadamente um ano e então decidi pedir demissão.

EXISTE VIDA DEPOIS DA FACULDADE

Durante alguns anos depois de me formar, fiquei pulando de emprego em emprego. Me sentia perdida, sem perspectivas. Um certo dia, uma ex-colega me telefonou me oferecendo um emprego como professora de inglês em uma escola de educação básica particular tradicional de Porto Alegre. Sempre digo aos meus alunos que não fui eu que escolhi minha carreira; foi ela que me escolheu. O convite chegou em um momento oportuno em que eu me encontrava sem rumo. Mesmo não tendo o diploma de Licenciatura, a escola me contratou. Foi para minha surpresa que gostei da experiência. Senti que era boa naquilo e que os alunos gostavam de minhas aulas.

A experiência serviu para me mostrar que talvez fosse um bom momento para abandonar minha implicância com a docência. Mesmo assim, vi que a escola não era onde eu queria ficar. No final do ano letivo, pedi meu desligamento.

Comecei então a procurar emprego em cursos livres. Por intermédio de uma outra ex-colega, fui contratada por uma escola de inglês de São Leopoldo, que era especializada em cursos *in company*. Iniciei como professora, mas o dono do curso em seguida me promoveu a coordenadora pedagógica. Nesse meio tempo, resolvi fazer também o processo seletivo, que incluía um treinamento, em um conhecido curso livre da cidade (a essas alturas já havia vários cursos livres em Porto Alegre). Assim, iniciei como professora em um curso e coordenadora no outro.

Dois anos depois, fui participar de um evento para professores de inglês no Centro Cultural Brasileiro Norte-americano, quando encontrei outra ex-colega de faculdade. Ela me informou que estava trabalhando como professora no curso de inglês de extensão da PUCRS e que falaria com a coordenadora, a qual casualmente era a minha professora de linguística da Letras, aquela de cujas aulas eu gostava, para que conversasse comigo. Pouco tempo depois, em 1990, comecei a ministrar aulas de inglês, e mais tarde também de português para estrangeiros, na extensão da PUCRS.

Em seguida, me desliguei do curso de São Leopoldo e, dois anos depois, do curso livre, ficando somente com a docência na extensão da PUCRS. Foram anos que me trouxeram muitos aprendizados como professora. Tudo o que eu não havia aprendido na

faculdade, por conta de não ter escolhido a Licenciatura, aprendi sozinha, na prática, ministrando minhas aulas, compartilhando as experiências com colegas, lendo e frequentando eventos na área.

Eu finalmente havia descoberto o que gosto de fazer. Porém, havia uma questão que ainda incomodava: a PUCRS não contratava a mim e a outros colegas como professores efetivos. Éramos contratados somente para as aulas que ministrávamos na extensão. Foram anos de negociações até que, em 1998, a universidade informou que assinaria nossas carteiras com a condição de que ingressássemos no Mestrado.

FILHOS, TRABALHO E PÓS-GRADUAÇÃO: TUDO JUNTO!

Em 1999, fui aprovada na seleção de Mestrado em Letras da PUCRS e iniciei meus estudos. Como o Programa de Pós-Graduação não contava com professores que orientassem na área de Linguística Aplicada, optei por pesquisar na área de Psicolinguística. Fiz o Mestrado com minha filha, Roberta, ainda bebê. Quem faz Mestrado sabe o quanto o curso é puxado, pois além de termos de cumprir muitos créditos e de ler um número expressivo de textos, cada disciplina cursada exige um trabalho de conclusão complexo, sobretudo para alunos que não têm ainda experiência com textos acadêmicos. Pois tive de enfrentar essa fase junto com a maternidade, sem diminuição da minha carga horária de trabalho, que naquele momento era o ensino em nível de graduação, além dos cursos de extensão.

Lembro-me de muitas noites entrar madrugada adentro trabalhando no computador enquanto meu marido, Fernando, dormia na cama ao meu lado e a Roberta dormia no berço em seu quarto.

O Mestrado da PUCRS contava com excelentes professores, que me proporcionaram oportunidades de aprendizagem que ainda hoje fazem parte do repertório de conhecimentos que utilizo na vida profissional. Entre as disciplinas cursadas, estudei Linguística Geral, Fonologia, Sociolinguística, Sintaxe, Pragmática, Análise do Discurso, Psicolinguística e Seminário de Pesquisa. Enfim, todas cobriam as áreas tradicionais da Linguística, mas os maiores aprendizados foram fazer pesquisa e escrever textos acadêmicos.

Em 2001, defendi minha dissertação. O título era “A consciência linguística como promotora do aprendizado de inglês como língua estrangeira na fase adulta”. O trabalho versava sobre um estudo com alunos de inglês adultos divididos em dois grupos: um grupo experimental e um de controle. Ao grupo experimental, eram aplicados exercícios que tinham a finalidade de desenvolver a consciência linguística dos participantes, através de questões que, de forma indutiva, os levavam a refletir sobre a estrutura do passado simples do inglês em contraste com o pretérito no português. O grupo de controle deveria fazer exercícios típicos de preencher lacunas, também visando ao aprendizado do passado simples do inglês, mas sem envolver a língua portuguesa. Aos dois grupos eram aplicados um pré e um pós teste. Os resultados revelaram que o grupo experimental mostrou um desempenho significativamente superior ao de controle.

No ano seguinte, ingressei no Doutorado na mesma área. Minha tese, que se intitulava “A conscientização linguística como atenuante da ansiedade no aprendizado de língua estrangeira”, procurava avançar a investigação realizada no Mestrado. O estudo realizado, mais uma vez, organizava os participantes em dois grupos, experimental e de controle. A ambos os grupos eram aplicados um pré e um pós-teste, em que era utilizada uma escala psicométrica para medir o grau de ansiedade e uma tarefa que media o grau de consciência linguística antes e depois de atividades que visavam propor aos participantes o trabalho com a estrutura do passado simples no inglês. Buscava-se confirmar, ou não, a hipótese de que atividades que desenvolvem a consciência linguística de aprendizes de língua estrangeira, através do contraste com a língua materna, diminuem a ansiedade e promovem um melhor desempenho na língua-alvo. No grupo de controle, eram aplicados exercícios típicos de preencher lacunas, sem envolver a língua portuguesa, e, no grupo experimental, eram utilizadas tarefas que envolviam a análise contrastiva entre o pretérito do português e o passado simples do inglês. Os resultados mostraram que a hipótese não se confirmava, ou seja, os números indicavam que o desenvolvimento da consciência linguística dos participantes não havia mostrado diferenças no nível de ansiedade entre os dois grupos.

O curioso dessa época é que, em meio ao curso, engravidei de meu segundo filho, Guilherme, que nasceu quando eu ainda não havia terminado os créditos das disciplinas. Lembro-me que, nesse período, eu cursava a disciplina de Semântica Argumentativa

e, durante a aula, por vezes eu precisava sair da sala porque o Guilherme, ainda na barriga, colocava o pé por entre minhas costelas. As mães que lerem este capítulo certamente se identificarão.

A diferença do Mestrado foi que, embora mais uma vez eu não tivesse o benefício de me afastar do trabalho para fazer o doutorado, por ter minha carteira assinada, após o nascimento do Guilherme, pude gozar de quatro meses de licença maternidade e mais um mês de férias, o que me permitiu cursar um semestre de disciplinas sem ter de trabalhar. Outra curiosidade é que, durante esses meses de licença, meu marido, Fernando, me esperava no estacionamento da universidade para que eu amamentasse o Guilherme durante o intervalo das aulas. Como todas as mulheres, me acostumei a fazer tudo ao mesmo tempo para conseguir construir e manter minha família e me realizar profissionalmente. Claro que nada disso seria possível se não pudesse contar com a parceria do Fernando. Nem todas as mulheres têm essa sorte, apesar de ser o direito de todas. Expresso aqui minha profunda solidariedade às várias que fazem isso tudo sozinhas. Muitas delas são minhas grandes amigas.

A VIDA DEPOIS DO DOUTORADO

O título de doutora agregou ao meu salário na PUCRS. A recompensa financeira valeu a pena, mas nada mudou na minha atividade profissional. Eu continuava não tendo oportunidade de ministrar aulas nas disciplinas da Letras. Em vez disso, eu e outros colegas éra-

mos colocados para ministrar o que era chamado de Inglês Geral, ou seja, disciplinas de inglês que eram ofertadas para alunos de todos os cursos da universidade. Era como dar aulas em um cursinho livre, mas em nível universitário.

A única diferença foi que, logo depois de ter defendido minha tese, a Diretora da Faculdade de Letras me ofereceu para ministrar aulas de português para o curso de Direito, além de continuar ensinando o Inglês Geral. Foi uma experiência interessante, porque era diferente de todos os contextos no qual eu havia atuado até então. Apesar de ter aprendido muito com a experiência, não era exatamente o que fazia brilhar meus olhos.

Eu adorava trabalhar na PUCRS. As razões disso eram as relações que tinha com muitos colegas e com a direção da Faculdade de Letras. Somando-se a isso, havia a infraestrutura e o espaço físico do *campus*, que eram maravilhosos. Entretanto, nem tudo era do meu agrado. Além de não poder ministrar aulas em disciplinas voltadas para a formação de professores, na qualidade de professora horista não me era permitido conduzir projetos de pesquisa, a menos que um professor com dedicação exclusiva assumisse a coordenação. Essa era a política da universidade, que, aos poucos, foi minando meu sentimento de satisfação com a instituição como lugar de realizações na minha carreira profissional. Eram frequentes os sentimentos de frustração e a vontade de mudar de carreira, ou de contexto de ensino. Foi quando, em 2010, a UFRGS lançou o edital do concurso para professor de inglês do quadro permanente.

ENFIM A UFRGS!

Provavelmente por me sentir desvalorizada e ter minha autoestima abalada por não ter avançado até onde eu queria na carreira dentro da PUCRS, me inscrevi no concurso da UFRGS pensando que não teria chances. Apesar de somar anos de docência na graduação e de possuir a titulação exigida, ainda tinha um currículo incipiente, sem muitas publicações para pontuar. Mesmo assim, ao pagar o DARF da inscrição, senti meu coração bater forte. Talvez fosse uma premonição de que uma grande mudança estava por vir na minha vida, ou um medo de, depois de vinte anos de PUCRS, estar tomando uma iniciativa que poderia me levar para fora dali. Prefiro acreditar na primeira suposição.

Com a publicação da lista de inscrições homologadas, pude ver que não estava sozinha na empreitada. Minha colega querida, Simone Sarmiento, estava na lista. Ao conversarmos, expressei minhas dúvidas e angústias, ela me incentivou a continuar. Mal sabíamos que, desde aquele momento, construiríamos uma parceria e uma amizade que perdura até hoje.

Decidida a levar a cabo a tarefa, comecei a estudar os pontos do concurso que estavam no edital. Foi assim que algo surpreendente aconteceu. À medida que eu avançava na leitura, mais certeza eu tinha da minha identificação com as perspectivas teóricas que apareciam nos textos. Constatei que a Linguística Aplicada era a área que mais me atraía, mas que, por não ter tido contato com ela, só agora tinha a chance de perceber. Apesar de ter de estudar

para o concurso enquanto trabalhava, consegui fazer as leituras e aprontar todos os documentos necessários. O prazer em ler os textos certamente ajudou. Seria penoso ter de ler sobre temas nos quais não tinha interesse.

Como que por uma onda de boaventura, somente quatro dos 15 candidatos inscritos efetivamente compareceram para as provas. Como resultado, fiquei em terceiro lugar, atrás de minhas colegas Simone Sarmento e Elaine Indrusiak. Seis meses depois do resultado, eu tomava posse como professora do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS.

Demorei a solicitar meu credenciamento no Programa de Pós-Graduação. Durante os seis anos que antecederam o processo, ministrei disciplinas de língua inglesa, de conversação em língua inglesa, de didática da língua inglesa e de estágio de docência em língua inglesa. Também coordenei, junto com minhas parceiras Simone Sarmento, Ana Fontes, Ingrid Finger, Márcia Velho e Ana Bocorny, o Idiomas sem Fronteiras dentro da UFRGS, desde sua implantação até sua extinção pelo governo federal.

Também coloquei em prática o projeto da Revista Bem Legal, que havia sido idealizado pelos colegas Margarete Schlatter, Pedro Garcez, Luciene Simões, Simone Sarmento e outros alunos e colaboradores e que mantenho ativo até hoje. Tive também a oportunidade de ser contemplada com uma bolsa da Fundación Carolina para fazer um estágio pós-doutoral na universidade de Málaga, na Espanha, onde, sob a supervisão do Prof. José Ignacio Rivas Flores, pude desenvolver pesquisa qualitativa através de narrativas de

professores em formação. A experiência resultou em dois textos publicados, um artigo em periódico e um capítulo de livro, ambos sobre os professores em formação no Idiomas sem Fronteiras da UFRGS. Ainda coordenei projetos de pesquisa sobre o tema que mais me interessava nesse período: construção de material didático para o ensino de línguas adicionais, que também renderam publicações em periódicos. Além disso, orientei diversos trabalhos de conclusão de curso. Eu finalmente havia achado meu lugar. Pela primeira vez, me sentia realizada na minha carreira.

ENTÃO CHEGOU A HORA DA PÓS

Assim, em 2017, quando julguei que estava pronta para orientar trabalhos na pós-graduação, me credenciei na linha de pesquisa em Linguística Aplicada. Já na minha primeira seleção, as duas vagas que ofereci para o Mestrado foram preenchidas por alunos que haviam sido grandes parceiros em meus projetos. Foi muito significativo ter o Álvaro Didio e o Dêner Ramos como os meus primeiros mestrandos. Ambos realizaram pesquisas excelentes. O Álvaro investigou o papel das línguas durante a experiência de mobilidade acadêmica para a UFRGS desde a perspectiva dos estudantes internacionais. O Dêner realizou uma revisão bibliográfica sobre gamificação no ensino de línguas adicionais (LA) e conduziu uma metassíntese qualitativa dos textos selecionados, para então propor orientações para a formação de professores de LA voltada para o trabalho pedagógico gamificado. Ambos obtiveram excelentes de-

sempenhos em suas defesas e produziram trabalhos de qualidade, que contribuíram para a área de Linguística Aplicada.

Em 2018, após ser contemplada com a bolsa da Fulbright, fui para Nova York, onde realizei meu segundo estágio pós-doutoral. A pesquisa que conduzi visava compreender a teoria e a pedagogia translíngues *in loco*, ou seja, nas escolas públicas bilíngues da cidade de Nova York. Supervisionada pela pesquisadora Ofelia García, me juntei ao grupo de pesquisadores do Centro de Pós-Graduação da City University of New York e me tornei membro do projeto CUNY-NYSIEB (CUNY-New York State Initiative on Emergent Bilinguals). Acompanhei o grupo na formação de professores de uma escola bilíngue na região de latinos do Harlem e tive a oportunidade de aprender sobre os temas a que, desde então, tenho dedicado meus estudos: a teoria e a pedagogia translíngues.

A experiência no CUNY-NYSIEB deu frutos no meu retorno à UFRGS. Resultou na oferta de duas novas disciplinas no PPGLet (Pedagogias de Educação Bilíngue e Educação Linguística e Decolonialidade). Originou uma tese, que está em andamento, e uma dissertação, que está sendo finalizada. Também rendeu quatro publicações até o momento: três artigos em periódicos na área de Linguística Aplicada, sendo um em coautoria com minha supervisora de pós-doutorado, um capítulo de livro, que ainda está no prelo, e um livro de coletâneas de artigos sobre pedagogia translíngue, que está sendo organizado por mim e por um colega da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Além disso, está inspirando um projeto de formação de professores, que está sendo construído

com professores e professoras de uma escola de Ensino Fundamental do município de Porto Alegre, onde um número expressivo de imigrantes provenientes da Venezuela e do Haiti estão matriculados.

Atualmente, oriento sete dissertações de mestrado e uma tese de doutorado e mantenho um grupo de estudos composto por alunos e alunas da graduação, da pós-graduação e de professores e professoras da rede pública e da rede privada de educação básica e de cursos livres de inglês e de espanhol. O grupo foi nomeado, pelos próprios participantes, de Núcleo de Estudos de Formação de Professores para a Educação Linguística (NEFPEL) e, a cada ano, acolhe mais participantes interessados em discutir os temas que abordamos: formação de professores, elaboração de material didático, construção de currículo, teoria e pedagogia translíngues, educação linguística e decolonialidade.

Como toda a busca, a minha foi cheia de desvios. Ainda devem surgir mudanças de rumo pela frente. Afinal, como diz Paulo Freire, “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca” (FREIRE, 1996, p. 24)¹. De qualquer maneira, finalmente me sinto feliz com minha carreira e com a perspectiva de poder contribuir com o PPG da Letras, seja da maneira que for.

• • •

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

antonio sanseverino

Professor Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, pesquisador CNPq. Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), com a dissertação "A dupla centralidade na poesia de Gregório de Matos" e doutorado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), com a tese "Realismo e Alegoria em Machado de Assis". Pós-doutorado na Brown University (2018), com apoio da CAPES. Membro do GT-Literatura e Sociedade, da ANPOLL. Desde 2008, dando continuidade à pesquisa da tese, estuda a prosa curta machadiana, tanto a crônica quanto o conto, analisando o lugar ocupado na Formação da crônica brasileira. Especificamente, é pesquisada a crônica machadiana no jornal "Gazeta de Notícias". Atualmente, é realizado o estudo da categoria do realismo. Em andamento conjunto, pesquisa o nexu entre literatura e educação, tendo como foco a leitura do texto literário enquanto experiência formadora. Tem experiência na área de Letras, atuando nas seguintes áreas: poesia moderna brasileira; Machado de Assis, ironia, alegoria e sociedade; educação literária.

DO JORNALISMO PARA LETRAS (GRADUAÇÃO)

Em 1986, entrei no curso de Jornalismo da UFRGS. Ainda sem saber muito o que queria fazer da vida, me envolvia bastante com disciplinas de outras áreas, como Ciência Política, Economia, Linguística. Gostava particularmente de Língua Portuguesa, em que escrevíamos nossos textos e discutíamos em aula. Ao longo do segundo ano de curso, em 1987, fiz várias cadeiras eletivas, algumas na Letras, o que me levou à decisão de trocar de curso. Depois de novo vestibular, comecei a Licenciatura em Letras em 1988.

Como sempre gostei de ler e de estudar, assim me interessava tanto pelas disciplinas de literatura, quanto de língua portuguesa e de linguística. Fui monitor de linguística, primeiro, e de literatura brasileira depois. Da metade para o fim do curso, comecei a lecionar em supletivo para jovens e adultos. Tinha uma pequena experiência de alfabetização, de aulas de matemática, mas nada se compara ao susto das primeiras aulas para um auditório lotado. Foi um impacto tremendo. Eu era e ainda me considero uma pessoa tímida, mas me acostumei com a sala de aula. Neste primeiro momento, dei aula de língua portuguesa e, depois, de produção

textual para adultos. Lembro que eu e uma colega fizemos nosso próprio material de apoio para as aulas de redação. Foi um exercício fascinante.

No último ano do curso, comecei a dar aula em uma escola particular, confessional, de Porto Alegre. Era uma quinta série. Apesar de ser o professor e de planejar com uma colega conteúdos, leituras, atividades e tarefas para docência, posso dizer que foi um período de grande aprendizagem. A sinceridade das crianças de 10 e 11 anos devolvia para mim os meus gestos, as minhas falas, o meu comportamento em sala de aula. A interação franca e a agitação da turma às vezes me exasperavam, mas era um desafio que levou a produzir atividades muito ricas. Lembro em especial já neste primeiro ano de docência em escola, o maravilhoso espanto em acompanhar o aprendizado da leitura e da escrita das crianças durante apenas um ano.

Como estava no final do Curso de Letras, esta experiência profissional ocorreu em paralelo com o estágio de docência em escola pública. Além do contraste com a escola particular, houve a experiência de atuar no período noturno, com alunos mais velhos, que estavam fora da seriação. Não lembro exatamente do projeto, mas guardo na memória de que procurávamos a fundamentação teórica bakhtiniana para construirmos uma prática significativa para a turma.

No ano seguinte, já formado, trabalhei em outra escola, desta vez particular, comunitária, em que havia um projeto de ensino de língua portuguesa, em que as turmas do 5º ano eram

divididas em dois, uma parte para cada professor. Na série, éramos três professores. Fazíamos o planejamento semanal a partir do retorno a partir da avaliação que fazíamos das dificuldades dos alunos. O objetivo central do ensino era o aprendizado da leitura e da escrita. Foi um dos melhores anos como docente, pois construíamos uma proposta coletiva, passo a passo, em que vimos as crianças crescerem, dominarem a escrita e encontrarem uma forma expressiva pessoal.

Até aqui falei do aprendizado docente. Vale dizer que foi preciso aprender bastante para me tornar professor. Destaco em especial o desafio em trabalhar com crianças, que mostram de modo franco quando uma atividade não tem pertinência, quando não está sendo significativa. Lembro que dava aula à tarde e tinha os dois últimos períodos da sexta-feira com uma turma bastante agitada. Com toda inexperiência, eu era o conselheiro da turma, tentando encontrar um jeito de fazermos o grupo acompanhar melhor as demais disciplinas, mas as aulas de sexta me deixavam invariavelmente esgotado, sem uma gota de energia.

Se à noite, primeiro, e à tarde, depois, já era professor, de manhã continuava aluno da graduação. Ao longo dos quatro anos, fui descobrindo que meu maior interesse era a literatura. Continuava interessado em língua portuguesa. Tive excelentes professores de fonologia e de sintaxe, que levaram a uma leitura mais atenta da forma do texto. Em paralelo à disciplina de fonologia, fazia uma cadeira eletiva da antropologia, que estava centrada na leitura da Lévi-Strauss. Imagino que tenha sido um trabalho precário, mas lembro

particularmente com gosto do estudo da história do estruturalismo, da articulação entre antropologia, fonologia e teoria da literatura. Ainda bem que perdi a cópia do trabalho e fiquei com a memória (provavelmente enganosa!) de que era bom. Outro trabalho de que gostei bastante, feito na disciplina de sintaxe, foi uma análise do discurso direto livre em contos brasileiros contemporâneos.

Apesar do interesse pelos estudos linguísticos, meu maior foco recaía nas disciplinas de literatura brasileira, de teoria da literatura. No início, fiz seminários de criação literária, escrevi contos, o que foi uma experiência importante, mas, ao longo do curso, me encaminhei para a leitura crítica das obras. Na imagem de Henry James, sempre me interessei em descobrir o desenho do tapete, aquele fundamento que define e organiza a obra de um autor. Mesmo que fosse a leitura de um soneto, ou de um conto, sempre tentei o comentário crítico.

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS, ENTRE LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA

Fiz a seleção para o mestrado no último ano do curso, quando já era professor. Lembro até hoje da prova escrita. Se perguntarem o que escrevi, não sei exatamente, mas lembro que, aproveitando a pesquisa feita para o estágio docente, se tratava de uma leitura bakhtiana de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A outra pergunta era sobre Oswald de Andrade. Assim, em 1992, entrei no Mestrado em Literatura Brasileira do PPGLET/UFRGS.

A primeira aula coincidiu com a formatura em gabinete. Tive de sair mais cedo para fazer o juramento e me tornar oficialmente um licenciado em letras. No primeiro dia, o professor passou uma lista de livros para a turma. Eram os livros imprescindíveis para quem desejava fazer sua formação em estudos literários. Não sei dos colegas, mas eu tinha lido mais ou menos a metade. A insegurança, que já era grande ficou enorme, o que me levou aos sebos do centro de Porto Alegre para buscar os romances que ainda não tinha lido. Como perdi a lista, não sei se já fiz todas as leituras, mas me tornei professor de literatura brasileira.

Provavelmente, o objetivo fosse nos alertar para a necessidade continuarmos sempre a ler. Hoje consigo ver que a lista de obras fundamentais carrega consigo a concepção de que há um repertório canônico, incontornável, que deve ser de conhecimento do estudioso de literatura. Além disso, havia a ideia de que, antes de formular uma pergunta teórica ou histórica, mais importante era ler literatura. Já como professor de graduação, lembro de um colega dizendo que não seria necessário indicar leituras críticas. Gostaria apenas de destacar que os críticos, leitores especializados, não trazem a verdade sobre a obra literária, mas trazem uma posição com a qual se dialogar.

Ao longo do mestrado, todas disciplinas foram importantes na formação. Poderia listar diferentes cursos e docentes, mas me restrinjo a duas disciplinas. No primeiro caso, foi no estudo da literatura colonial brasileira que encontrei o objeto da pesquisa, a dupla centralidade na poesia atribuída a Gregório de Matos.

A outra disciplina foi a leitura do conto machadiano, cujo trabalho final foi a semente para o projeto de doutorado.

Vários colegas foram marcantes na trajetória. Lembro das aulas em que debatíamos sobre um conto, um poema ou uma questão, mas recordo especialmente os encontros de estudos em que líamos uns os trabalhos dos outros. Vem daí um aprendizado simples, e extremamente importante, sobre apresentação de trabalhos. Desde a organização da fala, a interação cuidadosa com os interlocutores, a exposição pausada. Até hoje me entusiasmo ao apresentar uma obra ou questão que me toca, passando, então, a falar rápido, mas sempre trago organizada a exposição preparada num gesto de respeito a quem se dispõe a ouvir e a conversar.

Para não esquecer ninguém, para evitar personalização, não tenho dito o nome dos colegas ou dos professores. Quero referir, no entanto, a orientadora, professora Maria do Carmo Campos, que não apenas deu as diretrizes fundamentais para a pesquisa e para elaboração da dissertação quanto abriu outros espaços. Lembro em especial da leitura de João Cabral de Melo Neto.

Realizei o doutorado logo após o mestrado, sem intervalo entre um e outro, mas saí da UFRGS e entrei no Curso de Pós-Graduação da PUCRS. Foi uma troca importante. Depois de graduação e mestrado na UFRGS, a troca propiciou uma experiência em outro ambiente acadêmico. No primeiro ano, a dedicação às disciplinas, no primeiro ano, contribuiu para a ampliação do horizonte de estudos e de pesquisa. Depois, durante o tempo do doutorado, além da tese, vale referir a participação no gru-

po de pesquisa, em que cada um dos doutorandos se dedicava ao estudo de um teórico. Da minha parte, mergulhei na leitura de Theodor Adorno, a fim de analisar a categoria da mediação, tendo como foco a relação entre literatura e sociedade e o modo como os conflitos sociais não resolvidos se transformam em em tensões formais na obra literária. Assim, como fiz na brevíssima apresentação do mestrado, refiro minha orientadora, a professora Regina Zilberman. O rigor e a atenção dispensada à leitura de cada capítulo, as indicações de leituras, o apontamento das falhas foram fundamentais para realização da tese sobre Machado de Assis, sobre as tensões entre realismo e alegoria.

DOCÊNCIA E ORIENTAÇÃO NO PPGLT

Entre a conclusão do doutorado, defendido em janeiro de 1999, e o ingresso na UFRGS, trabalhei como docente e coordenador do curso de Letras no UniRitter. Foi um período de aprendizado profissional importante, mas em 2004 decidi realizar o concurso para Literatura Brasileira na UFRGS, em que ingressei em agosto de 2005. A volta para o Instituto de Letras trouxe novamente a dedicação integral aos estudos literários em um ambiente acadêmico muito vivo.

Em 2006, me credenciei como professor na especialidade de literatura brasileira. O credenciamento como orientador se deu no ano seguinte, primeiro mestrado e mais tarde doutorado. Em 2013, atuei como coordenador adjunto do PPGLT, como vice de

Valdir Flores. Entre 2019, voltei à coordenação tendo como adjunta a professora Simone Sarmento. Em 2021, permanecemos com a mesma comissão coordenadora, agora invertendo as posições, em que estou como vice.

Neste período, há várias dimensões importantes interligadas. A primeira está no foco em uma pesquisa individual, em que se procura elaborar uma contribuição para a área. Não se trata de um processo linear. No meu caso, posso referir um elemento constante que percorreu os anos de trabalho, a relação entre a literatura e a sociedade, entre formas estéticas e os processos sociais. Assim colocado poderia parecer algo simples, mas há uma diversidade de estudos, que agora não vou referir, para a apenas destacar a necessidade de um rigor teórico que sustente as leituras feitas. Da trajetória de pesquisa, destaco atualmente o estudo da poesia de Drummond e de Bandeira, a partir da categoria do gesto, enquanto “gestus” brechtiano, a fim de analisar o quanto a lírica, ainda que mergulhada na subjetividade, carrega consigo as tensões sociais.

As disciplinas, atualmente dentro das linhas de pesquisa em que atuo, estão voltadas para a formação discente, mas ecoam os fundamentos do projeto de pesquisa. Assim, na linha Literatura, Sociedade e História da Literatura, foco na leitura da obra literária a partir da análise formal enquanto expressão de tensão social, e na linha de Estudos Literários Aplicados, desenvolvo estudos sobre a formação do leitor, a partir da concepção de educação literária. Este não é o espaço de expor as duas dimensões, interligadas,

mas cabe referir que a disciplina tende a ser um espaço de pesquisa, em que se procura dar espaço aos discentes para aprofundarem os estudos na sua área de atuação.

Outra dimensão importante da atuação em pós-graduação é a orientação de mestrandos e doutorandos. Temos na graduação a oportunidade de orientar Iniciação Científica, mas se trata de iniciação, como diz o nome, de estudantes envolvidos com uma diversidade de disciplinas e estudos. No PPG, os discentes têm a oportunidade de se dedicar integralmente a uma área, a mergulhar nos estudos de um tema, assim de se construir uma pesquisa de fôlego. Acompanhar este trabalho, implica uma relação de aproximação e distância com a pesquisa do orientando – proximidade, pelo conhecimento temático que permite indicar e referir autores e obras relevantes; distanciamento, para ajudar na construção de organização da pesquisa e, depois, da escrita da dissertação ou tese.

Por fim, cabe referir uma quarta dimensão, de administração e política acadêmica. Em tempos de pandemia, a necessidade de lidar com a estrutura de funcionamento de um Programa de Pós-Graduação em Letras, do tamanho do nosso, foi um tremendo desafio. Para não me alongar, me concentro apenas na política de bolsas, pois é fundamental para que os discentes possam se qualificar. Estamos falando da formação de novos quadros para atuarem na docência e na pesquisa, sendo assim estamos tratando da necessidade de se dedicar integralmente ao estudo de uma área específica. Nesse período,

acompanhamos a diminuição da oferta de bolsas de mestrado e de doutorado. A dedicação ao conhecimento vem de uma vontade individual, mas precisa de amparo material para que possa se desenvolver. Este amparo vem de uma política pública que valoriza, ou não, a pesquisa e produção de conhecimentos. Cabe dar um exemplo positivo a fim de mostrar o efeito de uma política pública de financiamento, trata-se do Programa de Internacionalização, PRINT/UFRGS. Os doutorandos, que tiveram a oportunidade de pesquisar em outra universidade, fora do Brasil, trouxeram de volta na bagagem não apenas uma pesquisa qualificada para sua tese, como uma experiência acadêmica decisiva na sua formação. A partir deste único exemplo, o das bolsas para os estudantes, quis apontar a necessidade de atentar para a construção de uma base material que dê condições para a pesquisa e que mantenha um horizonte aberto para novos docentes e pesquisadores.

NOTAS FINAIS

Enquanto professor, historiador ou crítico, o pesquisador vai fazer a obra falar algo que vai além do óbvio, ou da recepção pessoal e impressionista, mas, cada vez mais, não se trata de trabalho isolado. Trata-se de trabalho individual, claro, mas em diálogo com outros pesquisadores. Assim, a rede de periódicos e a possibilidade de intercâmbio ajudam a dimensionar o lugar da minha pesquisa no campo em que estou inserido. Qual a relevância de meu

estudo? Qual a pertinência? Em que meu trabalho contribui para renovação do campo? Qual aspecto diferencial acrescenta? Como meu trabalho dialoga com meus pares? As perguntas poderiam se suceder, sem fim, mas a questão central é que o fortalecimento da pesquisa em pós-graduação, na área de Estudos Literários, nos obriga a refletir sobre o lugar e a necessidade de nosso trabalho para além de veleidades pessoais.

Desde a entrada para a graduação em Letras em meados dos anos de 1980 até agora, passando por Mestrado e Doutorado (nos anos de 1990), há obviamente diversas mudanças. Para evitar generalidade, vou referir apenas uma. No mestrado, início dos anos de 1990, quando queria ler artigos acadêmicos, tinha de procurar os registros no computador da biblioteca, percorrer as estantes, separar os periódicos. Depois, se encontrasse algo de interesse, era importante fazer a cópia para uma leitura mais atenta posteriormente. Hoje, no celular ou no computador, abrimos um buscador de pesquisa e encontramos dezenas, centenas, às vezes, milhares de artigos sobre nosso tema de interesse em periódicos nacionais e estrangeiros. Este é apenas um elemento, talvez acessório, para mostrar como o cotidiano da pesquisa acadêmica mudou.

Quando esbocei o esquema do presente texto, tinha também elencado as novidades teóricas e críticas que venho acompanhando desde minha graduação para mostrar as mudanças na pesquisa em Estudos Literários. Disto ficou apenas a busca dos artigos em periódicos em diferentes bibliotecas, sendo que às vezes era um amigo que emprestava o texto para copiarmos, pois o acesso era

difícil. Em outros termos, a busca de novidades teóricas e analíticas, esteve presente na graduação nos anos oitenta, nos anos noventa na pós-graduação e está presente ainda agora. Assim, me pareceu mais importante referir um princípio constante, que independe das novidades do presente, que é a busca de rigor, da seriedade ao nos aprofundar no estudo de um tema e apresentar alguma contribuição ao nosso campo de estudos.

Ao finalizar o texto, vi que faltou espaço para várias questões, mas quero referir apenas uma delas. Uma interrogação que me angustia desde a graduação em Letras. Trata-se das obras literárias que preciso ler, mas nem durante o tempo de uma vida conseguirei ler. Trata-se da tradição literária, no sentido da transmissão de autores e de obras literárias ao longo do tempo. Autores, obras da nossa língua e de outras tantas línguas que nos dizem respeito e seria importante ler e incorporar à nossa experiência. Não se trata do ponto de vista conformista, melancólico, de ler uma história acabada, dos vencedores, nem de valorizar apenas um perfil de autores e de obras. Trata-se de dialogar com a tradição pelo ponto de vista crítico, dando espaço e voz para aqueles que foram silenciados. Tradição sem tradicionalismo, em suma. Assim quem estuda literatura se defronta com uma exigência que ainda persiste que nos leva a figurar o historiador ou o crítico como eruditos que leram tudo o que era possível da sua área. Não há uma solução fácil para este nó, mas ele nos ajuda a ver como mudou a concepção do pesquisador em letras, que deixa de se deslocar da erudição pura para uma capacidade de leitura crítica,

aberta a questionar seu lugar numa tradição de estudos.

De quando fui estudar a literatura brasileira do século XIX até agora, vou descobrindo cada vez mais autores e obras a serem lidos. Poderia ler apenas os autores canônicos e as obras consagradas. Assim, leria José de Alencar, ressaltando *Iracema* e *Senhora*, mas deixaria de lado outros romances, as peças de teatros, suas crônicas e outros textos jornalísticos? A resposta é ainda mais complexa, pois, à medida que os estudos foram se aprofundando, enquanto rede de pesquisa, vemos surgir na esteira do questionamento do cânone literário, a necessidade de atentar para outros autores, para outras obras que haviam sido relegadas ao esquecimento. Não é mais possível alguém responder, sem ser ingênuo ou cabotino, que um autor, uma obra ou um gênero é irrelevante, pois depende de interrogar a literatura enquanto experiência viva no passado e que ainda possa ser atual. Assim, volto a persistente angústia e curiosidade de ler um vasto acervo de obras literárias. É impossível ler tudo, não se pode esgotar a produção literária nem mesmo de um período, a literatura continua a ser produzida e a responder demandas atuais... Assim, importa selecionar o que se vai estudar, recortar seu objeto de pesquisa, questionar sobre a pertinência do estudo e sobre sua contribuição para a área, mas importa ainda mais se manter atento e receptivo para o que ainda está além de nossa vista, mas poderá ser importante ouvir, ler, descobrir.

• • •



carina rebello cruz

Graduação em Fonoaudiologia pela Federação de Faculdades Metodista do Sul, formação em interpretação de Língua de Sinais Brasileira-Português pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (FENEIS) e pelo Núcleo de Pesquisas de Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestrado em Letras-Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutorado em Letras-Linguística Aplicada pela UFRGS. Fonoaudióloga. Conselheira no Conselho Regional de Fonoaudiologia da 7ª Região do 5º Colegiado (2016 – 2019) e do 6º Colegiado (2019 – 2022). Atualmente, professora na UFRGS, Departamento de Línguas Modernas, e no Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa: Psicolinguística. Membro do Laboratório de Bilinguismo e Cognição (LABICO).

○ meu credenciamento no Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ocorreu em dezembro de 2018, na área de concentração de Estudos da Linguagem, na linha de Psicolinguística. A caminhada acadêmica-profissional que me conduziu até o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS iniciou em 1991 quando ingressei no Curso de Fonoaudiologia no Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC), atualmente, Centro Universitário Metodista – IPA, estabelecido na cidade de Porto Alegre (RS). No período entre 1991 e 1995, em 9 semestres, aprendi muito sobre linguagem e, principalmente, sobre aquisição (esperada e desviante) por falantes de uma língua oral (sonora). Além disso, tive a oportunidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio de cursos em uma escola especial para surdos e com integrantes da comunidade surda. Durante 4 anos conheci surdos de diferentes faixas etárias, muitas histórias de vida, pais e familiares de crianças surdas e pude constatar que, nessa população, era comum a aquisição tardia de uma primeira língua (L1), pela falta de acesso a uma língua natural (como a Libras) desde o nascimento, atrasos na linguagem e falta de atendimento especializado às crianças surdas sinalizantes com alterações na área da linguagem. Essa experiência contribuiu para reflexões sobre muitas questões relacionadas à aquisição de linguagem, nessa população,

que não eram contempladas durante a formação acadêmica no Curso de Fonoaudiologia, pois apenas a língua oral era estudada, inclusive nas disciplinas de Linguística I e II.

Atuei como fonoaudióloga clínica durante 20 anos (1996-2016), principalmente na área da linguagem, atendendo crianças surdas e ouvintes e seus familiares. A maioria eram bebês surdos, crianças surdas que estavam iniciando o processo de aquisição da Libras ou estavam em processo de aquisição da linguagem por meio da Libras e/ou Português (oral e/ou escrito). A experiência como fonoaudióloga clínica e como intérprete de Libras (desde 1997) contribuiu para despertar o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre a aquisição da linguagem em uma modalidade visuoespacial e Libras, e aprender a desenvolver pesquisas científicas.

Assim, em 2006, ingresso no Mestrado em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O estudo desenvolvido durante o Mestrado (2006-2008), com orientação da Profa. Dra. Regina Ritter Lamprecht, propôs a elaboração e a aplicação de um instrumento para avaliar a consciência fonológica de crianças surdas usuárias de Libras em um dos principais parâmetros estudados na fonologia da língua de sinais, a configuração de mão (CM), e também a análise do próprio instrumento quanto à sua aplicabilidade e eficiência. A pesquisa foi pioneira, pois não havia publicações sobre consciência fonológica de uma língua de sinais.

No Doutorado (2012-2016), realizado na UFRGS, com a orientação da Profa. Dra. Ingrid Finger, foi aprimorada a proposta de instrumento elaborada e testada durante o Mestrado. No estudo

‘Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio’, foi elaborado um novo Teste de Consciência Fonológica em Libras (TCF – Libras) considerando os três parâmetros que formam os sinais nas Línguas de Sinais (configuração de mão, movimento e locação). A aplicação do teste, por meio do software E-Prime, que mede acurácia e tempo de resposta, verificou o nível de consciência fonológica na Libras em crianças, adolescentes e adultos surdos bilíngues, visando analisar os possíveis efeitos do início precoce ou tardio da aquisição da linguagem nas crianças e adolescentes surdos. Os resultados do estudo constataam prejuízos no processo de aquisição com início tardio e reforçam a importância de bebês surdos e crianças surdas iniciarem seu processo de aquisição da L1, na língua de sinais, o mais cedo possível. Além dos estudos realizados no Mestrado e no Doutorado, foram desenvolvidos e publicados estudos sobre testes para avaliação da Linguagem, em Libras, e sobre a aquisição bilíngue bimodal (aquisição de uma língua oral e uma língua de sinais por crianças ouvintes filhas de pais surdos e por crianças surdas usuárias de implante coclear, filhas de pais surdos ou de pais ouvintes), no Brasil e em parceria com universidade internacional.

O trabalho iniciado em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS tem oportunizado a continuidade dos estudos e contribuições em pesquisas, o oferecimento de disciplinas sobre aquisição da linguagem por surdos, aquisição de Libras e aquisição bilíngue bimodal, assim como a formação de novos

pesquisadores, surdos sinalizantes ou ouvintes, que desenvolvem suas pesquisas sobre Libras e/ou surdos, na área de concentração de Estudos da Linguagem, linha de Psicolinguística.

É uma alegria e uma honra fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, que tem contribuído imensamente para o desenvolvimento de pesquisas científicas e formação de pesquisadores na Área de Letras: Estudos da Linguagem e Estudos da Literatura, assim como das comemorações dos primeiros 50 anos de sua história.

• • •

carmem luci da costa silva

Professora Associada em Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Letras, com ênfase em Licenciatura de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, credenciada na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas. Orientadora de mestrado e de doutorado, com atuação nos seguintes temas: teorias enunciativas, com ênfase nas perspectivas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot; aquisição e ensino de língua materna; análises textuais; leitura e produção de textos. Desenvolve pesquisas e apresenta publicações em análises textuais, aquisição e ensino-aprendizagem de língua materna, embasadas na perspectiva enunciativa de linguagem. Participou da organização do Dicionário de Linguística da Enunciação. Integrou as comissões de elaboração da proposta de criação dos cursos de Fonoaudiologia e de Letras-Libras da UFRGS. Coordenou de 2010 a 2015 o Projeto Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa no âmbito do Programa de Apoio à Graduação da UFRGS. Atualmente, é diretora do Instituto de Letras da UFRGS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPq.

ESTE PPG-LETRAS QUE FAZ HISTÓRIA PELA LINGUAGEM: SOBRE BENVENISTE, ENUNCIÇÃO E OUTRAS HISTÓRIAS

PALAVRAS INICIAIS

O subtítulo deste texto faz remissão à bela entrevista realizada por Guy Damur com Émile Benveniste, publicada no segundo capítulo do *Problemas de Linguística Geral II*. Trata-se do texto “Esta linguagem que faz história”. Faço, aqui, um deslocamento para lidar com a ideia de que o PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul faz a sua história pela linguagem porque, necessariamente, há, em todas as suas frentes de atuação, relações humanas que por meio dela se concretizam. Sob efeitos das palavras de Benveniste de que “É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (BENVENISTE, 1989, p. 32), reitero que é a linguagem, por sua necessidade, que constitui a história de nosso PPG-Letras.

Como falar dessa história? Valendo-me do grande linguista Benveniste, que tem fundamentado as minhas pesquisas e as da maioria de meus orientandos neste PPG, posso adiantar ao

leitor que evocarei essa história a partir de minha “experiência subjetiva”, porque os acontecimentos que vivi neste PPG “não são o tempo, eles estão no tempo” (BENVENISTE, 1989, p. 32). Com efeito, esse tempo crônico dos acontecimentos pode ser objetivado na cronologia, em datas do calendário e em anos de existência (a exemplo dos 50 anos do PPG-Letras na UFRGS, tema deste livro), mas, aqui, ao escrever sobre a minha inscrição na história do PPG-Letras, insiro esse tempo crônico na língua: “É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irreduzível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico” (BENVENISTE, 1989, p. 74). Nessa linha, situo-me em um presente da enunciação que engendrará acontecimentos que, não mais contemporâneos a este exercício de escrita, serão nesse discurso evocados.

O tempo presente da enunciação, ao funcionar como fator de intersubjetividade, possibilita-me compartilhar, com os leitores desta obra, um processo de troca que “remete [à] experiência humana inscrita na linguagem” (BENVENISTE, 1989, p. 80). São relações reversíveis que vivi com outros, em trocas, que inscreveram – em diferentes tempos e espaços –, distintas instâncias de intersubjetividade. Nessas instâncias de intersubjetividade, fui enredando a minha história à história do e no PPG.

Como ocorreu o entrelaçamento dessas histórias pela linguagem? A resposta a essa questão apresentarei neste texto, substituindo “os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’” (BENVENISTE, 1995, p. 30).

DE DISCENTE A DOCENTE DO PPG-LETRAS/UFRGS: TEMPOS E ESPAÇOS DISTINTOS DE INSCRIÇÃO NO PROGRAMA

Estudante desde a graduação em Letras na UFRGS e bolsista de Iniciação Científica desde o quarto semestre, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães, encontrava-me no final da graduação já convocada a continuar no campo da pesquisa. Assim, a seleção e a entrada no mestrado em Língua Portuguesa (nome da área de estudos do PPG a que, à época, me vinculei) permitiram-me desenvolver a pesquisa que resultou em minha dissertação de mestrado, intitulada “A polifonia no discurso narrativo infantil” e defendida em 1997. A partir desse título, depreende-se meu interesse, desde o mestrado, pelo diálogo entre dois campos de estudo: o de aquisição da linguagem e o de enunciação.

A entrada, em 2000, como docente no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras, ainda como mestre, levou-me a desenvolver pesquisas, fomentando essa relação entre aquisição e enunciação. Com o credenciamento do Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores no PPG-Letras, programa então reestruturado em duas grandes áreas de concentração – “Estudos da Literatura” e “Estudos da Linguagem” –, cada uma com subáreas, fiz a seleção para o doutorado na subárea Teorias do texto e do Discurso, linha de pesquisa “Análises Textuais e Discursivas”, mais tarde renomeada como “Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas”. A aprovação no doutorado e o desenvolvimento da tese, sob

a orientação do professor Valdir Flores, levou-me a desenvolver uma pesquisa inédita e pioneira tanto no país quanto fora dele, ao fornecer uma explicação para aquisição da língua materna pela criança a partir do ponto de vista enunciativo benvenistiano.

A partir deste relato, observa-se, na história do PPG-Letras, mudanças que foram ocorrendo, enredada a histórias particulares, em que saliento o protagonismo do professor Valdir Flores não somente na estruturação de áreas deste Programa, mas principalmente em uma linha de pesquisa que contemplava texto e discurso, enquanto a enunciação comparecia timidamente. Até a entrada do termo “enunciativas” na linha, muito trabalho em “enunciação” foi realizado na UFRGS, por meio desse “destemido” pesquisador, Valdir Flores, em parceria com a PUCRS e a UNISINOS, via presença sempre muito atuante de duas grandes pesquisadoras dessas instituições, respectivamente, Leci Borges Barbisan e Marlene Teixeira. Entre as produções resultantes dessa parceria e que deram visibilidade ao campo enunciativo no país, cito a obra *Dicionário de Linguística da Enunciação*, obra organizada justamente por Valdir Flores, Leci Barbisan e Marlene Teixeira, juntamente com Maria José Finatto, pesquisadora do campo da lexicografia e da lexicologia.

Com o campo da enunciação em desenvolvimento no PPG-Letras, pude conhecer a obra de Émile Benveniste, guiada pela orientação segura e sempre problematizadora do professor Valdir Flores. Com um novo objeto a ser pensado nesse campo, a aquisição de língua materna, passei a investigar a aquisição

a partir do ponto de vista enunciativo benvenistiano. Desafios me instigaram a desenvolver esse diálogo entre o campo da aquisição e o campo da enunciação benvenistianiana: 1) a “falta”, no campo enunciativo, de uma reflexão sobre a aquisição da linguagem e 2) a “falta”, no campo aquisicional, de uma explicação enunciativa para a entrada da criança em sua língua materna, pois, se havia estudos descritivos acerca de aspectos enunciativos da fala da criança, inexistia uma explicação teórica, à luz de um ponto de vista enunciativo, sobre a constituição da criança como falante. Essa dupla falta me impulsionou a preenchê-la nos dois campos: no de aquisição e no de enunciação.

Minha tese, intitulada *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*, mais do que deslocar ou transpor princípios de um campo para outro, propôs uma teorização sobre a aquisição a partir de princípios enunciativos. Além disso, a tese teve o desafio de converter um tema latente na obra de Benveniste – “a criança na linguagem e sua entrada em uma língua” –, tema tangenciado em textos introdutórios de seus *Problemas de linguística Geral I e II*, em programa de pesquisa de aquisição de língua materna a partir de princípios de sua teoria da linguagem. Publicada mais tarde como livro, sob o título *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*, a tese desenvolvida no PPG-Letras tem aberto um espaço de produção e divulgação de conhecimento nessa relação entre os campos de enunciação e de aquisição.

Com a titulação adquirida, fui credenciada no PPG-Letras-

-UFRGS, na linha de pesquisa “Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas”, espaço no qual encontro abrigo para desenvolver e orientar pesquisas não somente na interface entre os campos da aquisição e da enunciação (com foco nas perspectivas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot), mas também na exploração de abordagens enunciativas de textos e na relação ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa por um viés enunciativo.

A história desse entrelaçamento apresento na seção seguinte.

DOS MODOS DE INSCRIÇÃO NA LINHA DE PESQUISA ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

Nas “trilhas” de Benveniste e de Ducrot, os objetos “aquisição da linguagem”, “ensino-aprendizagem de língua materna” e “texto” têm sido tematizados e problematizados nos trabalhos que desenvolvo a partir de alguns pontos de vista transversais: 1) da aquisição da língua materna pela criança ao ensino-aprendizagem de língua materna – do fundamental à Universidade –, está implicada a instauração humana nos sentidos sociais da língua em uso nas distintas situações; 2) a interlocução é inerente à língua em uso; 3) forma e sentido estão integradas em todas as unidades (seja nas formas mais aparentes – unidades segmentáveis –, seja nas menos aparentes, caso de certas expressões vocais fugidias, que evocam sentidos). Se forma e sentido são noções gêmeas, integradas em todas as unidades da língua, a integração dessas unidades no

discurso é um trabalho realizado por quem está no centro dos atos de enunciação, tanto os de produção vocal e escrita; quanto os de escuta e de leitura, ou seja, é um trabalho realizado, respectivamente, pelo falante, pelo escrevente, pelo ouvinte e pelo leitor.

As pesquisas e as orientações que têm marcado a minha história no PPG-Letras buscam explorar os “vestígios” dos mecanismos envolvidos nos modos como a criança em aquisição e discentes em situações de ensino-aprendizagem integram forma e sentido quando se deparam com a língua em emprego nos discursos presentes nas distintas práticas sociais.

Um dos trabalhos que considero revelador de integração de nosso PPG-Letras nas práticas sociais da Universidade está relacionado ao Programa de Apoio à Graduação (PAG), programa que coordenei no âmbito do Projeto de Língua Portuguesa. Vinculado ao REUNI, esse programa, em um esforço conjunto das Pró-Reitorias de Graduação e de Pós-Graduação, forneceu bolsas de monitoria a discentes do Instituto de Letras (graduação) e bolsas CAPES-Reuni ao Programa de Pós-Graduação em Letras (mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos). A equipe do Projeto, formada por discentes da Graduação e da Pós-Graduação, sob minha coordenação, obteve um importante protagonismo na elaboração e proposição de atividades de leitura e escrita em oficinas, com vistas a maior inclusão de discentes da graduação nos modos de enunciação presentes nas práticas de uso da língua na universidade. Essa inclusão se estendeu à Pós-graduação, com o propósito de realização de oficinas de leitura e escrita acadêmicas.

Destaco, como efeitos do Projeto de Língua Portuguesa no âmbito do PAG, os seguintes pontos: integração dos alunos dos diferentes cursos da Universidade – diálogo entre os saberes; interlocução entre os diferentes níveis – graduandos, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos; formação e incentivo à docência no ensino superior devido à atuação, nas oficinas, de bolsistas CAPES – mestrado, doutorado e pós-doutorado –; produção de conhecimento a partir da elaboração de dissertações e teses que tomaram como objetos de pesquisa, no contexto universitário, o texto e o trabalho em sala de aula com ênfase na interlocução.

A incursão no PAG-LP, que incrementou bolsas no PPG e inseriu discentes deste em práticas sociais engajadas e inclusivas na Universidade, apontou um modo possível de viabilizar um trabalho, no contexto universitário, com uma proposta que procura expor os discentes a situações de aprendizagem significativas, em que a reflexão acerca dos conteúdos textuais e gramaticais esteja atrelada aos usos e às demandas exigidas pelas atividades acadêmicas.

PALAVRAS FINAIS

Acredito que esta minha história de inserção na docência e na orientação no PPG-Letras da UFRGS somente foi possível por ter vivido grandes experiências inscritas na linguagem, em que buscava me instaurar como professora e como pesquisadora em uma relação com colegas docentes e com discentes.

A linguista Claudine Normand, em um interessante texto de

2009, argumenta que Benveniste encontrou Saussure; para ela, cada geração herda um tesouro “e é encarregada de transmitir, de fazer prosperar; missão e transmissão” (NORMAND, 2009, p. 197). Em um deslocamento para este texto, eu diria que, neste Programa de Pós-Graduação em Letras, encontrei muitos professores, pesquisadores e discentes que fizeram e fazem suas histórias e escrevem a história deste Programa, o qual completa 50 anos em sua cronologia, mas que carrega, na linguagem, uma história singular que se mistura com a história daqueles que dele participam, caso da autora deste texto.

Sigamos essa história com muitos encontros de missão e transmissão.

BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, Émile. (1966). *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995. 387 p.

_____. (1974). *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989. 294 p.

FLORES, Valdir do N. ; BARBISAN, Leci B. ; FINATTO, Maria José ; TEIXEIRA, M. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo, Contexto, 2009. 288 p.

NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Claudine Normand, Valdir do N. Flores e Leci B. Barbisan (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas: Pontes Editores, 2009, 297 p.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Acesso em: 18 set. 2021.

• • •

A horizontal strip of yellow, textured paper with a deckled edge, serving as a background for the name.

elaine indrusiak

Professora Associada do Departamento de Línguas Modernas e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui graduação em Letras – Língua Inglesa (1998), mestrado (2001) e doutorado (2009) em Letras – Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É tradutora pública e intérprete comercial do RS e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (UFRGS) e do grupo de pesquisa Intermídia (UFMG). Realizou Pós-Doutorado junto ao Departamento de Cinema e Mídias Interativas da University of Miami (2015-2016). Tem experiência de ensino e gestão na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos de adaptação e intermedialidade, estudos de narrativa, literaturas e culturas de língua inglesa, estudos de tradução e literatura comparada.

Em *Epitáfio*, o “titã” Sérgio Britto sintetizou os motivos por que entrei para o curso de Letras no já longínquo ano de 1994: O acaso vai me proteger / Enquanto eu andar distraído. Eu andava distraída; pensava que minha paixão por livros e por filmes “velhos”, assim como minha facilidade para escrever e para aprender línguas, eram aptidões de segunda grandeza *que não deveria levar (tanto) em consideração para minha escolha profissional*. Não me via professora, tampouco tradutora; me via médica.

Felizmente, o acaso não me via assim, e me fez apontar Letras como segunda opção na inscrição para o Vestibular da UFRGS (coisa que nem existe mais). Feito isso, ele (o acaso) e a média ponderada decidiram que, para ser médica, eu precisaria de umas aulas a mais de química, mas para Letras eu já estava “no ponto”. Não entendi, de imediato, o recado; mas matriculei-me no curso – Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa – com o firme propósito de ali ficar por apenas um semestre, aproveitando a hospitalidade do Campus do Vale para caprichar nos estudos de literatura, línguas e redação para, posteriormente, encarar as exatas e biológicas com renovadas forças para novo Vestibular.

Uma semana. Foi isso que durou meu plano; uma semana de aulas, e nunca mais me afastei das letrinhas. Acaso, destino, ou amor à primeira vista; tanto faz. O fato é que ao final do primeiro

mês de aulas eu já era monitora de inglês, algo que também viria a “selar o destino” mais adiante.

Certamente a minha identificação imediata com o curso ocorreu, também, em função de minha familiaridade com o inglês, língua que eu estudava desde criança. Já no final do primeiro ano de faculdade, fui contratada como professora do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, um centro binacional que oferece cursos de língua e cultura e que, à época, tinha uma biblioteca que eu considerava um dos espaços mais maravilhosos do centro de Porto Alegre. Tudo levava a crer que eu seguiria por essa área de ensino de língua estrangeira, um dos braços dos Estudos Linguísticos, mas havia uma coisa me incomodando: eu achava o fim da picada essa divisão entre linguística e literatura, que parece ser tácita e inescapável nos cursos de Letras do Brasil.

Na verdade, ainda acho, mas hoje tenho uma melhor compreensão de que não se trata de uma divisão arbitrária ou mantida por mera inércia, mas algo cuja superação demanda esforços orquestrados de uma série de setores envolvidos. O fato é que eu adorava as aulas de língua e de linguística, mas meus olhos brilhavam mais nas aulas de literatura, fossem de língua portuguesa, que estudei com a professora Jane Tutikian, fossem de línguas estrangeiras. Foi com a saudosa professora Márcia Hoppe Navarro que descobri Cortázar e Borges, e aos poucos, comecei a achar que ensinar inglês não me dava a oportunidade de ler e discutir também esses autores de língua espanhola, então, talvez fosse o caso de repensar aquela história de medicina. Mas essa era uma

época de transformações dentro do IL e, assim como eu, a Profa. Patrícia Lessa Flores da Cunha, de quem eu havia sido monitora, estava trocando o ensino de inglês pela teoria literária.

Essas transformações refletiram a efervescência causada em nível nacional pelo crescimento da Literatura Comparada como disciplina autônoma e da consolidação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) como uma das principais entidades de pesquisa literária na América Latina. Fundadora e primeira presidente da Associação, a professora Tânia Franco Carvalhal também viria a assumir a vice-presidência da prestigiosa International Comparative Literature Association, e sua atuação no Instituto de Letras redundou não apenas em importantes publicações e eventos acadêmicos, mas, acima de tudo, na formação de uma geração de competentes comparatistas que seguiram atuando no IL e em diversas outras universidades brasileiras.

Em 1996, imbuída desse mesmo espírito comparatista, gregário e expansionista, a professora Neusa da Silva Matte, que também me apresentou grandes autores nas aulas de literatura inglesa, capitaneou um grupo de pesquisadores de tradução do IL para formar o Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva; o NET para os íntimos. Abrigando projetos de pesquisa em tradução do inglês (Neusa Matte, Patrícia Lessa Flores da Cunha, Sara Viola Rodrigues e Vânia Falcão), do espanhol (Pedro Câncio da Silva e Maria Lúcia Machado de Lorenci), do francês (Maria Luíza Berwanger da Silva), do alemão (Erica Schultz), do italiano (Daniela Norci Schroeder), do japonês (Tomoko Kimura Gaudio e Meiko Shi-

mon) e do latim (Lúcia Sá Rebello), o NET passou a desempenhar (e o faz até hoje) papel de destaque na qualificação das diferentes ênfases do Bacharelado em Letras da UFRGS.

Ainda sob a mesma coordenação, o NET lançaria, em 1998, a Revista *Translatio*, periódico dedicado à divulgação de pesquisas em tradução, traduções comentadas e textos seminiais dos Estudos de Tradução. Após uma curta existência impressa, a *Translatio* migrou para o sistema de periódicos eletrônicos da UFRGS, onde ainda cumpre seu importante papel acadêmico sob a editoria do professor Rafael Brunhara e minha. Embora eu fosse aluna da licenciatura, minha experiência muito bem-sucedida como monitora da professora Patrícia rendeu-me um convite para me juntar ao NET como bolsista de Iniciação Científica. Não foi difícil de me convencer a trocar as salas de aula de cursos de inglês pela rotina de pesquisa acadêmica, já que o estudo de tradução literária não apenas permitia, mas demandava, um olho na língua e outro na literatura, como eu sempre desejei.

Assim, aos poucos, fui me apropriando dos Estudos de Tradução a partir do viés comparatista, muito propenso à interdisciplinaridade, e não demorou para que o conceito de “tradução intersemiótica” chamasse minha atenção como a chave para juntar, além da língua e da literatura, muitas outras coisas que me interessavam academicamente, mas que costumavam ser tratadas de forma apartada e mesmo estanque. Não que o conceito fosse alguma novidade; sua cunhagem é obra do linguista Roman Jakobson e remonta a 1959. Introduzida no Brasil uma década

depois, a noção de tradução entre sistemas semióticos começou a se popularizar e a encontrar aplicações diversas justamente na década de 1990, em grande parte graças aos trabalhos de semioticistas como Lúcia Santaella e, em particular, do artista intermídia e professor Júlio Plaza.

Especificamente dentro da área de Letras, a Profa. Thaís Flores Nogueira Diniz, da UFMG, também começava a chamar a atenção para seus estudos das relações entre literatura e outras artes, tanto pelo viés da tradução, quanto em referências aos Estudos de Adaptação que começavam a se consolidar internacionalmente. Na inexistência de Internet e outros facilitadores modernos da circulação da produção acadêmica, quem teve papel de destaque em divulgar tais novidades foram os eventos nacionais e internacionais realizados por associações como a ABRALIC e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), cujos Grupos de Trabalho fomentaram e consolidaram trocas e cooperações acadêmicas.

Como diversos pesquisadores do NET participavam ativamente de tais eventos, fui muito privilegiada com o fácil acesso a obras e, é claro, com influências teóricas. Não por acaso, meu primeiro projeto de pesquisa *solo*, como bolsista de Iniciação Científica, bebeu dessas fontes interdisciplinares e intersemióticas para analisar o percurso adaptativo de *Frankenstein*, de Mary Shelley, para o cinema. Essa primeira experiência de pesquisa foi extremamente positiva, tanto do ponto de vista acadêmico, com publicações e apresentações em eventos locais e nacionais, quanto

do pessoal, pois agora já não seria o acaso quem ditaria meus próximos passos na área de Letras; a pós-graduação e a carreira acadêmica passaram a ser os meus objetivos.

Em 1999, ingressei no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS para cursar o mestrado em Literatura Comparada, sob a orientação de outra grande mestra e influência que já conhecia dos bancos da graduação, a professora Rita Schmidt. Àquela época, Rita já era uma referência incontornável em estudos de literaturas femininas e questões de gênero, e embora essa não fosse a minha área de pesquisa, seu conhecimento enciclopédico acerca de teoria literária garantiu uma sólida orientação ao meu projeto, dedicado ao estudo de adaptações cinematográficas da obra shakespeariana na pós-modernidade. Foi por seu intermédio que nomes como Linda Hutcheon, Steven Connor, Robert Scholes e Robert Burgoyne passaram a fazer parte de meu referencial teórico. Mas nem só de teoria se faz um bom mestrado em Letras, e as aulas do professor Ubiratã Paiva de Oliveira garantiam a “diversão” com romances, contos, peças e filmes sensacionais que não apenas ampliaram e diversificaram meu repertório de obras ficcionais para além do universo anglófono, mas me permitiram visitar os saudosos contos de Borges e Cortázar. A satisfação com esse reencontro e o aprofundamento do estudo das relações entre literatura e cinema forjaram, alguns anos mais tarde, meu projeto de doutorado.

Ao concluir o mestrado, já estava morando na cidade do Rio de Janeiro, onde tive o privilégio de iniciar minha carreira como professora universitária, apesar de muito jovem, graças à confian-

ça dos colegas de Letras da Universidade Castelo Branco (UCB). Trabalhar em uma universidade privada abriu meus olhos para uma realidade muito diferente daquela da UFRGS, particularmente no que diz respeito ao lugar do ensino de literaturas de línguas estrangeiras em cursos de Letras, já que os currículos enxutos, a necessidade de otimização de pessoal e a famigerada separação entre língua e literatura relegam a um apagado segundo plano as literaturas que não gozam do status de conteúdos do ensino básico, caso das literaturas anglófonas e hispânicas.

Assim, a formação de professores de línguas estrangeiras, nas instituições privadas, costuma contemplar um mínimo de disciplinas de literatura que, diferentemente daquelas de língua ou de linguística, têm um caráter bem menos aplicado, bem menos voltado à formação de um repertório literário ou de um lastro teórico-crítico a ser empregado posteriormente na prática do ensino. Em suma, as literaturas estrangeiras, a despeito de suas muitas potencialidades, parecem existir em tais currículos a fim de garantir um certo verniz cultural, apresentar um capital cultural mínimo – as leituras canônicas – que os novos professores poderão ostentar como bagagem e diferencial formativo, mas que raramente saberão empregar em suas aulas de língua, seja no ensino básico, seja na formação complementar dos cursos de línguas estrangeiras.

Talvez a maior evidência desse estado de coisas fosse o acervo de obras literárias em inglês de que a biblioteca da UCB dispunha. Lembro, como se fosse ontem, da primeira vez que fui à biblioteca, empolgadíssima com meu novo emprego e com as perspectivas

de um semestre letivo que iniciaria em poucas semanas e para o qual eu deveria preparar meus primeiros planos de ensino de literaturas de língua inglesa. Lembro, também, da frustração e do sutil desespero de descobrir que teria de disputar com as traças os pouquíssimos volumes desatualizados e, mais do que isso, que teria de programar disciplinas inteiras de literatura sem poder contar com livros. O coordenador de curso que havia me contratado, ciente dos níveis de excelência do contexto em que eu me formara professora, já havia recomendado que eu ajustasse minhas expectativas quanto à realidade dos alunos, particularmente em termos de proficiência em inglês, mas ele não tinha me avisado que precisaria descobrir uma forma de ensinar literatura sem livros.

O ano era 2001, e a Internet já despontava como resposta de Santo Expedito a professores em tais apuros. Além disso, o Rio de Janeiro sempre dispôs de excelentes livrarias e bibliotecas; e foi com alguns quilômetros rodados e um investimento nada desprezível em livros importados que supri as carências que nem eram minhas, alinhavando programas de ensino ancorados em pastas e mais pastas de material fotocopiado, filmes e toda sorte de recurso que pudesse ser compartilhado com os alunos. Segundo um mito linguístico muito difundido entre *coaches* motivacionais, a palavra chinesa para “crise” significaria, também, “oportunidade”; isso pode não fazer muito sentido na China, mas, naquele contexto em que eu me encontrava, fez. E muito!

Ao longo dos quatro anos em que trabalhei na UCB, assumi disciplinas tão diversas quanto língua inglesa, fonética e fonolo-

gia, didática, supervisão de estágio, literaturas de língua inglesa e teoria literária. Precisei estudar muito, constituí uma biblioteca pessoal de dar inveja a muito curso de Letras, mas, acima de tudo, tive a oportunidade de tentar superar aquilo que eu via como limitações e “defeitos” da área, como a dicotomia língua vs. literatura, e o tratamento impressionista e superficial dispensado a outras mídias em contextos de ensino de ambas as áreas, particularmente à música na primeira e ao cinema na segunda. Em função disso, minhas discussões acerca de contos incluíam análises sintáticas; adaptações fílmicas eram debatidas como narrativas audiovisuais autônomas, e não como meras materializações visuais de romances canônicos; didática e planejamentos de estágio não podiam prescindir de reflexões acerca de questões culturais, tanto brasileiras quanto de países de língua inglesa.

Após dois anos de trabalho intenso, o reconhecimento veio na forma de mais trabalho intenso, com o convite para que eu assumisse a coordenação geral do curso de Letras, o qual se segmentava nas licenciaturas em português, espanhol e inglês e respectivas literaturas. O convívio mais estreito com colegas oriundos de outros percursos formativos, bem como a necessidade de reformular diversas questões curriculares, tanto em função de limitações orçamentárias da UCB quanto de exigências do MEC, que passara a intensificar a padronização e avaliação de cursos superiores em todo o país, ampliaram muito meus horizontes.

Novamente a posição privilegiada do Rio de Janeiro me permitiu suprir lacunas e encontrar alternativas criativas diante dos

obstáculos do ensino privado, como a semana acadêmica que organizei a “custo zero” e na qual pude assistir, embevecida, a Silvio Renato Jorge e Laura Cavalcante Padilha - renomados estudiosos de literaturas africanas de língua portuguesa da Universidade Federal Fluminense – discorrerem sobre suas pesquisas, orientando meu olhar para aquele enorme continente de farta e diversificada produção literária, também em língua inglesa que, desde então, passei a incorporar ao meu repertório de leituras e ao meu ensino. Creio que foi só então que tive real dimensão do quão problemática era – e, infelizmente, segue sendo – a divisão de disciplinas de língua inglesa no currículo de graduação do IL, cujos títulos apontam exclusivamente para a produção do eixo EUA / Reino Unido (coisa que estamos em vias de mudar, folgo em anunciar).

Apesar da satisfação em trabalhar na UCB, retornei a Porto Alegre em 2004, a tempo de fazer a seleção para o doutorado, novamente em Literatura Comparada, novamente no IL, e novamente na UFRGS. Dessa vez, no entanto, achei que seria interessante mudar ao menos alguma coisa em relação à minha experiência anterior de pós-graduação, e decidi pedir orientação a outra grande e querida professora que conhecera na graduação, Gilda Neves da Silva Bittencourt.

Profunda conhecedora das particularidades do conto literário, a professora Gilda teve papel decisivo no desenvolvimento de minha pesquisa acerca da relação entre a obra de Edgar Allan Poe e o cinema de Alfred Hitchcock com suas contribuições teóricas pertinentes, com sua orientação segura e com o tanto que acres-

centou ao projeto ao convidar, para a banca do exame de qualificação, o Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha, pesquisador da Universidade Federal de Pelotas e profundo conhecedor de cinema cuja arguição na avaliação de minha então mui incipiente tese, foi uma das melhores aulas que tive sobre relações entre literatura e cinema. Foi um aprendizado, também, constatar que alguns de nossos melhores cérebros não estão nos grandes centros, nas universidades mais afamadas e que disputam as primeiras posições nos rankings acadêmicos nacionais.

A tese que resultou dos quatro felizes anos de doutorado é um trabalho do qual me orgulho muito, apesar do amadurecimento pessoal e acadêmico que tive desde então. Muitas questões levantadas naquela discussão continuaram a me inquietar, em especial as estruturas narrativas que geram suspense, seja na literatura ou no cinema.

Ainda durante o doutorado, tive a oportunidade de lecionar em outra instituição privada de ensino superior, o Centro Universitário Metodista IPA, de Porto Alegre, que aproveitou os vultosos investimentos do Governo Federal em expansão e qualificação dos cursos de graduação e pós-graduação para criar diversos cursos novos, dentre os quais, as Licenciaturas em Letras Português e Inglês. Tudo era novidade e empolgação naquele campus belíssimo e de localização privilegiada: éramos um time de profissionais qualificados que logo se tornaram amigos queridos, tínhamos bastante liberdade para idealizarmos nossos currículos, e recebíamos mais alunos do que conseguíamos aco-

modar com conforto, graças às políticas de bolsas de estudos do Programa Universidade para Todos (PROUNI).

Mas, aos poucos, os velhos percalços das licenciaturas no ensino privado começaram a aflorar, e novamente, me vi às voltas com a necessidade de driblar a falta de livros e recursos institucionais para lecionar literaturas de língua inglesa. Dessa vez, no entanto, meu acesso às bibliotecas e aos colegas da UFRGS facilitou muito meu trabalho, e a necessidade de desenvolver planos de ensino dependentes das velhas pastas de Xerox não me impediram de contemplar as muitas novidades que vinha querendo explorar, como literaturas de língua inglesa de diversas nações, literaturas de minorias (*queer*, indígenas, imigrantes, etc.), e expressões artísticas em diferentes mídias. Devo dizer que a “modernidade” de tais programas não foi resultado apenas de experimentalismo ou de uma tomada de consciência pessoal, mas refletiu também o conhecimento que passei a ter de currículos de outras universidades que já desenvolviam programas menos ortodoxos, como era o caso da Unisinos, cujo curso de Letras não explorava as literaturas de língua inglesa a partir de uma visão cronológica com a qual eu me acostumara desde a minha graduação, optando por agrupar os estudos em função de gêneros literários e/ou temáticas, o que facilita enormemente a superação do paradigma britânico-estadunidense com o qual ainda nos digladiamos no IL.

A conclusão de meu doutorado coincidiu com (ou levou a) meu desligamento do IPA. Em um volume dedicado aos percursos dos professores do PPG, talvez não seja de bom tom salientar

que, infelizmente, a qualificação docente no Brasil, por vezes é abertamente desestimulada, pois doutores constituem mão-de-obra cara, particularmente para os combalidos cursos privados de Letras. Porém, acredito que a formação de novos docentes não deva ser pautada por visões românticas que “tapam o sol com a peneira”. É preciso conhecer o mercado de trabalho e traçar estratégias coerentes para o desenvolvimento de carreiras acadêmicas, por isso compartilho aqui as circunstâncias desse “tropeço”.

Felizmente, para mim, aquele desligamento estava mais intimamente relacionado a questões internas de gestão da instituição do que ao cenário do ensino de Letras em nível nacional, já que as universidades públicas e os muitos Institutos Federais de Educação, recém-criados, viviam uma época de “vacas gordas” sem precedentes que permitiram a expansão, consolidação e qualificação do ensino superior, tanto nas capitais quanto em cidades do interior do país. Por conta disso, em 2010, tive a oportunidade de prestar nada menos do que três concursos públicos para o IL, concursos em que minha recente “superqualificação” passava de empecilho à condição básica para contratação. Mas justiça seja feita: se, por um lado, o ensino superior privado por vezes comete injustiças e se vê compelido a sacrificar a qualidade dos cursos e a estabilidade dos docentes em função da saúde financeira, por outro, ele costuma demandar dos professores uma atuação profissional bem menos especializada, o que frequentemente resulta em uma visão mais abrangente da área e em práticas de ensino menos ensimesmadas.

Esse não é o caso, evidentemente, de grandes e prestigiosas universidades privadas que detêm sólidos programas de pós-graduação e de pesquisa, o que demanda corpo docente altamente especializado. Refiro-me, aqui, às instituições menores (ainda que a lógica de mercado por vezes também se imponha sobre as de maior prestígio acadêmico), como aquelas em que tive a oportunidade de lecionar uma variedade grande de disciplinas. Não fossem tais experiências tão desafiadoras e diversas, eu provavelmente não teria qualificado minha formação em áreas não diretamente vinculadas aos meus estudos de pós-graduação. Felizmente, no entanto, todo aquele esforço para dar conta de disciplinas de língua, literatura e cultura estrangeiras, de teoria literária e de formação de professores de línguas adicionais agora vinha muito a calhar, e, após uma verdadeira maratona, fui aprovada nos concursos para professores do IL nas áreas de Tradução do Inglês, Ensino de Inglês e Teoria Literária no mesmo ano em que me tornei Tradutora Pública e Intérprete Comercial (tradutora juramentada) de inglês, em concurso realizado pela Junta Comercial do RS.

Novamente, me vi diante da necessidade de optar por um caminho dentro das várias possibilidades da área de Letras. Teoria Literária me permitia trabalhar com literaturas dos mais diversos contextos culturais e linguísticos, assim como relações com outras mídias; ensino de inglês demandava o debate acerca das questões educacionais no Brasil, algo que sempre me motivou muito; tradução do inglês, por sua vez, não era minha área de formação propriamente dita, mas a experiência de atuação junto

ao NET já havia demonstrado que essa área me permitiria explorar língua, literatura e mesmo outras mídias. Assim, optei pela tradução e, felicidade suprema, me tornei professora do Departamento de Língua Modernas.

Mas, embora não se possa comparar as condições de trabalho de professores universitários federais com aquelas das instituições por onde eu havia passado, nem só de área de especialização e preferências temáticas se vive no IL; diante da altíssima demanda por disciplinas de língua inglesa, tanto em turmas de Letras quanto em outros cursos da UFRGS, assumi turmas de inglês, inglês instrumental, cultura inglesa, literatura inglesa e, somente após vários semestres, comecei a atuar também na formação de tradutores, supervisionando estágios de tradução. Diferentemente das experiências profissionais anteriores, no entanto, aqui a pesquisa já não era opção, mas obrigação para a qual havia previsão de carga horária, o que me permitiu perseguir meus interesses específicos, apesar da diversidade das atividades de ensino.

Meus interesses de pesquisa novamente se voltaram às relações entre literatura e cinema, particularmente aos Estudos de Adaptação, que, no cenário internacional, começavam a assumir contornos de disciplina autônoma graças aos esforços de pesquisadores de renome vinculados à recentemente constituída Association of Adaptation Studies. Nacionalmente, essa área também começava a ganhar fôlego, particularmente a partir de 2011, com a publicação, pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, da tradução de *A Theory of Adaptation* (Uma

Teoria da Adaptação), seminal tratado da área, de autoria de Linda Hutcheon. O fato de o curso de Letras da UFSC ser uma referência em Estudos de Tradução e ter viabilizado a circulação nacional da obra de Hutcheon evidencia que, assim como eu, outros pesquisadores pareciam estar substituindo o conceito de tradução intersemiótica pelo de adaptação.

Apesar do crescimento e consolidação de tais estudos, no entanto, ainda eram frequentes as publicações de análises superficiais e mal fundamentadas que pouco faziam no sentido de superar visões anacrônicas e equivocadas acerca das relações entre a literatura e o audiovisual, pautadas pela expectativa de “fidelidade ao texto original” e por uma hierarquia das artes que confundia diálogos intertextuais com dívida cultural. Sendo assim, assumi a tarefa de “pegar o touro pelos chifres”, e meu primeiro projeto de pesquisa como docente do IL defendia que a relação entre cinema e literatura não era parasitária, mas simbiótica. Ou seja, pretendia demonstrar, com dados de mercado editorial e o suporte teórico da Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar, que a difundida prática de adaptação de obras literárias para o cinema beneficiava a literatura tanto – ou até mais que – o cinema, diferentemente do que ainda apregoam os adeptos do dogma “o livro é melhor do que o filme” e demais pérolas da crítica pseudocomparatista. Mas a tarefa que eu imaginava hercúlea mostrou-se bem mais simples assim que comecei a examinar casos recentes de adaptações, em particular quando descobri, para meu próprio espanto,

que a editora que introduziu *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, no Brasil, ainda na década de 1970, havia falido logo após essa publicação, e que o fenômeno editorial e cultural que essa obra veio a se tornar, a partir da primeira década do novo milênio, era fruto direto do sucesso da adaptação fílmica dirigida por Peter Jackson.

Ao desenvolver esse projeto, descobri que, assim como eu, havia muitos alunos de graduação ansiosos por tratar de adaptações, de audiovisual e de questões culturais mais amplas que demandavam a superação de preconceitos e hierarquias, além de uma visão objetiva quanto ao papel da indústria cultural na formação de leitores e no status da literatura. Constituí um grupo sensacional de bolsistas de Iniciação Científica, orientei vários Trabalhos de Conclusão e, a convite das colegas Rosalia Neumann Garcia e Sandra Maggio, ministrei algumas aulas em disciplinas do Programa de Pós-Graduação. Assim, após dois anos de casa, consegui chegar ao patamar de produção acadêmica e de qualificação necessário para credenciamento como professora e orientadora de mestrado do PPG, o que me permitiu, entre tantas realizações, seguir orientando alunos que já faziam parte de meu grupo de pesquisa.

Mais uma vez, impunha-se a necessidade de uma escolha de área, já que os docentes do PPG devem formalizar seu vínculo ao Programa por intermédio de uma linha de pesquisa. Embora tivesse (e tenha) amigos e afinidades de pesquisa tanto na Literatura Comparada quanto nas Literaturas de Língua Inglesa, optei pela segunda a fim de ajudar a “carregar o piano” em uma linha com menos professores. Não foi pouco o orgulho de, de repente, me

ver orientando mestrandos ao lado de quem fizera isso por mim (Rita Schmidt), e de colegas do gabarito de Sandra Maggio, Rosalia Garcia e Kathryn Rosenfield.

Em 2013 organizei, com a ajuda de meus orientandos, de alunos e de colegas do PPG, um evento memorável: a Jornada de Estudos de Adaptação. Foram três dias de discussões e apresentações de trabalhos acerca das relações entre literatura e cinema, séries de TV, teatro, plataformas digitais, artes visuais e, cereja do bolo, jogos digitais. Digo cereja do bolo porque, mesmo para mim, que idealizei o evento e convidei palestrantes escolhidos a dedo, a discussão em torno dos videogames e afins foi, além de divertidíssima, verdadeiramente reveladora, pois abriu meus olhos para a necessidade de qualificarmos e aprofundarmos o debate acerca de letramento multimodal, já que, queiramos ou não, as novas gerações de leitores estão sendo formadas sob a forte influência de novos paradigmas narrativos.

A Jornada foi um grande sucesso; muitos dos trabalhos apresentados foram reunidos em um volume especial da Revista *Translatio* (nº 6, 2013) e, acredito que não por coincidência, a partir de 2015, o Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução (GREAT) da USP, liderado pelo Prof. Dr. John Milton, passou a realizar a JOTA - Jornada de Tradução e Adaptação a cada dois anos, trazendo ao Brasil alguns dos principais pesquisadores da área e auxiliando, substancialmente, na popularização dessa área de estudos em nível nacional.

Entretanto, a realização desses e muitos outros eventos semelhantes, bem como a publicação de diversos livros e periódicos

cos dedicados ao tema da adaptação, aos poucos, começaram a dar indícios de que a busca pela consolidação dos Estudos de Adaptação como disciplina autônoma demandaria certo rigor investigativo e conceitual, algo sem dúvida necessário, mas que, não raro, redundava em construção de muros, estreitamentos de conceitos e no surgimento de autoproclamados “prefeitos de área”. A sensação era de *déjà-vu*: quando eu estudava adaptações como casos de tradução intersemiótica, havia quem criticasse a ousadia por não se tratar de “tradução propriamente dita”; agora, ao analisar diálogos fora do eixo preferencial literatura-cinema, ou mesmo aventar hipóteses quanto a relações adaptativas que não se pautam pela retomada de títulos, enredos e/ou personagens, me deparava com narizes torcidos por esses não serem casos de “adaptação propriamente dita”.

Apesar disso, ainda insisti em uma abordagem mais ampla aos fenômenos adaptativos, coordenando um projeto de pesquisa dedicado ao estudo de cinebiografias de escritores/as como um caso de adaptação em que literatura e história se misturam por completo, iniciativa que me rendeu excelentes parcerias e publicações de grande relevância. Também decidi retomar e ampliar aspectos da pesquisa de meu doutorado, explorando a relação entre Edgar Allan Poe e Alfred Hitchcock, não mais como mera influência, mas como um caso do que chamei de “adaptação de forma” (em oposição a “adaptação de conteúdo”), já que o elemento adaptado pelo cineasta britânico consistia na própria estrutura narrativa geradora de suspense. Além disso, pretendia investigar

em que medida o cinema de suspense de outros diretores reproduzia essa mesma estrutura, e, para isso, eu precisava me dedicar a estudos de narrativa fílmica bem mais aprofundados. Assim, transformei essa ideia em novo projeto, e tive o imenso privilégio de realizar parte da pesquisa como pós-doutorado na Universidade de Miami (Flórida, EUA), entre 2015 e 2016, sob supervisão do Dr. William Rothman, renomado estudioso da obra hitchcockiana.

A experiência do pós-doc, propiciada pela Capes e pelos colegas do setor de inglês, que assumiram minha carga horária docente para que nenhuma disciplina deixasse de ser oferecida regularmente, foi transformadora em diversos sentidos. Pesquisei o que precisava, sustentei minhas hipóteses, e publiquei o que havia me proposto a publicar, mas, a cada dia, aumentava minha impressão de que os Estudos de Adaptação estavam cada vez mais parecidos com um clube que só aceitava membros que jurassem exclusividade, e eu já não pretendia dedicar muitas energias a defender um conceito de “adaptação de forma” onde a moda era “o conteúdo”.

Por outro lado, a pesquisa demandou maior aprofundamento em estudos de narrativa, e isso me levou a correntes de narratologia até então desconhecidas para mim. Além disso, por intermédio do Dr. Rothman, conheci os professores Otavio Bueno e Allan Casebier, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Miami, que me convidaram para integrar seu grupo de discussão acerca de cinema e filosofia, iniciativa que me rendeu não apenas ótimos amigos e um repertório de grandes obras do cinema mundial, mas também novos conceitos e paradigmas para o estudo do audiovi-

sual, me libertando, ao menos temporariamente, da necessidade do cotejo com a literatura. Mas a conclusão daquele ano idílico de dedicação total a estudos e pesquisa me trouxe de volta ao IL e ao ensino de literatura, e o firme propósito de não abandonar o audiovisual demandava um referencial, uma abordagem que atendesse meus interesses comparatistas e intersemióticos com rigor conceitual, mas sem engessamentos.

Foi então que me voltei aos Estudos de Intermidialidade, corrente já bastante consolidada na Europa e que, aqui no Brasil, tinha como um dos maiores expoentes a Dra. Thaïs Nogueira Diniz, exatamente a pesquisadora que, durante minha graduação, servira de fonte para estudos de adaptação como tradução inter-semiótica. (Devo confessar que é sempre reconfortante constatar que profissionais de grande relevância e renome tiveram percursos parecidos com os nossos, mesmo em passos que podem parecer desvios de rota.) Coordenadora do grupo de pesquisa Intermídia (CNPq), a professora Thaïs e seus colaboradores passaram a organizar, desde 2017, o Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem, evento bianual cujo nome já indica o porquê de minha imediata identificação. Passei a integrar o grupo Intermídia e, com isso, a me familiarizar com o trabalho de renomados pesquisadores da Intermidialidade, tais como Claus Clüver (cofundador do Grupo), Irina Rajewsky, Lars Elleström, Marie-Laure Ryan, entre outros. Paralelamente a isso, também levei adiante meus estudos de narrativa, encontrando na Narratologia Funcionalista da Escola de Tel Aviv, particularmente nos estudos de Meir Sternberg e de Tamar

Yacobi, a fundamentação teórica que melhor atendeu aos meus interesses de abordar narrativas em diferentes mídias sem partir de pressupostos ancorados exclusivamente em textos literários.

Não foi exatamente uma surpresa constatar que diversos pesquisadores de intermedialidade têm, também, interesse pelas questões narrativas que me movem. E é com satisfação que tenho acompanhado o intercâmbio dessas duas áreas com alguns dos nomes de referência dos Estudos de Adaptação, particularmente o prolífico Prof. Thomas Leitch e Patrick Cattrysse, pesquisador belga que, assim como eu e a professora Thaïs, também entrou nessa de misturar mídias seduzido pela tradução intersemiótica. A detratores de áreas de pesquisa recentes (sim, eles existem), tais movimentos podem parecer decorrentes de imprecisões conceituais e/ou metodológicas, mas, para mim, eles sinalizam uma abertura muito salutar e tentativas legítimas de se abarcar fenômenos artísticos e comunicacionais que, como frutos de um contexto cultural convergente, digitalizado e globalizado, não podem ser satisfatoriamente compreendidos exclusivamente a partir de pressupostos e paradigmas estabelecidos em séculos passados.

Por conta disso, constituí, há cerca de dois anos, o Grupo de Estudos de Narrativa e Intermidialidade (GENI), no qual atuam meus orientandos do PPG e de Iniciação Científica, bem como alguns convidados indicados por colegas ou movidos pelo interesse em estudar filmes, séries de TV e *streaming*, novelas, quadrinhos, narrativas transmídia, jogos digitais e, é claro, literatura, a partir do referencial teórico da Narratologia Funcionalista

e dos Estudos de Intermidialidade. Esses mesmos interesses investigativos são a base, também, da seleção de textos que tenho sugerido como planos de trabalho aos estagiários de tradução que supervisiono semestralmente.

Consciente do diferencial que essas abordagens teóricas podem proporcionar a estudantes e pesquisadores brasileiros para quem o inglês constitui uma barreira, bem como da importância de dar visibilidade às traduções dos alunos do Bacharelado, publicamos *As Modalidades da Mídia II: um modelo expandido para compreender as relações intermídiais*, de Lars Elleström (Edipucrs, 2021); temos, em fase de revisão, a tradução de um tratado acerca da confiabilidade narrativa de autoria de Meir Sternberg e Tamar Yacobi, a ser publicado pela Zouk Editora em parceria com o PPG Letras; e também estamos produzindo um site para disponibilização das traduções de textos selecionados da enciclopédia online *The Living Handbook of Narratology*.

Além disso, a pandemia de Covid-19 trouxe ao menos a vantagem de me proporcionar retomar a participação nos encontros semanais do grupo Philosophy of Film, que segue sob a batuta do Dr. Otavio Bueno, da Universidade de Miami. Agora por videoconferência, esses encontros estão ainda mais diversificados e ricos, propiciando meu diálogo com críticos e professores de cinema e de filosofia de diferentes instituições dos Estados Unidos.

Ao chegar ao final dessa longa recapitulação de minha privilegiada formação e minha afortunada carreira na área de Estudos Literários, percebo que, na verdade, muito pouco foi de fato,

obra do acaso. Se eu já não fosse uma leitora voraz e simpatizante do estudo de línguas, provavelmente nem teria cogitado apontar Letras como segunda opção no Vestibular. Se não fosse, também, aficionada por audiovisual, quadrinhos e outras mídias, não teria buscado espaços, dentro do IL, onde explorar tais interesses. E se não tivesse uma verdadeira paixão pela educação, pela sua prática, seu estudo e pela necessária luta por sua qualificação, eu não teria me preocupado em diversificar tanto meus conhecimentos para subsidiar um ensino de literatura que não prescindia do conhecimento linguístico, não ignore as características da mídia, não feche os olhos para a complexidade e beleza dos sistemas culturais convergentes e que possa, então, propiciar um letramento multimodal que se traduza em efetiva capacidade de ler criticamente o mundo atual.

O que não se pode negar é que nada disso teria acontecido se o Instituto de Letras e seu Programa de Pós-Graduação não proporcionassem, a um só tempo, sólidas bases e janelas que se abrem para o mundo, e, é pela consciência disso que tenho enorme orgulho e responsabilidade em levar adiante essa tradição de 50 anos. Que venham os próximos 50 e os relatos de novas gerações de professores e pesquisadores que farão avançar os Estudos Literários e o ensino no Brasil.

• • •



elisa battisti

É professora associada do Instituto de Letras da UFRGS, no Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária. Possui licenciatura Plena em Letras Português-Inglês pela UCS (1988), mestrado em Letras pela UFRGS (1993) e doutorado em Linguística e Letras pela PUCRS (1997). Realizou pós-doutorado em Fonologia na Vrije Universiteit - Amsterdam e no Meertens Instituut (2015-2016). No Instituto de Letras da UFRGS, é docente e orientadora de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras em duas linhas de pesquisa: na linha de Fonologia e Morfologia e na linha de Sociolinguística. Na graduação, ministra disciplinas de Linguística para Letras e para Fonoaudiologia. É Vogal na Comissão Diretiva da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL, mandato 2021-2026). É membro do grupo de pesquisa "Variação e mudança no português do sul do Brasil - VARSUL/RS" e do grupo de pesquisa "Alma Linguae: variação e contatos de línguas minoritárias". Desenvolve pesquisa principalmente sobre variação linguística como prática social e fonologia do português brasileiro.

Eu ingressei na Graduação em Letras (Licenciatura Plena – Português-Inglês) da Universidade de Caxias do Sul em março de 1984, concluí o curso em dezembro de 1987 e a cerimônia de formatura ocorreu em março de 1988. Linguística era o nome de três disciplinas da grade curricular: Linguística I, Linguística II, Linguística III, todas elas ministradas pela mesma professora, Carmen Faggion. As três disciplinas faziam uma historiografia da linguística, em um percurso bastante similar ao de R. H. Robins em “Pequena história da linguística”: os estudos de gregos, romanos e escolásticos em Linguística I; do Renascimento à linguística comparativa em Linguística II; dos estruturalistas aos gerativistas em Linguística III. A professora Carmen havia cursado as disciplinas do Mestrado na UFRGS, mas não havia defendido a dissertação, tendo então requerido o título de Especialista. Mesmo assim, dos docentes do curso que eu fiz, ela era quem tinha maior titulação e bagagem em linguística. A professora Carmen ministrava ainda outra disciplina, Língua Portuguesa I, voltada à fonética e fonologia, que enfim oportunizava operar com constituintes linguísticos (os fonemas) e exercitar algum grau de análise linguística, examinando – transcrevendo e buscando tecer algumas generalizações – dados do português. Os demais professores do curso eram o que, na minha cidade, se considerava bons professores, ou professores

notórios de português e literatura, que “sabiam muito” de suas áreas de estudo e que tinham destacada capacidade de organização didática e exposição oral. Ou seja, meus professores não eram nem mestres, nem doutores. Oriundos do ensino básico em instituições públicas e privadas de Caxias do Sul, realizavam estudos que lhes conferiam reconhecimento. À época e por essa razão, seus estudos os qualificavam para o exercício docente no Ensino Superior. O prof. Normelio Zanotto, por exemplo, que ministrava as disciplinas de Língua Portuguesa I, II, III, IV e V, era “fera” em morfologia estruturalista – é dele o livro “Estrutura mórfica da língua portuguesa” (EDUCS) – e sabia muito de sintaxe da gramática tradicional. Por interesse próprio, ele estudou funções da linguagem a partir de Jakobson, tendo chegado a Francis Vanoye, e linguística textual, que ele amava – também era excelente professor de texto e redação, tendo exercido a função de coordenador de redação do vestibular da UCS por longos anos. Outro exemplo é o da professora Vitalina Maria Frosi, reconhecida pela obra “Dialeto italianos”, sua e de Ciro Mioranza: podia ministrar de Linguística à Língua Portuguesa e Filologia Românica, como também eletivas no curso de Letras da UCS, a depender da organização do semestre e da distribuição das disciplinas entre os professores. A professora Vitalina é hoje uma referência nos estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul. Ou seja, de uma maneira “indireta”, ligada aos interesses e estudos dos meus professores, a linguística esteve presente em minha formação. Penso que os conteúdos de linguística da minha graduação em Letras foram a novidade do curso para

mim. Eu era considerada uma “boa aluna” no colégio, “ia bem” em Português e Literatura Brasileira. Provavelmente por essa razão, Letras na UCS à época em que eu cursei parecia repetir muito o que eu já havia aprendido no colégio, exceto pelos conteúdos de linguística. Nesse contexto e já atuando como professora de inglês desde o terceiro ano da faculdade, era iluminadora para mim toda e qualquer reflexão que esclarecesse o que estaria “por trás” das línguas faladas, de nossas capacidades para exercitar a linguagem na produção e compreensão das diferentes formas de expressão linguística. Foi dessa reflexão que senti falta ao me graduar. Eu era muito jovem quando me formei. Tinha 21 anos, era professora de inglês em colégios desde os 20, em uma rotina de trabalho “quadrada” e massacrante. Estudar linguagem, linguística e pesquisar a respeito passou a ser, para mim, um sonho acalentado, razão por que, um ano após formada, ingressei no Mestrado na UFRGS.

Eu fiz a seleção para o Mestrado em Língua Portuguesa da UFRGS em outubro de 1988, e ingressei no curso em março de 1989. À época, o PPG da UFRGS oferecia apenas Mestrado, e em duas grandes áreas, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (o curso de Doutorado iniciou-se apenas em 1995, parece-me). O Mestrado tinha duração de três anos; eu o concluí em quatro, em 1993 – a UFRGS passou por greves no período, uma delas “histórica” e muito longa, o que acabou desemparelhando os semestres letivos dos anos em curso.

Minha turma tinha apenas nove alunos, contando comigo – oito moças e um rapaz, que faleceu poucos anos depois. Ou seja,

houve apenas nove ingressos em Língua Portuguesa naquele ano. Eram da minha turma as professoras Maria José Blaskovski Vieira, Laura Rosane Quednau e Valéria Neto de Oliveira (Monareto, depois de casada). Eu fui aluna das professoras Leda Bisol (Fonologia), Olga Fedossejeva (Fonética), Eunice Jaques Martins (Pragmática), Ione Bentz (Semântica) e Margot Levi-Mattoso (Linguística Geral), e dos professores Walter Koch (Dialetoлогия), Celso Pedro Luft (Syntaxe, Morfologia) e Vilson Leffa (Metodologia de Pesquisa). Eu não tinha uma ideia clara do que iria pesquisar quando entrei no curso, todas as disciplinas me interessavam. Encantei-me por Semântica e Pragmática. Minha primeira ideia de pesquisa foi investigar provérbios. Eu já sabia da existência de uma coletânea de provérbios italianos então ainda usados na minha região de procedência, a antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. No entanto, os turbulentos anos político-institucionais por que passava a UFRGS – houve um primeiro Plano de Aposentadoria Incentivada no funcionalismo público à época – deixaram-nos “sem chão”. Enveredar em Fonologia foi uma grande obra do acaso em meu percurso: eu e a colega Maria José Blaskovski Vieira pegamos um ônibus para retornar do Campus do Vale ao Centro após um dia de aulas quando a professora Leda Bisol sentou-se no banco à nossa frente. Cumprimentou-nos, sentou-se virada para trás e entabulou uma conversa: “E aí, como estão, como vai o curso?” (ela já tinha sido nossa professora). Relatamos à professora Leda a dificuldade de pensar em um projeto de pesquisa e conseguir orientação nas circunstâncias institucionais vividas à época. Ela, então, ofereceu-se

para nos ajudar: disse-nos que havia, como outros colegas, recém encaminhado sua aposentadoria, mas que poderíamos solicitar sua orientação. O encaminhamento era todo feito “em papel”, a tramitação demorava um pouco. Nós encaminharíamos um pedido de orientação a ela, com data anterior à solicitação de aposentadoria e ela o aceitaria. Foi assim que eu vim a investigar, na pesquisa de mestrado, a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo no português do Rio Grande do Sul, buscando respostas para indagações surgidas na pesquisa de tese da professora Leda, sobre harmonia vocálica. Minha pesquisa de dissertação valeu-se de dados levantados em entrevistas realizadas pela professora nos anos 1980 em comunidades representativas das grandes formações étnico-culturais do estado (região metropolitana, regiões de base étnica alemã e italiana, região fronteiriça). Analisei dados de fala usando os procedimentos metodológicos da análise quantitativa variacionista laboviana, que a professora Leda havia empregado em sua tese, mas a discussão dos resultados foi pausada pela teoria fonológica (Fonologia Autossegmental). Desenharam-se, aí, os dois grandes rumos que minhas pesquisas tomariam dos anos subsequentes até hoje: em fonologia, especialmente processos fonológicos, e em sociolinguística, especialmente variação na estrutura e variação como prática social.

O doutorado, cursei na PUCRS, onde a professora Leda passou a atuar ao aposentar-se da UFRGS em 1990. Ela seguiu orientando alunas da UFRGS como eu até a defesa do Mestrado. A coordenação da PUCRS sabia dessa atividade de orientação da

professora Leda e, quase ao final do Mestrado, a então coordenadora do PPG em Letras da PUCRS, professora Regina Zilberman, em uma conversa comigo, a colega Maria José e a professora Leda, no corredor do prédio 8 da PUCRS, nos convidou informalmente a fazer a seleção para o Doutorado em Linguística naquela casa. Eu relutei a me inscrever, mas, nas semanas subsequentes, por estímulo da colega Maria José (“o cavalo não passa encilhado duas vezes”) e pela circunstância de já estar dando aula no curso de Letras da UCS – desde 1992, em disciplinas de linguística, substituindo a professora Ana Buogo, que havia assumido função na administração institucional –, entendi que deveria me candidatar, pleiteando orientação com a professora Leda Bisol, agora nesse novo nível. Foi assim que dei prosseguimento aos estudos de pós-graduação: defendi a dissertação de mestrado na UFRGS em dezembro de 1993, iniciei o Doutorado na PUCRS em março de 1994 e defendi a tese em agosto de 1997. Foram anos intensos, fiz inclusive Doutorado Sanduíche na Holanda durante o período. A tese foi em fonologia: analisei os ditongos nasais do português pela Teoria da Otimidade. Uma parte dos dados da tese, levantados de entrevistas do Projeto VARSUL, não consegui analisar até a data da defesa. Efetuei o estudo desses dados posteriormente, na linha da sociolinguística variacionista laboviana, em meu primeiro projeto de pesquisa na UCS, no qual fiz minhas primeiras orientações de iniciação científica (a partir de 1998). Foi o que pavimentou o caminho para minha produção científica, exigência para atuar no Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS a partir

de 2002, ano de início desse curso, até fevereiro de 2010, quando saí da UCS e passei a atuar na UFRGS, assumindo uma vaga REUNI (originada da abertura do curso de graduação em Fonoaudiologia da UFRGS) conquistada no concurso do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS em julho de 2009. Eu já tinha em torno de dez orientações concluídas em pós-graduação quando entrei na UFRGS, mais as de iniciação científica, e já era pesquisadora do CNPq (desde agosto de 2006), o que me possibilitou ingressar no PPG da UFRGS apenas seis meses após o início de minha atuação na nova universidade – foi só o tempo da tramitação dos “papéis”. Meu credenciamento no PPG ocorreu, portanto, em 2010. Vinculei-me à linha de pesquisa de Fonologia e Morfologia e, a partir de 2015, também à linha de Sociolinguística (que teve início nesse ano).

À época de meu credenciamento, como ainda hoje, a linguística situava-se na área de Estudos da Linguagem do PPG. Essa abre-se a estudos não formais (a maioria) e formais. Entendo que eu tenha produção nos dois tipos de estudo, em Sociolinguística e em Fonologia. Essas linhas, no entanto, não abrigam os maiores contingentes de alunos no Programa, situação de outros PPGs no Brasil. Parece-me que, hoje, o PPG em Letras da UFRGS faz mais estudos de usos da linguagem do que de língua (sua estruturação e organização interna) em si. Ainda assim, conta com docentes e massa crítica para manter ao menos duas linhas de pesquisa em linguística formal, o que é meritório e relativamente raro no cenário nacional. Atualmente, tenho a impressão de que as áreas

da enunciação e discurso e da linguística aplicada concentram os maiores contingentes de docentes e alunos do nosso PPG. Nesse sentido, e comparando-se ao curso que conheci enquanto aluna, lá no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a área de linguística do PPG em Letras da UFRGS mudou muito: cresceu e diversificou-se, sempre mantendo o empenho na qualidade dos trabalhos e em sua contribuição tanto teórica quanto aplicada.

De minhas contribuições ao PPG da UFRGS, destaco duas. A primeira delas é a constituição da linha de pesquisa de Sociolinguística. Ingressar no PPG na linha de Fonologia e Morfologia significou, para mim, particularmente em termos de orientação, deixar de lado uma parte relevante da pesquisa que eu vinha fazendo na UCS, em variação linguística e práticas sociais. Na oportunidade de uma reestruturação interna do PPG, discutida entre 2012 e 2014, conversei a respeito com o colega Cléo Vilson Altenhofen. Esse, então ligado à extinta linha de Linguagem no Contexto Social (LCS), cujos professores hoje compõem, em sua maioria, a linha de Linguística Aplicada, também se sentia um pouco à parte dos interesses principais da linha de LCS. Foi daí que surgiu a ideia de propor uma nova linha, acolhendo a pesquisa em sociolinguística e em dialetologia. Propusemos a linha de Sociolinguística juntamente com as professoras Karen Pupp Spinassé, Florence Carboni e Svenja Brünger. A linha foi implementada em 2015, teve as primeiras dissertações defendidas em 2017 e as primeiras teses, em 2019. Com a linha, consolidou-se a pesquisa em dialetologia, uma tradição do PPG em Letras da UFRGS desde o ALERS e os

professores Valter Koch e Mário Klassman; abriu-se espaço para estudos de variação como prática social e estudos variacionistas labovianos que coloquem no centro da discussão as correlações entre formas linguísticas e categorias sociais, e não ponham a metodologia quantitativa a serviço de outras indagações linguísticas, como ocorreu em minha própria dissertação de mestrado (usei os procedimentos quantitativos labovianos, mas a análise e a contribuição maior do trabalho foram fonológicas).

A segunda contribuição ao PPG a que dou destaque é a constituição, como resultado de meu projeto de pesquisa no CNPq (2015-2019), de um acervo de entrevistas socio-linguísticas com informantes de Porto Alegre, o *LínguaPOA* (<https://www.ufrgs.br/linguapoa/>). Esse acervo vem alimentando análises sobre o português de Porto Alegre em variação linguística, em fonologia e sintaxe, tanto de meus orientandos de iniciação científica e de pós-graduação, quanto de estudantes de outros colegas, da UFRGS e fora dela. Na comparação com os dados do VARSUL, temos conseguido comprovar mudanças linguísticas que se efetivaram em 25 anos e outras que estão em andamento, o que não é pouco em pesquisa linguística.

Espero seguir contribuindo, com meus estudos e orientações, para a história do PPG em Letras da UFRGS. Que sejam muitos e belos os novos capítulos de investigação e de produção intelectual do Programa.

• • •

gabriel de ávila othero

Professor Associado do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Cursou graduação em Letras Português e Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (2001); é especialista em Estruturas da Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA (2002); e concluiu seu Mestrado (2005) e Doutorado (2009) em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; fez Pós-Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sob a orientação de Sergio Menuzzi (2009-2010), e na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2017-2018), sob a orientação de Sonia Cyrino. Também é editor da Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL (ISSN 1678-8931, www.revel.inf.br, juntamente com Cassiano R. Haag e Cândida M. Selau Leite) desde 2003; é coordenador da Coleção de Linguística da Editora Vozes (juntamente com Sergio Menuzzi), desde 2014; e é editor da Editora da ABRALIN (juntamente com Valdir do Nascimento Flores), desde 2020. É idealizador do Observatório Sintático do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/view/ospb/>), juntamente com Eduardo Kennedy (UFF), Leonel F. de Alencar (UFC) e Marcus V. Lunguinho (UnB). Atua nas áreas de sintaxe (e sua interface com semântica, estrutura informacional e prosódia), gramática do português brasileiro, história da linguística e Teoria da Otimidade.

Concluí a graduação no começo do século 21, em janeiro de 2001, no curso de Letras da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos). Ao longo do curso, fui petiano sob a tutoria do saudoso professor Sergio Farina. Meu orientador de trabalho de conclusão de curso foi o grande professor Sebald Back, uma inspiração para mim à época (e até hoje, na verdade). Pouco antes da formatura, no fim dos anos 1990, eu e o restante da “juventude” da época estávamos descobrindo a interação via *internet* – tecnologia recém-chegada ao Brasil. Usávamos direto salas de bate-papo e programas de conversação *online* como mIRC e ICQ. À época, lembro que me chamou a atenção o fato de que estava surgindo ali um registro inovador da língua escrita; registro cheio de msgs, pq, vc, além de neologismos e empréstimos linguísticos do final do séc. 20. Por ter interesse pelo estudo da linguagem e da língua portuguesa em específico, escrevi um TCC descrevendo essas inovações. Intitulei meu TCC de *A língua portuguesa nas salas de b@te-p@po* (se não me falha a memória).

Depois da graduação, fiz um curso de Especialização na Ulbra. Foi aí que entrei em contato com a linguística gerativista chomskiana, por intermédio dos professores Mathias Schaff e Lodenir Karnopp. Até então, eu tinha estudado apenas linguística mattosiana – o que já havia sido suficiente para me seduzir e

me incentivar a estudar linguística. Paralelamente ao meu curso de Especialização, comecei a trabalhar em um projeto de Linguística Computacional na Unisinos, sob a orientação da profa. Renata Vieira. Por conta disso, tive também de estudar Linguística Textual (elementos de coesão para fins de processamento computacional) e Linguística de Corpus, com a parceria do colega Cassiano Haag. Aí, um universo inteiro se abriu na minha frente – tanto na parceria com o Cassiano como na área de processamento computacional do português.

Depois da Especialização, entrei no Mestrado na PUCRS sob orientação do grande linguista Sergio Menuzzi – referência para muitos e ainda em atuação (e meu colega de gabinete aqui na UFRGS!). Minha ideia de dissertação era desenvolver um *chatbot*, um programa de inteligência artificial que interage com humanos. Mas a descrição gramatical e o amor às teorias linguísticas foi mais forte e acabei desenvolvendo um outro tipo de programa como resultado de meu Mestrado: o Grammar Play. Trata-se de um parser, um analisador sintático automático, com um fragmento de gramática do português. Fiz, sob a orientação do Sergio, uma descrição minuciosa de algumas regras gramaticais do português, implementei todas elas em uma linguagem de programação (o Prolog) e tínhamos um *parser*. Com a ajuda de um colega da Informática (o Maurício Piccini), desenvolvemos uma plataforma visual amigável que nos permitia digitar uma frase qualquer (desde que fosse um período simples), apertar em um botão e *voilà*, recebíamos uma árvore sintática. Na época, isso foi bem legal.

A Linguística Computacional ainda era incipiente no Brasil, mas já estava dando passos importantes – à mesma época, primeira década deste século, a Linguística de Corpus estava se solidificando como uma das áreas fortes da Linguística no país.

Foi nessa época também (em agosto de 2003) que fundei a Revista Virtual de Estudos da Linguagem, a ReVEL, em parceria com o Cassiano. Percebemos que ainda não havia no Brasil periódicos de Linguística que fossem exclusivamente *online* e tivessem periodicidade regular. Por isso, criamos a ReVEL. Hoje em dia, o padrão é encontrarmos periódicos *online*, que disponibilizam artigos, resenhas e entrevistas em PDF. Na época de minha graduação (fim dos anos 1990) e de meu mestrado (início dos 2000), no entanto, a coisa era bem diferente. Lembro de ter ido inúmeras vezes às bibliotecas da PUCRS e da Unisinos atrás de livros e revistas impressos. Havia pouca coisa em PDF sendo publicada pela linguística brasileira à época, salvo melhor juízo. Talvez tenha sido por isso que a ReVEL encontrou um terreno tão fértil para crescer.

Terminando o Mestrado, ingressei no Doutorado, também na PUCRS. Com a saída do Menuzzi logo no começo, tive alguns percalços. Acho que foi no meu primeiro ano... o Sergio foi para a Unicamp e, em seguida, para a UFRGS. Segui, então, sob a orientação do professor Jorge Campos Costa, na PUC, com quem eu dividia uma afinidade por formalismos linguísticos. Em minha tese, avancei o estudo do processamento e da descrição gramatical do português – lembro de contar com Mário Perini em minha banca; a partir dali, nos tornamos bons amigos e mantivemos um

diálogo constante sobre a descrição gramatical do português brasileiro que perdura até hoje. Temos o hábito de lermos o manuscrito um do outro antes de publicarmos algum livro ou capítulo de livro. É sempre muito bom fazer isso.

Quando terminei meu Doutorado, a Linguística já era uma área bem solidificada no país – em especial as áreas de tradição gramatical (como Sintaxe, Morfologia e Fonologia), mas também a Linguística Histórica, a Linguística Aplicada, a Linguística Textual, a Linguística Computacional, a Linguística de Corpus e a Análise do Discurso. Em Porto Alegre, contávamos com linguistas de ponta, trabalhando em especial com Sintaxe (o Menuzzi, por exemplo), Fonologia (a Leda Bisol estava na PUC e era, ainda como hoje, uma enorme referência na área) e Aquisição da Linguagem (talvez o grande nome da época fosse o da professora Regina Lamprecht, então na PUC). Tive a sorte de ter aulas com todos eles.

Nessa época, já surgiam estudos de ponta em Sociolinguística; lembro que a professora Cláudia Brescancini estava ingressando na PUC para ser uma liderança na área de variação linguística, somando-se ao grupo da UFRGS, liderado pela professora Valéria Monaretto – minha colega de departamento anos mais tarde – e à professora Elisa Battisti – então na UCS e hoje também minha colega de departamento. Também estavam surgindo estudos em Linguística da Enunciação, representados especialmente pelas figuras dos professores Valdir Flores (hoje um grande amigo e parceiro de muitas empreitadas acadêmicas), Leci Barbisan (com quem tive aula durante minha pós-graduação) e Marlene Teixeira (professora

da Unisinos que ministrou uma vez um excelente curso de extensão sobre linguística saussuriana, oportunidade em que fui seu aluno).

Quando ingressei como professor da UFRGS, em 2010, o PPG em Linguística já era forte e era referência no Sul do Brasil – e provavelmente em todo o país, na verdade. Entrei na linha de Gramática e Significação para trabalhar com Sintaxe, ao lado dos colegas Sergio Menuzzi, Marcos Goldnadel e Sabrina Abreu. Uma enorme honra! A ideia da linha é oferecer aos alunos uma formação sólida em Sintaxe (de base gerativista e funcional – algo que o Menuzzi consegue fazer com maestria e eu tento acompanhar), Semântica e Pragmática (com o Marcos, a Sabrina e o Sergio) e descrição morfológica do léxico (a área de especialidade da Sabrina, mas também do Menuzzi, que é um linguista que circula muito bem entre diferentes campos de investigação). Além disso, focamos num aprofundamento da descrição gramatical tradicional, tentando dar continuidade, de certa forma, ao trabalho pioneiro de Celso Pedro Luft – de quem somos “descendentes acadêmicos”.

Atualmente, trabalho com Sintaxe (e suas interfaces com semântica, prosódia e estrutural informacional) e com Linguística Geral. Tenho publicado com orientandos e colegas (como o Marcos Goldnadel, o Eduardo Kenedy, o Menuzzi, a Sonia Cyrino) sobre temas como sujeito nulo, objeto nulo, processamento computacional do português, colocação pronominal, etc. E recentemente tenho me dedicado a questões gerais de linguística – ou talvez questões de linguística geral – com os amigos e colegas Valdir Flores e Elisa Battisti, dois linguistas que admiro bastante.

Publicamos dois volumes de um livro intitulado *Conceitos Básicos de Linguística*, pela editora Contexto, de São Paulo. Juntamente com o Valdir, também organizei um livro que deu bastante trabalho, mas cujo resultado nos enche de satisfação: *O que sabemos sobre a linguagem*, que deve ser publicado em breve pela Parábola Editorial, também de São Paulo. Além disso, Valdir e eu fundamos (juntamente com o então presidente da Abralín, Miguel Oliveira Jr.) a editora da Abralín em 2020. E, em 2021, publicamos uma edição revista e comentada do clássico *História da linguística*, do Mattoso, pela tradicional Editora Vozes, de Petrópolis. Esse livro, aliás, faz parte da Coleção de Linguística da Vozes, que vem sendo organizada por mim e pelo Menuzzi desde 2014.

Para encerrar este relato, vou citar um trecho que eu e o Menuzzi escrevemos sobre essa coleção (acho que se aplica bem à linguística no país):

A Coleção de Linguística da Vozes foi retomada em 2014, num esforço de dar continuidade à coleção originalmente coordenada, até a década de 1980, pelas professoras Yonne Leite, Miriam Lemle e Marta Coelho. Naquele período, a coleção teve um papel importante no estabelecimento definitivo da Linguística como área de pesquisa regular no Brasil e como disciplina fundamental da formação universitária em áreas como as Letras, a Filosofia, a Psicologia e a Antropologia. Para isso, a coleção não se limitou à publicação de autores fundamentais para o desenvolvimento

da Linguística, como Chomsky, Langacker e Halliday, ou de linguistas brasileiros já então reconhecidos, como Mattoso Câmara; buscou também veicular obras de estudiosos brasileiros que então surgiam como lideranças intelectuais e que, depois, se tornaram referências para disciplina no Brasil – como Anthony Naro, Eunice Pontes e Mário Perini. (...)

Com a retomada da Coleção de Linguística pela Vozes em 2014, a editora quer voltar a participar das novas etapas de desenvolvimento da disciplina no Brasil. Agora, trata-se de oferecer um veículo de disseminação da informação e do debate em um novo ambiente: a Linguística é hoje uma disciplina estabelecida nas universidades brasileiras; é também um dos setores de pós-graduação que mais crescem no Brasil; finalmente, o próprio quadro geral das universidades e da pesquisa brasileira atingiu uma dimensão muito superior à que se testemunhava nos anos de 1970 a 1990.

Quando comecei minha atuação em Linguística, então, encontrei um cenário muito fértil para os estudos linguísticos no país – especialmente aqui na UFRGS, tanto na graduação como na pós-graduação. Espero mantê-lo fértil para as próximas gerações de linguistas que virão.

• • •

A horizontal strip of yellow, textured paper with a deckled edge, serving as a background for the name.

ingrid finger

Professor Associado do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS, com vínculo permanente ao PPG Letras. Possui Mestrado e Doutorado em Letras pela PUCRS (1995/2000), tendo realizado Estágio Doutorado-Sanduíche na City University of New York CUNY (1998). Realizou Estágio Sênior no Exterior no Brain and Language Lab, da Georgetown University (2010/2011) e no Bilingualism, Mind and Brain Lab, da University of California, Irvine, (2022). Tem atuação nas áreas de Bilinguismo e Educação Bilíngue, Psicolinguística, Linguística Aplicada e Neurociência e Educação. Seus interesses de pesquisa incluem a investigação do processamento da linguagem e dos processos cognitivos subjacentes ao processamento da linguagem no bilinguismo unimodal e bimodal, a partir da análise da atenção, do controle cognitivo e dos sistemas de memória. Coordena o LABICO - Laboratório de Bilinguismo e Cognição na UFRGS desde 2006 e faz parte da Rede Nacional da Ciência para a Educação.

Meu interesse pela aprendizagem e ensino de línguas começou muito cedo, quando eu tinha cerca de nove ou dez anos. Eu estava na 3ª série do Ensino Fundamental e lembro de brincar com minha irmã menor fingindo que era sua professora. Uma das minhas experiências mais memoráveis, entretanto, foi a de ajudar a senhora que trabalhava conosco, cuidando de mim e dos meus irmãos, a aprender a ler. Nós a chamávamos de Dona Filhinha, e na época ela devia ter uns 45 anos. De origem muito pobre, era viúva, mãe de 4 filhos e nunca tinha tido a oportunidade de frequentar a escola. Ela reconhecia o ônibus que precisava pegar para ir trabalhar pelos números e ser capaz de ler era apenas um sonho distante no mundo dela. Minha mãe, que também era professora, seguidamente recebia livros didáticos doados por editoras, e minha irmã e eu adorávamos brincar com o material que ela recebia, que parecia sempre muito mais colorido e atraente do que o que usávamos na escola. Lembro-me de preparar para dona Filhinha muitos exercícios de consciência fonológica extraídos das cartilhas, que eu considerava por intuição serem os mais apropriados para quem tinha como objetivo decifrar o código escrito da língua, e ela os fazia com muita vontade e determinação, tendo sua 'professora' sempre ao lado. Assim, aos poucos, ela construiu seu repertório de representação gráfica dos sons do português.

Passamos muitas tardes juntas 'brincando' de aluna e professora e, depois de um certo tempo, ela finalmente aprendeu a ler. Em minha mente, ainda posso ver as lágrimas em seus olhos no dia em que ela conseguiu ler as primeiras frases em uma página de jornal. Um novo mundo se abriu para ela, um mundo encantador! E, para mim, essa experiência fascinante determinou o meu futuro. Foi nesse momento que descobri meu propósito de vida, um propósito que me tira da cama todas as manhãs.

Algumas décadas depois, tendo cursado Graduação na FURG, em Rio Grande, e Mestrado e Doutorado na PUCRS, com estágio Doutorado Sanduíche na CUNY, em Nova York, e com alguns anos de experiência docente, em escola regular, curso de línguas e em três Universidades no Rio Grande do Sul, UNISC, UNISINOS e UCPel, ingressei na UFRGS em abril de 2006, no Setor de Inglês do Departamento de Línguas Modernas. Meu vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Letras se deu logo em seguida, na Linha de Pesquisa Linguística Aplicada, pois já possuía algumas orientações de mestrado defendidas no PPG Letras da UCPel, Programa no qual atuei por quatro anos. Foi quando nasceu o LABICO, Laboratório de Bilinguismo e Cognição da UFRGS, um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq que, a partir de 2015, passou a vincular-se à linha de pesquisa 'Psicolinguística' do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. No LABICO (www.ufrgs.br/labico/), desenvolvemos pesquisas experimentais em Psicolinguística do Bilinguismo, que focam em diversos aspectos relacionados ao processamento da linguagem e ao processamento cognitivo em contextos de língua

materna, bilinguismo unimodal e bimodal e multilinguismo, sendo que mais recentemente uma grande parte dessas pesquisas têm se voltado para contextos de educação bilíngue.

Nosso laboratório iniciou de forma muito modesta, a partir do trabalho de pesquisa que desenvolvia com alguns alunos de Iniciação Científica. Não era possível imaginar, na época, que, apenas 16 anos depois, o LABICO seria um grupo de pesquisa de tanto impacto na Psicolinguística do Bilinguismo no Brasil, com publicações importantes na área e tendo formado uma gama de professores e pesquisadores que atuam em várias instituições de ensino e pesquisa do país. Atualmente, somos sete professores e dezenas de alunos de graduação, Mestrado, Doutorado e pós-Doutorado e trabalhamos em parceria com diversos colegas colaboradores no Brasil e no exterior.

É importante ressaltar que, na época em que o LABICO foi criado, poucas eram as pesquisas em Psicolinguística envolvendo processamento linguístico em usuários de mais de uma língua no Brasil. Atuei como Coordenadora do GT de Psicolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) na gestão 2004-2006 e, antes disso, como Vice-Coordenadora, em conjunto com a Professora Carmen Matzenauer da UCPel, de 2002-2004, e em todos os eventos organizados pelo GT, eu era a única membro do GT que atuava de forma consistente em pesquisas envolvendo usuários de mais de uma língua. Alguns colegas por vezes apresentavam trabalhos com aprendizes de outras línguas além do português, mas sempre como um estudo desen-

volvido em função da demanda de interesse particular advindo de algum orientando da Pós-graduação. Por isso, os estudos desenvolvidos por mim inicialmente na UCPel e depois de forma mais sistemática e consistente, em conjunto com meus orientandos, no LABICO/UFRGS, podem ser considerados pioneiros na Psicolinguística do Bilinguismo no país, muito antes de essa ser uma área de pesquisa reconhecida e consolidada como é hoje. Nesse sentido, vale salientar que, nos estudos tradicionais no campo da Psicolinguística no Brasil, na época, havia uma suposição implícita de que os bilíngues formam um grupo especial de falantes, atípicos, que se desviam da norma e que, portanto, estudos envolvendo bilíngues não trariam uma contribuição significativa para ampliar nossa compreensão sobre o fenômeno da linguagem. Portanto, os estudos envolvendo usuários de mais de uma língua eram mais comuns no campo da Linguística Aplicada ou Ensino de Línguas, mas não na Psicolinguística. Entretanto, a Linguística Aplicada não tem como foco central de pesquisa a investigação de aspectos relacionados ao processamento cognitivo e linguístico de monolíngues ou bilíngues, o que tornava bastante difícil a interlocução na Linguística Aplicada e trazia prejuízos consideráveis em termos de oportunidades de formação a partir do oferecimento de disciplinas aos alunos de Mestrado e Doutorado orientados por mim e pelo Professor Ubiratã K. Alves, meu parceiro de LABICO desde 2010. Nesse sentido, vale ressaltar que a criação da Linha de Pesquisa Psicolinguística no PPG Letras em 2015 foi um marco importante para a consolidação das pesquisas em processamento que

já estavam sendo feitas há praticamente uma década no Instituto de Letras e contribuiu de forma impactante para o reconhecimento da Psicolinguística do Bilinguismo, que no Brasil nasceu dentro do Instituto de Letras da UFRGS, como uma área de pesquisa sólida e estabelecida. Oportunizar aos mestrandos e doutorandos da Psicolinguística o acesso a disciplinas que foquem na discussão de referências teóricas relacionadas ao processamento linguístico e cognitivo e que contribuam para uma formação sólida em metodologias de pesquisa empírica garantiu um salto de qualidade na formação dos nossos alunos no PPG Letras.

Outro marco importante da minha história no PPG Letras da UFRGS e que determinou o início das pesquisas envolvendo aspectos relacionados ao processamento cognitivo do bilinguismo se deu com a realização do meu Pós-doutorado no Exterior em 2010, no Departamento de Neurociências da Georgetown University, em Washington, DC, onde fui recebida pelo Professor Michael Ullman, diretor do *Brain and Language Lab*². Durante meu período na Georgetown University, entre outras coisas, trabalhei ativamente em uma pesquisa com neuroimagem, na qual foi empregado o paradigma de Potenciais Relacionados a Eventos (*Event-Related Potentials – ERP*), uma técnica usada para medir atividade elétrica no cérebro enquanto os participantes realizam uma tarefa de processamento linguístico ou cognitivo. Nesse experimento, os participantes realizavam dois tipos de treinamento

² <http://brainlang.georgetown.edu/>

no qual aprendiam uma língua artificial e, no dia seguinte e algum tempo depois, eram chamados a realizar tarefas linguísticas e também cognitivas, envolvendo memória declarativa e procedural. Foram meses de aprendizado muito intenso que resultaram em um artigo publicado na *PLoS One*³, em autoria com outros membros do laboratório. Esse foi um momento muito gratificante em minha carreira, principalmente porque o artigo teve bastante impacto e recebeu várias *reviews*, inclusive na *Science Section* do New York Times, em abril de 2012.

A parceria com o Professor Michael Ullman contribuiu de forma determinante para a ampliação do escopo teórico e metodológico das pesquisas realizadas no LABICO, que a partir de então passaram a envolver, além de tarefas que avaliam o processamento linguístico, tarefas experimentais que investigam aspectos relacionados ao processamento cognitivo em indivíduos bilíngues, tais como memória, controle cognitivo e atenção. Com base na evidência científica atual de que existe intensa plasticidade cerebral mesmo na vida adulta, e que nosso cérebro se modifica como consequência das nossas experiências de vida, hoje é consenso na literatura que a experiência de aprender e usar duas ou mais línguas molda o nosso cérebro de forma única, pois nenhuma experiência que vivemos é tão intensa e permeia todos os aspectos da nossa vida como ser capaz de usar duas línguas.

Sempre em busca de desafios profissionais, em 2013, fui eleita

³<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0032974>

para o cargo de Coordenadora do PPG Letras da UFRGS, em conjunto com a Professora Márcia Ivana de Lima e Silva. Eu já havia antes desse momento ocupado vários cargos administrativos na Universidade, inclusive na Comissão Coordenadora do PPG, mas assumir a Coordenação do PPG representou um desafio bastante especial e me proporcionou aprender mais sobre como funcionam os Programas de Pós-Graduação no país. Esse é um cargo pelo qual todo professor do PPG deveria passar, a meu ver, devido à oportunidade de amadurecimento acadêmico e pessoal que decorre dessa experiência. Tenho convicção de que somente conhecemos uma instituição de verdade quando passamos por cargos administrativos dentro dela. E não posso deixar de mencionar a ajuda enorme que recebi na época dos três membros que faziam parte da secretaria do PPG, nosso querido José Canísio Scher, a Myrela Leitão e a Marcia Cristina Castro Jacques, que foram sempre incansáveis e aos quais serei eternamente grata!

Acabei deixando a Coordenação do PPG Letras antes do final do meu mandato, em 2014, devido ao convite do Professor Sérgio Franco, Pró-Reitor de Graduação da UFRGS na época, para coordenar o Departamento de Cursos e Políticas da Graduação, DCPGrad-PROGRAD/UFRGS, outro cargo administrativo que me proporcionou desafios e oportunidades de crescimento incríveis, e que me possibilitou conhecer e acompanhar muito de perto todos os Cursos de Graduação da Universidade.

Algum tempo depois, de volta à minha rotina de pesquisa e aulas na graduação e na pós, foi momento novamente de investir

na ampliação da atuação do LABICO, através de pesquisas que tomam lugar em um contexto específico de formação de bilíngues que é bastante recente no país, mas que se encontra em expansão acelerada, que é o contexto de educação bilíngue. Apesar de ainda não termos estatísticas oficiais no país, tem se percebido, nos últimos anos, um aumento significativo no número de escolas que oferecem programas ou currículos bilíngues no Brasil, principalmente na rede privada de ensino. A procura por esse modelo de oferta educacional parece ser, em larga medida, motivada por uma expectativa de que tal investimento possa garantir melhores oportunidades de sucesso pessoal e profissional para as crianças no futuro. Parece existir um consenso, partilhado por pais e educadores nas redes privadas de ensino, de que falar duas ou mais línguas fluentemente pode se tornar um diferencial na formação dessas crianças, principalmente se a língua adicional aprendida na escola for considerada de prestígio, como é o caso do inglês. Nesse contexto, se por um lado a distância entre o acesso ao conhecimento entre crianças que frequentam escolas privadas e públicas infelizmente só se amplia ainda mais, é fato que as oportunidades de atuação dos nossos alunos formandos nos currículos do Curso de Letras-Inglês também passaram cada vez mais a serem determinadas por essa nova demanda de mercado e da sociedade. Nesse sentido, defendo ser urgente considerarmos esse novo contexto de atuação profissional no desenho de disciplinas e currículos que possam dar conta dessa formação tão necessária para os nossos alunos dos currículos de Licenciatura na Letras, pelo menos no que diz respeito ao inglês.

O aumento exponencial do número de escolas que oferecem programas ou currículos bilíngues no Brasil levou o Conselho Nacional de Educação a elaborar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Plurilíngue (Parecer CNE/CEB nº 2/2020, de 9 de julho de 2020⁴), na tentativa de normatizar a oferta desses programas no país. Tais Diretrizes, apesar de ainda não terem sido homologadas pelo Ministério da Educação, já estão fornecendo alguns parâmetros de organização para a educação bilíngue no país, em contextos privados e públicos, e revelam a clara necessidade de que sejam criados cursos de licenciatura que deem conta de preparar profissionais para esse contexto de atuação que, pelo que tudo indica, veio para ficar. Apesar de o currículo do nosso Curso de Letras da UFRGS não proporcionar ainda esse tipo de espaço de formação, a maior parte das pesquisas que coordeno no LABICO atualmente tem como objetivo desenvolver conhecimento teórico e empírico sobre como se dá o desenvolvimento linguístico e cognitivo quando as crianças são expostas e desenvolvem tanto competências linguísticas quanto acadêmicas em duas línguas em paralelo em contextos educacionais. Nesse sentido, o nosso trabalho tem como meta contribuir para, em primeiro lugar, combater o grande nível de desinformação sobre o bilinguismo que reina no país, na sociedade em geral e infelizmente na própria academia, e, acima de tudo, construir conhecimento que possa ser empregado para subsidiar práticas pedagógicas consistentes e baseadas

⁴ <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/30000-uncategorised/90801-educacao-plurilingue>

em evidência científica nos diversos espaços de educação bilíngue no país. Essa meta considera um contexto nacional em que se constata uma significativa lacuna de pesquisas sobre bilinguismo e educação bilíngue que considerem as peculiaridades da realidade brasileira e que sejam realizadas a partir de um viés cognitivo, buscando compreender as consequências de uma experiência de escolarização bilíngue para o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças a curto, médio e longo prazo.

Nesse sentido, reforço aqui o importante papel que acredito que a Universidade pública exerce no sentido de construir conhecimento de ponta, através de pesquisas translacionais, que possam vir a subsidiar intervenções pedagógicas baseadas em evidência que, em última instância, contribuam para a melhoria dos níveis educacionais no país.

Apesar de a demanda da sociedade em relação a espaços escolares que promovam educação bilíngue ainda se restrinja, neste momento, na maioria dos casos, a contextos privados de ensino no país, acredito que resultados de pesquisa que sejam capazes de demonstrar os enormes benefícios linguísticos e cognitivos que a experiência de vivenciar duas línguas desde cedo pode trazer para as criança, garantirão espaços importantes de conscientização de toda a sociedade a respeito dos benefícios da educação bilíngue de qualidade para crianças inseridas também em contextos de línguas minoritárias, falantes de línguas indígenas, de imigração, ou usuárias de línguas de sinais. São justamente os resultados advindos de pesquisa acadêmica séria e consistente que podem vir a

dar credibilidade para a criação de políticas linguísticas que garantam intervenções voltadas à preservação das línguas minoritárias faladas no Brasil, combatendo o enorme preconceito linguístico que infelizmente ainda se faz tão presente no país.

É justamente essa preocupação com o desenvolvimento de pesquisas translacionais em educação bilíngue que me trouxe à University of California, Irvine, onde estou atualmente realizando meu segundo Pós-doutorado no exterior. A experiência de fazer parte do *Bilingualism, Mind and Brain Lab*⁵, coordenado pela Professora Judith Kroll, que é certamente a pesquisadora de maior renome mundial nas pesquisas sobre bilinguismo e cognição há algumas décadas, tem me oportunizado não somente estar ainda mais próxima de estudiosos importantes da Cognição e da Psicolinguística do Bilinguismo de vários lugares do mundo, mas acima de tudo tem servido para confirmar as opções teóricas e metodológicas que norteiam os estudos no LABICO há mais de uma década. Novamente, novas portas se abrem e ajudam a aperfeiçoar e solidificar ainda mais o trabalho de pesquisa que temos feito na UFRGS.

Por fim, este foi um breve relato de aspectos marcantes da trajetória da minha vida profissional, que se mescla à minha trajetória na UFRGS, Universidade que me acolheu há 16 anos e que tem me proporcionado possibilidades fantásticas de aprimoramento acadêmico e pessoal. É neste espaço que tenho tido a oportunidade de exercer meu propósito de vida. Acima de tudo,

⁵ <https://bilingualismmindbrain.com/research/>

sou muito grata pelo presente que tem sido acompanhar meus alunos e orientandos todos esses anos, com a esperança de ter deixado uma sementinha desse comprometimento com a educação em cada um deles. São eles que dão sentido a tudo o que eu faço, e é com eles e com meus parceiros de pesquisa no LABICO que diariamente compartilho essa necessidade que sinto de que minha pesquisa tenha um propósito maior, que ultrapasse os muros da academia e que contribua para a sociedade.

• • •



lúcia sá rebello

Lucia Sá Rebello concluiu o Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2002. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrando disciplinas nos cursos de graduação e de pós-graduação. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Latinas e em Literatura Comparada. Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: literatura comparada, tradução, literatura latina, literatura brasileira, romance de 30.

Íngressei no Curso de Letras – Licenciatura – em 1978, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Naquele período de minha graduação, a ênfase dos estudos literários estava na Literatura Brasileira e na Literatura Portuguesa, muito pouco se estudava de Teoria Literária.

Tendo colado grau no final do ano de 1981, ainda neste ano, em agosto, fui contratada para exercer as funções de professor horista, Língua e Literatura Latinas, junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas deste Instituto de Letras, função esta que exerci até a minha efetivação, em dezembro de 1985, após ter sido aprovada no Concurso Público de Provas e Títulos, para cargo de professor de ensino superior.

No ensino de graduação, desde minha contratação como professor horista e depois como professor concursado, tenho atuado, todos os semestres, na Licenciatura e/ou Bacharelado, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

Na sequência de minhas escolhas, após a graduação em Letras, ingressei no curso de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa (Mestrado) nesta Universidade. Defendi uma dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves, na área de Literatura Brasileira. A dissertação foi defendida em 1988, com o título de **História e mito em Calunga, de Jorge de Lima.**

Após o mestrado, ingressei no Doutorado em Literatura Comparada, também nesta Universidade, sob a orientação do Profa. Dra. Tania Franco Carvalhal. Como já estava trabalhando no Setor de Latim do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e havia feito um mestrado em Literatura Brasileira, entendi que era o momento de, no doutorado, agregar os meus interesses em um projeto que pudesse representá-los. Assim, a Literatura Comparada me acolheu completamente com o projeto intitulado **A afonia dos tradutores ou a tradução pelo estranhamento? Um estudo comparado de duas traduções em língua portuguesa de *Ars Poetica*, de Horácio, defendida no ano 2002.**

Falar em Literatura Comparada é falar de toda a minha atuação a partir do Doutorado, o que me faz constatar que as escolhas foram as certas e o caminho tem sido trilhado nessa direção. Na minha atuação como docente, como pesquisadora e orientadora, são, sem dúvida, os meus projetos em Literatura Comparada que têm norteado o aporte teórico no qual sustento grande parte de minha produção.

Meu credenciamento para atuar neste Programa de Pós-graduação em Letras, como docente, ocorreu em 2003, quando passei a ministrar disciplinas e a orientar em nível de Mestrado. Obtive o credenciamento para orientar em nível de Doutorado a partir do ano de 2007. A partir do credenciamento, comecei a desenvolver projetos de pesquisa ligados à Literatura Comparada.

De início, traço o caminho teórico do projeto *Estudo da correspondência de Murilo Mendes com Guilhermino Cesar*.

Literatura comparada e história cultural: a mediação de espaços textuais. Esse projeto foi iniciado em 2008 e veio para complementar o meu estudo de literatura epistolar, já iniciado com Horácio, em minha tese de doutorado e dando continuidade ao trabalho iniciado pela Prof. Tania Carvalhal. A fundamentação teórico-metodológica foi evidenciada em um exame preliminar das cartas de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar, ressaltando o seu significado no contexto literário brasileiro, com dados que se inserem na história cultural do país, além de contribuírem para a ampliação do conhecimento – que até aqui se tem – da obra de cada um dos autores. Desse modo, o comparatismo inter-relaciona vários elementos e reafirma sua condição de procedimento interdisciplinar e permeador de espaços.

Na sequência de minhas atividades e ligado à linha de pesquisa Teorias Literárias e Interdisciplinaridade, propus o projeto *A transposição literária: da intertextualidade à interdisciplinaridade. Os processos de criação, adaptação tradução e remediação* para a dar continuidade aos estudos e ao avanço com o trabalho docente que vimos desenvolvendo, nos últimos anos, no PPG-Letras, bem como para apresentar e contextualizar as novas abordagens que estão emergindo dos estudos de Literatura Comparada.

Primeiramente, cabe enfatizar a revitalização da Literatura Comparada ao longo dos séculos e especificamente nesta era de globalização. Sem dúvida, foi a institucionalização da disciplina na academia que proporcionou a congregação entre professores e

pesquisadores de literaturas nacionais e estrangeiras promovendo a rentabilidade dos estudos.

Os estudos avançam, os orientandos buscam novos caminhos e a pesquisa se renova. Não há como deixar de falar dos orientandos, pois com a sua criatividade e seus projetos, fazem com que passemos a desbravar novos caminhos. O projeto de pesquisa – *Processos e diálogos da literatura: passagens, intertextos, traduções, adaptações e remediações* – segue na linha anteriormente apresentada, cujos resultados já alcançados foram amplamente divulgados a partir de artigos, teses e dissertações. O foco da pesquisa, segundo as bases teórico-comparatistas, propõe-se a apresentar, contextualizar e trabalhar com os processos de adaptação, remediação e tradução.

A partir da comparação de mídias, considerando uma delas o texto literário, há que fazer um balanço para explicar os processos, que nem sempre são fáceis, entre os meios, como as dificuldades de adaptar o romance ao cinema ou às demais artes. As discussões e mudanças entre os processos de criação, tradução, adaptação e envio são essencialmente voltadas para a esfera subjetiva daqueles que promovem o diálogo entre as mídias.

É necessário, em um estudo comparativo que busque não promover o juízo de valor ou a hierarquia, lembrar que a diferença fundamental entre as mídias, levando em conta o mundo globalizado ao qual estamos inseridos, é a maneira como seus resultados (livros, filmes, jogos, pinturas etc.) são bem recebidos pelo público, que tende a absorver, às vezes inconscientemente,

cada meio em sua própria pluralidade de sentidos e significados. Isso porque os meios têm diferentes sentidos de significado: literatura significa através da palavra; o cinema significa através da palavra, som e imagem; as artes plásticas significam, na maior parte, pela falta de som e de palavras, por meio de suas imagens; meios de informação de vídeo através de palavra, som e imagem, mas principalmente através da interação da mídia com o jogador ou os jogadores entre eles.

Como se pode perceber, embora novos projetos, o foco de interesse tem permanecido o mesmo. Portanto, seja traduzindo latim, seja falando de tradução intersistêmica na literatura comparada, a tradução tem sido, para mim, simultaneamente, uma prática e uma teoria.

No que se refere à Gestão Acadêmica, na esfera do Programa de Pós-graduação em Letras, além da coordenação, exercida em dois mandatos – 2005 a 2007 e 2007 a 2009 – e da participação na Comissão Coordenadora em diferentes gestões, atuei como representante do PPG-Letras na Câmara de Pós-graduação de 2007 a 2013.

No período de Coordenação do PPG-Letras, cabe relatar projetos financiados pelas agências de fomento.

O primeiro, **DINTER** – Programa de Doutorado Interinstitucional –, foi desenvolvido em cooperação entre o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), na cidade de Dourados, no período compreendido entre os anos 2010-2014.

Esse DINTER tituló onze doutores, em 2014, tanto em estudos literários como em estudos linguísticos. Findo o projeto, chegou o momento de os professores e a coordenação refletirem sobre a experiência de docência, de um projeto de tal magnitude, durante quatro anos, envolvendo, entre discentes e docentes, quase vinte pessoas.

Dessa forma, resolvemos tornar públicas algumas ideias que sustentaram teoricamente o Projeto e dar visibilidade a tais ideias, como último ato da empreitada iniciada em 2010. O resultado, materializado em forma de livro, reuniu alunos e professores no verdadeiro espírito do Dinter. A publicação de *Caminhos das letras: uma experiência de integração*, organizado em conjunto com o Prof. Valdir Flores, configurou-se como uma coletânea de textos que sintetizaram as grandes linhas das reflexões feitas no âmago do projeto.

A disposição dos artigos no livro ilustrou a forma como ocorreram as atividades. Em outras palavras, optamos por não separar as duas grandes áreas de nosso Programa de Pós-graduação – Linguística e Literatura – e isso por um motivo muito simples: a execução do **DINTER** transcorreu de maneira tão integrada entre as duas áreas que dar visibilidade a isso é uma maneira consistente de colocar em discussão disputas disciplinares nem sempre salutares, quando o que está em destaque é a construção de um conhecimento eticamente responsável e teoricamente consistente.

O segundo foi um **PROCAD** entre os Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da

Universidade Federal da Paraíba. O resultado do projeto foi publicado no livro *Construções Literárias da Modernidade*, em conjunto com a Coordenadora do Projeto na UFPB, Profa. Liane Schneider.

O terceiro foi o **Colóquio Nacional A Pesquisa em Letras e Linguística em Tempo de Pós-....**, apoiado pela CAPES e pelo CNPq, que resultou em e-book com todos os trabalhos de pesquisa de professores do Programa de Pós-Graduação/UFRGS e de demais Universidade que participaram do evento. As conferências dos palestrantes convidados foram publicadas, posteriormente, na Revista do Programa – Conexão Letras, em seu terceiro número.

Procurei reunir aqui parte do que tem pautado minha vida acadêmica nos vinte e nove anos de atuação junto ao Programa de Pós-graduação em Letras. Trata-se de uma síntese do que já fiz, com quem trabalhei e com aqueles com quem ainda divido a vida acadêmica. A memória é um grande intertexto, intertexto esse que reúne todas as nossas vivências que, ao se interligarem, revelam a nossa história. Diz Saramago: “Foi ontem, e é o mesmo que dizermos Foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”⁶.

• • •

⁶ SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 137.



luciana vinhas

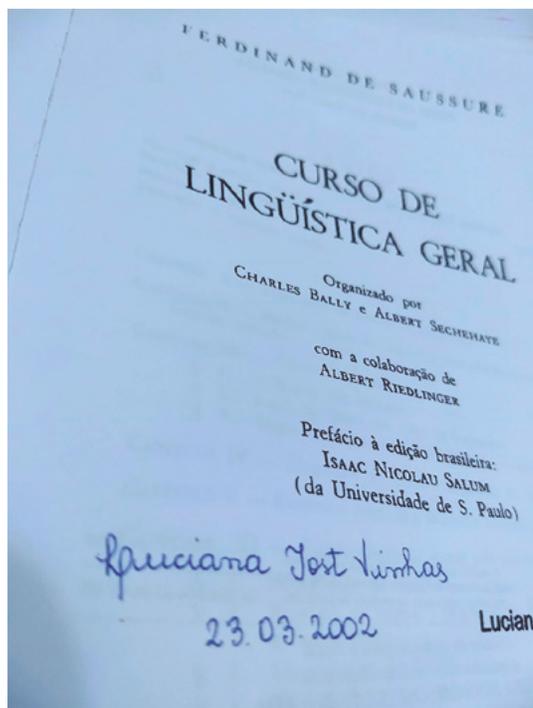
Possui graduação em Letras-Português e Inglês (2005) pela Universidade Católica de Pelotas e Mestrado em Letras (2009) pela mesma instituição. É Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014), onde defendeu tese intitulada “Discurso, corpo e linguagem: processos de subjetivação no cárcere feminino”. É professora adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (DECLAVE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e, também, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. Tem experiência na área de Linguística, trabalhando com a Análise Materialista de Discurso, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux. Suas pesquisas envolvem as temáticas do corpo, da prisão e do político/política. Coordenou projeto de extensão de remição de pena pela prática da leitura no Presídio Regional de Pelotas e, com base nas reflexões do projeto de extensão e da pesquisa em torno das questões penitenciárias, escreveu o livro “O impossível da existência: prisão, mulheres e classe”, publicado pela

Editora Pedro & João (2021). Atualmente, é coordenadora adjunta do projeto de extensão “Palavramundo (educação em contextos de privação de liberdade)”, realizado na APAC-POA. É líder do grupo de pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR/CNPq). Também participa dos grupos Estudos Pecheutianos (UNIPAMPA), Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (UFPEL), Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em movimento (UFRGS) e GELIDES - Grupo de Pesquisa na articulação Língua, Direito, Estado e Sociedade (IFSul). Em 2021, iniciou Doutorado em Letras, na área de concentração de História da Literatura, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). É membra da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do GT de Análise do Discurso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Foi docente efetiva nos Cursos de Letras das IES Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Realeza (2010 a 2014), Universidade Federal do Rio Grande (2014 a 2016) e Universidade Federal de Pelotas (2016 a 2021). E-mail: luciana.vinhas@ufrgs.br. Textos completos: <https://ufrgs-br.academia.edu/LucianaVinhas>.

a constituição da área da Análise do Discurso (AD) no Brasil passa necessariamente pela história da AD na UFRGS. A decisão pela realização tanto do meu Doutorado no PPGLetras quanto do concurso docente para a instituição se deu em função da posição de destaque que a UFRGS ocupa no campo dos estudos em AD, espaço conquistado pelas professoras que compõem o quadro docente do Instituto de Letras e trabalham com a teoria há cerca de 30 anos no PPG.

Embora o primeiro parágrafo deste texto possa ter parecido extremamente formal, quis pontuar, já de início, algo que precisa ser registrado e reconhecido pela comunidade acadêmica da UFRGS, principal motivo da minha procura pelo PPGLetras quando decidi me inscrever no Doutorado. O que se diz por aí, pelos corredores das principais universidades do país, é que a AD na UFRGS é forte e está dentre as mais importantes referências institucionais na área. Vou tentar, daqui para a frente, diminuir as formalidades e expressar, de forma simples e objetiva, os principais elementos que configuram a minha chegada à UFRGS e, mais especificamente, ao PPG.

Eu ingressei no curso de Letras-Português e Inglês da Universidade Católica de Pelotas no ano de 2002 (há exatos 20 anos!). Cabe aqui um registro do início da minha trajetória acadêmica, no tempo em que eu ainda tinha o costume de colocar o meu nome e a data de compra dos meus livros na primeira página.



Quando entrei no curso, eu não tinha certeza do caminho profissional que eu desejava trilhar, mas as coisas foram tomando forma ao longo daquele ano. A única coisa que eu sabia era que eu queria ser professora e que eu gostava de ler. A literatura foi um caso mal resolvido, mas vou falar sobre isso mais tarde. Logo após ingressar no

curso, comecei a participar de dois projetos de pesquisa como pesquisadora de iniciação científica, mas nenhum deles tinha a ver com a AD. Foi somente no meu segundo ano de graduação que conheci a teoria, pois passei a ter aulas com a professora Aracy Ernst na disciplina de Teoria e Prática da Leitura. Junto com isso, ingressei, em 2003, no curso de Psicologia, e foi aí que comecei a entender por onde eu gostaria de me especializar. A psicanálise estudada na Psico, aliada às várias “dicas” que a Aracy dava nas suas aulas, foram me abrindo os olhos para um campo totalmente novo. – Eu falei que a Aracy dava “dicas” porque a aula de Teoria e Práticas da Leitura não era sobre AD, mas, como todo professor de Análise do

Discurso sabe, as questões discursivas sempre se fazem presentes, de uma forma ou de outra, nas nossas práticas docentes.

Então, já no início dos anos 2000, eu tive a grande oportunidade de tomar conhecimento sobre a AD na minha graduação. Eu não tive uma disciplina específica de AD no currículo, mas, desde meu segundo ano no curso, já sabia que a teoria articulava linguística e psicanálise e que eu, de alguma forma, deveria saber mais sobre isso. Eu ainda não sabia como isso aconteceria, pois participava de um projeto de pesquisa na fonologia (aquisição de consoantes complexas do inglês por falantes nativos de português pela perspectiva teórica da Teoria da Otimidade) e na linguística aplicada (identidade do futuro profissional de Letras pela perspectiva bakhtiniana), mas fui, aos poucos, amadurecendo a ideia em minha cabeça e aprendendo o que podia sobre outras possibilidades no meu campo do conhecimento.

Em 2005 veio a formatura em Letras. Apesar de, no ensino superior, eu sempre ter atuado na área de língua portuguesa, sou formada em português e em inglês. Meu início de carreira foi marcado por muitas aulas de inglês em cursinhos de Pelotas, onde, posso dizer, fui me preparando para a sala de aula universitária. Enquanto trabalhava com o ensino de língua inglesa, entrei no mestrado, em 2006, na Universidade Católica de Pelotas, onde, após muita reflexão, acabei desenvolvendo projeto na linha de pesquisa Texto, Discurso e Relações Sociais. Eu disse que essa escolha envolveu muita reflexão porque, mesmo sabendo da minha imensa vontade de trabalhar no âmbito da Análise de

Discurso, ainda tinha grande interesse pelos estudos formais. Foi com essa dupla vontade que acabei decidindo criar um projeto que articulasse os dois campos, e, para isso, fui orientada pela Profa. Dra. Aracy Graça Ernst e pela Profa. Dra. Giovana Ferreira Gonçalves em um projeto que aliou a semântica discursiva à teoria da otimidade conexcionista.

A defesa aconteceu em 2009, com atraso; afinal, eu conciliei a produção da dissertação com as aulas de inglês e aulas na Universidade Federal de Pelotas como professora substituta. Trabalhei, em 2007 e em 2008, como substituta na UFPel (e todo mundo sabe que a carga horária de ensino de professores substitutos não é baixa!). Antes de concluir o mestrado, contudo, é importante falar sobre um *turning point* ocorrido no primeiro semestre de 2009, quando estava finalizando a minha dissertação. Foi um acontecimento que acabou se transformando em um ponto definidor da minha vida acadêmica: fiz uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS como aluna especial. A disciplina se chamava Fundamentos em Análise do Discurso e era ministrada pela Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira. Eu morava em Pelotas e, toda semana (nas quintas-feiras) eu pegava o ônibus às 7h para participar das aulas da Profa. Kitty à tarde e retornar para Pelotas à noite. Disse que essa experiência foi um ponto definidor da minha vida acadêmica, pois, a partir dela, pude delimitar algumas perspectivas de futuro (como veremos a seguir).

O meu primeiro encontro com o PPG da UFRGS se deu, então, no outono de 2009, quando conheci o Campus do Vale, a Kitty e

uma vida universitária muito diferente daquela que eu tive em Pelotas. A vida universitária em um Campus como o Vale me rendeu outra vivência acadêmica, uma vivência de espaço diferente, com pessoas de vários lugares do país, com uma outra relação com a urbanidade e com os colegas, de outros cursos, inclusive. Além dos colegas da Letras, tínhamos a presença de estudantes do Jornalismo e da História, o que rendia muitos debates interessantes. A professora Kitty sempre nos colocou de forma ativa no processo nas interlocuções, promovendo uma tensão necessária para a construção do conhecimento e para o debate ético na reflexão teórica.

Logo que concluí o mestrado, com a defesa em 2009, fiquei um pouco perdida, sem saber por qual caminho deveria andar. Acabei me matriculando no Doutorado na UCPel, mas ainda com algumas inseguranças e insatisfações pessoais. Já chegava perto dos 25 anos e ainda não havia construído uma vida independente, como desejava. Descobri, em agosto de 2009, que uma universidade federal nova estava em processo de criação, por iniciativa do governo Lula: tratava-se da Universidade Federal da Fronteira Sul, que teria campi no oeste de Santa Catarina, sudoeste do Paraná e noroeste do Rio Grande do Sul. Acompanhei atentamente o processo de sua criação e, em dezembro de 2009, fiz concurso para a UFFS. Fui aprovada e nomeada para o Campus de Realeza, no Paraná, onde trabalharia no Curso de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol.

Antes de falar sobre como cheguei ao Doutorado na UFRGS, vou comentar rapidinho sobre a minha história como docente: para trabalhar no Paraná, tive que romper meu vínculo como dis-

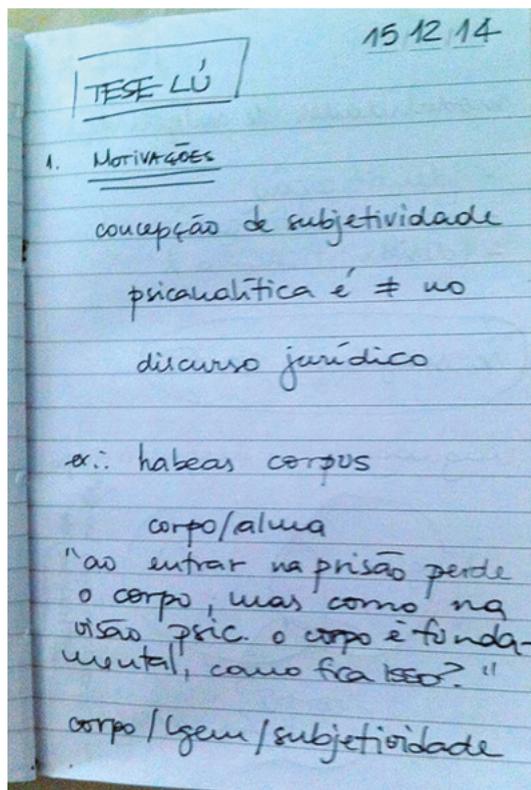
cente do Doutorado em Letras da UCPel. Assim, trabalhei na UFFS de março de 2010 a abril de 2014, quando fui redistribuída para a Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Fiquei lá, atuando na área de língua portuguesa e linguística, durante 2 anos e 3 meses, quando fui nomeada para a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), após realização de concurso. Fiquei na UFPEL de julho de 2016 a agosto de 2021. Foi quando entrei na UFRGS, também através de nomeação. Na UFPEL, fui credenciada no PPGL no final do ano de 2016, e já tive a oportunidade de orientar 8 mestres, sendo que, atualmente, estou em processo de orientação de 6 doutorandas e de 1 mestranda. Minha experiência, então, na Pós-Graduação, como docente, orientadora e, também, como coordenadora (pois fui coordenadora adjunta do Programa durante mais de um ano), me permitiu solidificar minha produção acadêmica e compreender as relações de orientação, algo tão especial da minha experiência profissional (e pessoal).

Ao longo do meu primeiro ano no Paraná, decidi que devia reingressar no Doutorado, e foi quando comecei a cogitar a realização do Doutorado na UFRGS. Eu havia gostado muito da Profa. Maria Cristina... quem sabe ela me aceitaria como orientanda? A distância era um problema, pois não havia universidade próxima de onde eu morava com Doutorado em Letras na área em que eu queria desenvolver meus estudos. Além disso, eu estava pensando em um projeto sobre corpo e discurso. A Kitty tinha acabado de retornar de um pós-doutorado com Jean-Jacques Courtine, na França, no qual havia desenvolvido um projeto justamente sobre esse tema. Seria destino?

Fiz a seleção para o PPG da UFRGS. Recebi a resposta no dia 21 de dezembro de 2010, no dia em que havia chegado em Pelotas para passar o final do ano, depois de uma longa viagem de 10 horas de carro (sozinha!) de Realeza a Pelotas. Abri a página do PPG e lá estava meu nome. Depois de um ano bastante duro, com a primeira experiência de vida “fora de casa”, morando sozinha e me sustentando, tive uma notícia maravilhosa, que me animou para o recomeço das atividades em 2011, quando passei a viajar uma vez por semana para Porto Alegre para fazer os créditos das disciplinas do Programa. Durante todo o ano de 2011, eu vivi 3 dias da semana em Porto Alegre e 4 dias da semana em Realeza. Às vezes, dormia duas noites por semana no ônibus, amanhecia em Porto Alegre e ia para a aula; em outras vezes, eu ia de carro até Chapecó ou até Foz do Iguaçu, deixava o carro no estacionamento do aeroporto e pegava um voo direto para Porto Alegre. Era uma época em que as passagens aéreas estavam muito baratas... (que saudade das primeiras décadas dos anos 2000!). Muitas vezes, valia mais a pena pegar o avião do que ficar todo aquele tempo no ônibus. Fico pensando em quantas pessoas já não fizeram essas loucuras para alcançarem o sonho da pós-graduação... Conheço várias pessoas que também se aventuraram dessa forma (e nenhuma delas se arrepende disso), mas seria muito bom se os coordenadores dos Programas soubessem dessa realidade e reconhecessem nossos esforços para não deixar a peteca cair, numa tarefa árdua para conciliar trabalho, estudo e viagens. Minha sorte foi ter tido o apoio da Kitty que, mesmo em momentos de dificul-

dades, foi compreensiva e disse as palavras certas para me ajudar.

Minha tese foi defendida no dia 15 de dezembro de 2014. Aqui está uma foto do caderno da minha amiga Tina (Cristina Zanella Rodrigues) com anotações que ela fez no dia da minha defesa:



Vou tentar falar rapidinho sobre o tema da minha tese. Aliás, é um tema que me acompanha até hoje! Tudo começou quando participei de um curso sobre psicanálise ofertado por uma instituição de Curitiba. O curso aconteceu em 2010 e, naquele ano, o objetivo era analisar os textos lacanianos sobre corpo e compreendê-lo na psicanálise. Na primeira aula, o professor aponta

para a diferença entre o corpo no discurso jurídico e o corpo pela perspectiva psicanalítica, o qual não pode ser compreendido separado da subjetividade. Foi aí que eu tive a ideia de trabalhar com pessoas em situação de privação de liberdade, já que, para o funcionamento jurídico, o sujeito teria o corpo retirado de si quando da

entrada na penitenciária (aí estaria a explicação para a peça processual *Habeas corpus*, cujo significado é *que tenhas teu corpo de volta*).

Daí surgiu a proposta de tese: entrevistar mulheres em situação de privação de liberdade e tentar refletir sobre a relação entre corpo e subjetividade através da Análise do Discurso. Surgiram reflexões importantes sobre a relação entre discurso e voz, já que o material de análise era embasado nas entrevistas orais gravadas, bem como foi possível fazer um resgate sobre os principais trabalhos envolvendo o corpo na AD e trazer uma contribuição teórica através da noção de *corpolingagem discursivo*, na qual tentei estabelecer relações entre a concepção de corpo oriunda dos estudos psicanalíticos e o discurso, chegando à relação com a subjetividade e, assim, com o processo de interpelação ideológica.

O meu percurso no Doutorado me trouxe a possibilidade de realizar leituras que ainda não tinha feito e discuti-las com as maiores especialistas no assunto. Fui aluna das professoras Solange Mittmann e Ana Zandwais, além de ter feito disciplina com minha orientadora, professora Maria Cristina Leandro Ferreira. Cada uma possuía uma maneira singular de trabalhar com a AD, e, ainda hoje, carrego seus exemplos na forma como tento conduzir minhas aulas e orientações. Kitty foi a orientadora dos meus sonhos: mostrou paciência quando estive ausente, mas impôs limites quando corri risco de extrapolar os prazos. Fazer doutorado e trabalhar não é tarefa fácil, e Kitty sempre foi muito compreensiva com relação a isso. Me orientou de forma segura e generosa, colocando provocações e discutindo os desenvolvimentos teórico-

-analíticos do trabalho com perspicácia e afeto, o que proporcionou, inclusive, a defesa antes do prazo final. Minha banca contou com as professoras Aracy Ernst e Carme Schons e com o professor Lauro Baldini. O trabalho foi aprovado com nota máxima.

Meu maior ressentimento com relação ao Doutorado se deve ao fato de não ter sido aluna da professora Freda Indursky. Sigo acompanhando seu trabalho através dos textos e das palestras, mas guardo essa falta comigo, especialmente quando escuto relatos de quem foi seu aluno e que menciona a grandeza das aulas de Freda. Quemsabeaindasurgeessa oportunidade...aindatenho esperanças!

A boa notícia é de que, no início de 2022, tornei-me colega de todas as professoras que me formaram, direta ou indiretamente. Solicitei meu credenciamento no PPG de Letras da UFRGS poucos meses após a minha entrada na instituição como docente efetiva, em agosto de 2021, com muito incentivo de meus colegas Fábio Ramos e Solange Mittmann, minha tutora de estágio probatório. Após a inscrição do meu projeto de pesquisa, voltado para relação entre escrita de cárcere, testemunho e discurso, solicitei o credenciamento junto ao PPGL. Bom, acho que dá para imaginar a minha alegria em estar compondo o corpo docente da UFRGS e, mais ainda, o corpo docente do PPG, ao lado de grandes referências para o campo da Análise no Discurso no Brasil: Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Ana Zandwais, Solange Mittmann, Luciene Jung de Campos e Fábio Ramos Barbosa Filho.

Antes de encerrar o meu relato, vou fazer uma rápida referência à Análise do Discurso e aos estudos recentes desenvolvidos na

área. Sem medo de ser repetitiva demais, é importante destacar que o lugar de destaque que a UFRGS tem na consolidação da Análise do Discurso no Brasil se deve, dentre outros fatores, ao árduo trabalho da Kitty, responsável por criar o Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), em parceria com a Freda. O evento começou em 2003, em Porto Alegre, e foi crescendo cada vez mais, tornando-se, hoje, o maior evento de AD no Brasil. Os textos apresentados nas mesas-redondas, palestras e simpósios foram publicados em livro, constituindo a memória da constituição da AD no Brasil. São volumes nos quais se encontram as teorizações mais importantes da área, compiladas pelas organizadoras responsáveis pelo evento. Pode-se dizer, portanto, que a UFRGS tem, através das professoras Kitty e Freda, um protagonismo no enraizamento da AD em solo brasileiro, contribuindo para a sua expansão, consolidação e, também, para seus desdobramentos teóricos e analíticos. Atualmente, o evento foi deslocado para a Universidade Federal de Pernambuco, sob a coordenação das professoras Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans De Nardi, ambas egressas do doutorado da UFRGS.

Um dos desdobramentos da teoria que acompanhei foi referente à própria forma como a AD é designada. No início dos anos 2000, lembro-me de ser feita referência à AD como Análise de Discurso francesa; contudo, começaram a acontecer equívocos com relação à outras vertentes que também se autodesignam como vertentes francesas de análises de discurso, o que conduziu para a designação “Análise do Discurso pecheutiana” ou, ainda, “Análise Materialista de Discurso”. Me parece que essas duas designações garantem um

lugar inconfundível para a nossa vertente teórica no âmbito das Ciências Humanas, sendo que, com a designação Materialista, temos a identificação com um campo específico do conhecimento que nos garante a especificidade teórico-analítica tão almejada pela semântica discursiva, calcada na base material para o trabalho com os processos discursivos, considerando a ideologia como parte determinante dos processos de significação. É com isso que se posiciona a AD no campo das ciências humanas, garantindo um lugar específico de teoria não-subjetivista da subjetividade, calcada no materialismo.

Para finalizar este relato, resta manifestar a minha alegria em compor o PPGLetras da UFRGS. Meu objetivo é seguir desenvolvendo pesquisas que estabeleçam relação entre discurso e corpo, agora com as determinações de classe, raça e gênero trabalhando de forma sobredeterminada na compreensão dos processos de significação. Também quero seguir trabalhando com escrita de cárcere, discurso e testemunho, pois estou fazendo outro Doutorado (sim!), agora em Literatura, na FURG, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Coronel, para tentar dar um fechamento ao meu desejo inicial de quando entrei na Letras (conforme mencionei no início deste texto). Aliás, coordenei um projeto de extensão sobre remição de pena pela leitura no Presídio Regional de Pelotas, quando trabalhei na UFPel, sendo do meu interesse trazer a questão carcerária para os debates no âmbito da AD.

Como diz Kitty: “Michel Pêcheux vive!” Manter seu legado e o legado de minhas professoras se torna, portanto, meu maior incentivo no trabalho com AD. Espero que esteja à altura do desafio!





luís augusto fischer

Professor Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980), mestre (1988) e doutor (1998) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez estágio de pós-doutorado na Sorbonne, Paris VI (2015). É autor de vários livros, entre os quais "Machado e Borges" (2008). É crítico literário e desenvolve pesquisas na área de história da literatura brasileira e americana.

GRADUAÇÃO E CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Liz minha graduação em Letras na UFRGS, com formatura no final de 1980. Eu vinha de uma experiência meio torta, porque havia cursado os primeiros semestres do curso de Geologia, também na UFRGS (ingresso em 1976), e depois havia feito novo vestibular para Letras. Acabei depois conciliando minha graduação com outra, em História, curso para o qual havia pedido transferência a partir da Geologia (na época, era possível ao aluno ter mais de uma matrícula, e era bastante comum o fenômeno de gente estudando em dois cursos). Eram tempos muito distintos dos de agora, e acho que vale mencionar algo sobre eles.

Minha geração entra na Universidade num contexto acadêmico específico (e no coração da segunda metade da ditadura militar do período, já com a perspectiva da luta pela anistia, pela recuperação dos direitos, pela convocação de uma Constituinte, num momento de alta para o movimento estudantil). O vestibular unificado tinha poucos anos de vida – foi em 1971 ou 72 o primeiro deles. Antes disso, os exames de ingresso na universidade eram elaborados e aplicados por professores de cada unidade, e envolviam apenas os candidatos para os cursos daquela unidade. Até 1970, então, o vestibular era uma coisa paroquial, com exames

orais, provas específicas, enfim, uma modalidade que envolvia muito menos gente, porque havia sido pensada para uma realidade em que muito pouca gente alcançava concluir o ensino médio.

Nos anos 1960 e 70, a coisa mudou. O que se chamava de “êxodo rural” era uma realidade, as cidades inchavam de gente vinda do interior em busca de emprego, estudo para os filhos, saúde, do sonho enfim de participar do espetáculo da modernidade industrial. O resultado foi que ao longo desses anos uma quantidade muito maior do que antes terminava o ensino médio e buscava algum curso superior. A universidade era até então para muito poucos, mas passou a ser demandada por massas, como nunca antes. O resultado foram os chamados “excedentes”, um grupo de jovens com ensino médio concluído mas sem lugar nos cursos superiores.

Usava-se dizer “excedentes” com base na lógica anterior, em que qualquer um que tivesse estudos feitos precisava apenas passar nas provas, tirar notas suficientes nas matérias atinentes ao curso desejado, para ingressar. Com aquele aumento de candidatos, tornou-se inviável essa prática – de forma que ou a universidade abria muitas vagas mais, ou trancava a entrada de alunos com base em novo paradigma: agora, o vestibular seria não apenas de habilitação, de mera aprovação nas provas, mas de classificação, em que só os primeiros teriam vaga. Esses ditos excedentes eram um grupo social novo: gente jovem, bem educada, integrada na vida urbana, disponível para as novidades comportamentais que não paravam de aparecer – rock’n’roll, pílula anticoncepcional, calças jeans, cabelos compridos para os rapazes – e abertos para a

vida nova das grandes cidades, que porém estava no Brasil sufocada pela ditadura, pela censura, pelo medo. Nesse contexto é que explodiu a importância da televisão e da canção popular, que os festivais divulgavam e promoviam. Essa encruzilhada histórica tinha a trilha sonora de gênios como os agora oitentões Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, os Mutantes, Paulinho da Viola.

Nesse contexto, muitas mudanças foram feitas na universidade. Extinguiu-se, na prática, o modelo anterior, de molde tradicional europeu, com as cátedras sendo a referência (o professor catedrático era um manda-chuva geral, inclusive decidindo a contratação ou a dispensa de assistentes), em favor de um modelo novo, estadunidense, tendo como estrutura básica o departamento. No nosso caso: Letras era um curso dentro da antiga Faculdade de Filosofia (funcionando desde 1943), e passou a ser um Instituto, com três departamentos, em 1970.

Passou a haver então uma distinção entre os Institutos, cada qual com uma fatia no amplo campo do conhecimento – Matemática, Física, Química, Biologia, Letras, Artes – e as escolas ou faculdades – Medicina, Direito, Engenharia, Comunicação, Economia, etc. Cada uma dessas unidades com seus departamentos, dentro dos quais corria a carreira dos professores e dos alunos. A carreira docente foi estruturada de modo mais nítido e, não por coincidência, no mesmo tempo começavam os primeiros momentos de pós-graduação e pesquisa regulamentados. No nosso caso, o pós-graduação foi criado em 1972, e os primeiros professores eram doutores ou livres-docentes segundo uma formação muito

diversa. No geral, não havia cursos para formar doutores; seguindo o modelo tradicional europeu, candidatos a doutor apresentavam um trabalho de pesquisa, em regra quando já eram maduros, e submetiam-no a uma banca. Aprovados, era considerados doutores. (No caso do nosso Instituto, havia um caso como o de Guilhermino César, doutor por Coimbra nos anos 1960, ele sendo nascido em 1908. Alguns outros fundadores, como Donald Schüler, haviam preparado sozinhos um trabalho que foi avaliado por uma banca “importada” de doutores, da USP, que passaram umas semanas em Porto Alegre e examinaram os candidatos. Donald apresentou, nessa ocasião, o que viria a ser seu livro *Aspectos estruturais da Ilíada*.)

Quando eu faço o primeiro vestibular, em 76, essa grande pororoca ainda estava no ar, e o vestibular unificado era ainda uma novidade, que ia se consolidando – e mandaria no horizonte do ensino no Brasil por décadas, até a entrada em cena do ENEM, que inaugura outra época, junto com o FIES e uma expansão de ainda outro volume na oferta de vagas, tanto em universidades e institutos públicos, especialmente federais, quando em faculdades e universidades particulares.

No caso particular da UFRGS (mas não raro em outras cidades), houve uma mudança física também: em 1977 foi inaugurada todo um novo conjunto de prédios do Campus do Vale. Lá já funcionava, desde o final dos anos 1950, um Instituto de Pesquisas Hidráulicas. Mas era um caso isolado, de muito poucos alunos embora com bastante pesquisa aplicada. Em 77 foram

transferidos para lá alunos e professores do IFCH (outra fatia da antiga Filosofia, com os cursos de História, Filosofia e Sociologia), menos a Psicologia, mais o ICTA, de Tecnologia de Alimentos. Nos anos subsequentes, iriam para lá a Física, a Matemática e a Química, mais outros cursos e departamentos (Ecologia, Geologia e Geografia, etc.) E para lá foi também o Instituto de Letras, que aliás compartilhava com o IFCH tanto o prédio de aulas, quanto o prédio administrativo: Letras ocupava o térreo, e o IFCH ocupava o primeiro andar.

PORTUGUÊS NO BÁSICO

Assim, minha entrada no curso de Letras ocorreu bem nessa virada de endereço, para o Campus do Vale, e nessa mudança de paradigma. O Campus do Vale eu conheci ao ingressar na graduação em Letras em 78, no segundo ano de funcionamento do curso naquele lugar, tendo eu estudado na UFRGS por dois anos no Centro, antes disso, inclusive cursando algumas disciplinas oferecidas pelas Letras, como um Inglês instrumental. Sim, o Campus do Vale era abominado por todos, unanimemente: havia apenas poucas linhas de ônibus e escassos horários que serviam ao lugar, não existia RU (apenas o famoso bar do Antônio, que ali permaneceu por décadas) e o Campus em si era uma desolação só – funcionavam apenas os dois prédios gêmeos da entrada (Letras/IFCH e diante dele o ICTA), o prédio administrativo de Letras (compartilhado com a burocracia do IFCH) e a

prefeitura do Vale. A biblioteca funcionava no térreo do prédio de aulas de Letras, equivalendo a umas 3 ou 4 das salas de aula atuais. Só. Nos anos seguintes começaram a ser erguidos os prédios em que agora estão o IFCH, a Física e os demais.

Ao ingressar em Letras, eu havia feito já uns cursos de algum modo ligados a elas. Uma cadeira que era famosa na época, chamada LET180, um curso de português instrumental chamado Redação Técnica, de 6 créditos semanais, que funcionava no prédio que era do Curso Básico (diante do Planetário, esquina da Ramiro com a Ipiranga). Era uma disciplina oferecida para centenas de alunos, de quase todos os cursos superiores oferecidos pela UFRGS, e tinha como finalidade ensinar a produzir textos “científicos”, a partir da pesquisa, para quase todas as unidades uma novidade que estava sendo implantada justamente a partir da reforma de ensino de 1970.

O Ciclo Básico foi uma invenção, rapidamente gorada, associada com a implementação do Vestibular Unificado: por apenas um ou dois anos, bem no começo desse processo, os alunos ingressavam não no seu curso, mas na Universidade, genericamente. E eram obrigados a se matricular em cursos desse Básico – havia esta Redação Técnica, uma Introdução à Sociologia, uma abominação chamada EPB – Estudo de Problemas Brasileiros (o equivalente superior da OSPB do ensino médio, Organização Social e Política Brasileira), um momento de doutrinação sobre o Brasil Grande que a ditadura jurava estar construindo, assim como uma de Lógica (ou algo parecido), outra ligada a Ciências

da Natureza, etc. Ao final do primeiro semestre, as notas obtidas nessas cadeiras obrigatórias encaminhavam o aluno para algum curso, aquele que o aluno desejava ou outro possível, em segunda opção. Foi uma espécie de câmara de amortecimento para aqueles “excedentes”, que entravam para esse Básico e depois é que disputavam o ingresso em seu curso desejado.

(Esta história ainda está por ser escrita. Tomei depoimento de alguns que lá trabalharam antes de mim e a coisa era mais complexa. Me disse Cláudio Moreno, em e-mail para mim: “Partindo de uma ideia, que eu me lembre, do prof. Manoel Luiz Leão, a UFRGS criou naquele ano [1972] um sistema misto de ingresso: em cada um dos cursos oferecidos, os aprovados no Vestibular eram divididos em duas baterias: a primeira formada pela metade superior dos candidatos aprovados, que já tinham garantida a sua vaga no curso escolhido; a segunda, formada pela metade inferior dos candidatos, que teriam de disputar o direito à vaga escolhida submetendo-se a três baterias de provas das cinco (ou três? Lembro que também incluía Matemática) disciplinas que todos estavam cursando obrigatoriamente”. Entre estas estava LET180.)

Do ponto de vista das Letras, esse LET180 foi a porta de entrada de toda uma geração de professores, jovens formados havia pouco, no magistério superior. Ainda sem concurso público, mediante convite, esses jovens professores depois se destinariam a uma série de setores dentro de Letras, mas ali davam aula dessa redação técnica para quase todos os cursos que a UFRGS ofere-

cia. (Anos depois, em 1984, eu também começaria pelo LET180 minha trajetória no magistério superior.) No meu momento de aluno, tive como professora a jovem Zilá Bernd, eu aluno de Geologia, ela ensinando a fazer relatórios de pesquisa e coisas desse teor. Vale lembrar que não houve nada sistemático para ingresso de professores, que quase sempre eram convidados ou faziam seleções internas, sendo formados pelos mesmos professores que então os convidavam. Mas essa ausência de política de ingresso colidia com a necessidade de expansão dos quadros docentes pelo aumento notável de demanda, com a criação de LET180.

Quem liderava o processo era a professora Rebeca Poyastro Peixoto da Silva, auxiliada por um grupo de colegas na coordenação (Maria do Horto Soares Motta, Marino Klausberger, Cláudio Primo Alves Moreno, Paulo Coimbra Guedes, Clarice Bohn Knies). Estiveram entre os professores, nos primeiros anos, além dos já citados: Freda Indurski, Maria Lília Dias de Castro, Eleni Jacques Martins, Maria da Graça Krieger, Arcanjo Pedro Briggmann, Elizabeth Bastos Duarte, José Baltasar Teixeira, Maria Teresa Albiero, Naysa Tesser, Ana Mariza Filipouski, Maria Cristina Leandro Ferreira, Ana Maria Guimarães, José Hildebrando Dacanal, Cleia Ribeiro, Avani Tochetto Oliveira, Teresinha Fávero, Maria Alice Kauer, Bina Maltz. Como se poderá verificar, professores que depois se dirigiram a suas áreas de interesse, Linguística, Língua Portuguesa (tendência majoritária), Italiano, Francês, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Latim. Eu fui um dos últimos a ingressar no ensino superior da UFRGS por essa porta.

ESTUDOS DE LITERATURA NA GRADUAÇÃO

No curso de graduação em Letras, eu desde o começo tinha como foco me especializar em Literatura, particularmente a Brasileira, mas também me dediquei bastante à Língua Portuguesa, porque imaginava que o mercado de trabalho seria mais favorável. (Foi apenas na minha geração que começou a haver, na generalidade dos colégios em Porto Alegre, a divisão entre Língua e Literatura, no ensino médio, ao menos no ano final – era uma adaptação ao vestibular unificado, que tinha inventado uma seção de Literatura destacada da de Língua. Antes desse tempo, anos 1970, era raríssimo o colégio que separava as duas coisas.) Como disse, era em favor da literatura que eu cursava História, à tarde, enquanto cumpria as aulas de Letras pela manhã (com raras exceções nessa divisão).

Devo acrescentar que meu pai foi professor, primeiro de Latim e Inglês, depois de Português, em escolas privadas de sua cidade natal, Lajeado, depois em São Leopoldo, e em escola pública, em Canoas. Sua formação ocorreu em seminários jesuítas, de onde ele saiu ao concluir o equivalente ao Ensino Médio atual – ele saiu habilitado como de um curso da antiga Escola Normal, para lecionar o que hoje é o Ensino Fundamental. Tinha habilitação para lecionar Latim, Português e Inglês. Depois cursou Direito e chegou a iniciar o curso de Letras, na Unisinos, sem chegar a concluir. Esse registro serve para dizer que eu tinha um exemplo vivo em casa do que era ser professor na nossa área, e ao mesmo tempo para sugerir que eu tinha certa familiaridade com essas matérias todas,

incluindo Latim, que a minha geração não estudou mais na escola.

Cursei o máximo de disciplinas de literatura que pude, as de Brasileira, de Portuguesa, mas também de outras línguas em tradução (a Italiana, com a excelente professora Maria Teresa Albiero, a Espanhola e Hispano-americana, com Pedro Câncio e João Francisco Ferreira, algo da Francesa, a Dramática universal). Fui aluno da última turma de graduação para a qual lecionou Guilhermino César: ele completou 70 anos em 1978, e essa idade era a derradeira para atuar, naquele momento. Era a disciplina inventada por ele poucos anos antes, chamada Literatura Sul-Rio-Grandense. A Brasileira eu estudei basicamente com José Hildebrando Dacanal – no momento, Flávio Loureiro Chaves, que veio a ser o titular sucedendo a Guilhermino, estava em licença para seu doutorado na USP. Com Sergius Gonzaga tive algumas aulas justamente em Sul-Rio-Grandense, quando ele completou o semestre de Guilhermino.

Em Teoria da Literatura, num tempo em que a moda era o Estruturalismo (mas que nunca estudei de verdade em aula), fui aluno e monitor da professora Maria Helena Martins, que por aqueles anos publicou seu mestrado, um estudo sobre o *Antônio Chimango* que ajudei a divulgar, enviando cartas para colegas professores. Tânia Carvalhal, que viria a ser a titular da área, sucedendo o casado Dionísio Toledo (em 1969), também estava licenciada para seu doutorado. No ano da minha formatura, 1980, foi reintegrada neste setor Maria da Glória Bordini, que havia sido também casada com Dionísio. Não cheguei a ter aulas com ela, mas a conheci e desde então desenvolvemos uma relação de boa amizade e

companheirismo – logo em 82 quanto ingressei no mestrado, e depois quando comecei a dar aulas nas Letras, em 1985, estivemos juntos em várias comissões e trabalhos. Maria Helena Martins logo se desligou da UFRGS para fazer seu doutorado na USP, e praticamente não retornou de lá para o Instituto de Letras.

Como marcas importantes, creio que posso mencionar dois casos. Uma tem a ver com o meu temperamento intelectual, que por esses tempos já tinha alguma clareza para mim: estudar a literatura como parte da história e da sociedade, linha de resto seguida por todos os professores de Brasileira com quem tive aulas. Nesse campo despontavam já, pela informação que me passavam os professores, figuras como Arnold Hauser, com sua então flamejante *História social da literatura e da arte*, e Antonio Candido. Recomendado por um colega mais velho, que havia feito Letras e estudava Sociologia, li Roberto Schwarz em 78/79, em seu livro recém-lançado, e futuro clássico, *Ao vencedor as batatas*. Era um momento de alta dos estudos digamos politizados da literatura, quando nós, jovens, esperávamos correlacionar a literatura com a sociedade brasileira e com a luta pela democracia no país.

No campo da Teoria, lia-se algo da teoria nas publicações comandadas por Dionísio Toledo na editora Globo, como aquele volume dos Formalistas Russos. Com a Maria Helena, estudamos um pouco num livro de Erich Auerbach, chamado *Introdução aos estudos literários*, que ele escrevera em Istambul para seus alunos e em que se nota claramente o quanto a teoria ainda estava envolta na placenta da Filologia. (O departamento LET 3, por si-

nal, onde fui bolsista-trabalho por um semestre, se chamava ainda apenas Departamento de Linguística e Filologia – não havia o termo “Teoria da Literatura” em sua denominação. Vale lembrar que Teoria da Literatura como disciplina separada havia entrado como obrigatória na graduação de Letras por volta de 1962, não antes.) Essas leituras aconteciam contra o pano de fundo de uma perspectiva estruturalista muito fraca, trivial, inconsistente mesmo, como agora posso ver.

Uma lembrança que vale a pena mencionar é que Maria Helena Martins tinha boas relações com o jornal *Leia Livros*, de São Paulo, que naquele momento era o grande veículo de divulgação e crítica literária no Brasil, fora dos grandes jornais. Estimulado por ela, li e resenhei um livro de contos de Ignácio de Loyola Brandão, então um jovem e destacado escritor da geração que despontava. O livro era *Cadeiras proibidas*, e a ideia era publicar no *Leia*. Me dediquei muito a produzir o texto, que foi lido e comentado por ela, mas por algum motivo nunca foi publicado.

Com o professor Dacanal tive toda uma relação de trabalho, para além das aulas, que em si foram decisivas na minha formação. Neste momento, ele era ligado à novíssima editora Mercado Aberto, de Roque Jacoby, que ele assessorava. Por convite de Dacanal eu fiz muitos trabalhos para a editora: realizei revisões de originais e mais ainda produzi textos de apresentação didática para a série Novelas, que a Mercado Aberto publicava com grande sucesso naquele momento. Eram leituras para ensino médio, de autores então jovens (como Charles Kiefer e Lourenço Cazarré)

e alguns mais calejados mas longe da consagração que teriam (como Moacyr Scliar), ao lado de alguns veteranos (Maria Alice Barroso, Arnaldo Campos). Eu produzi textos paradidáticos sobre duas séries (cada uma de dez volumes), que foram publicados em libretos que eram distribuídos para escolas.

Também produzi textos para uma série de “Guias de leitura” para clássicos brasileiros, ideia do Dacanal para circular entre alunos e professores de ensino médio e jovens universitários. Foi uma excelente escola de produção crítica escrita, porque eu escrevia a partir de demandas do Dacanal, e ele revisava e comentava comigo. Eu redigi a forma inicial de todos os contextos históricos usados nessa série de guias, além de fazer resumos de enredos e preparar exercícios para sala de aula. Essa relação de trabalho, para mim de grande aprendizado, se alongou por alguns anos adiante. Foi, como se diz, uma grande escola. Dacanal havia completado sua formação em Economia pouco antes disso, depois de haver concluído sua graduação em Letras e haver começado (sem concluir) um mestrado na Alemanha. Desse mestrado gorado resultou um extraordinário estudo sobre Guimarães Rosa, que eu li com grande interesse tendo o luxo de contar com o próprio autor como interlocutor.

No currículo da minha graduação, havia, na literatura brasileira e creio que apenas nela, uma ideia de que cada aluno produzia uma monografia final, o que depois passou a ser comum como o nome de Trabalho de Conclusão de Curso, o famoso TCC. Eu fiz sob a supervisão do Dacanal; meu assunto, um estudo sobre o romance *A hora dos ruminantes*, de José J. Veiga. O livro era de al-

guns anos antes, 1966, e o autor era lido com certo fervor naquele momento (junto com Ignácio de Loyola Brandão, Antônio Torres, Caio Fernando Abreu, o contista Moacyr Scliar e outros, todos lidos na chave realista, mesmo quando tinham algo de alegórico) em função do aspecto sombrio, ameaçador, vagamente “realista fantástico” dos livros, num momento em que estava no auge a leitura de García Márquez e outros. Tenho comigo ainda uma cópia daquele trabalho (que entreguei com atraso, se bem lembro, mas com tolerância do professor); nele, eu procurei fazer como que o caminho contrário do dito “fantástico”: o trabalho é um exercício de decifrar os traços realistas que no texto são esparsos ou cifrados, ajuntando as evidências possíveis para deduzir o contexto histórico. Era já um exercício de estudo da representação, que no fundo foi sempre o que fiz e faço até hoje.

Vale lembrar que esse momento, meados dos anos 1970, se marcou também pela publicação de alguns livros dos então jovens professores da área. Mesmo sem ter tido aulas com Flávio Loureiro Chaves, eu o conhecia de ler sua *Ficção latino-americana*, lançado em 1973. Pouco depois foi a vez de seu livro *Erico Verissimo – realismo e sociedade*, seu mestrado. Também outros entravam nessa vida de publicar, como Tânia Carvalhal e Maria Helena Martins. Era o tempo em que a Globo estava decadente mas ainda atuante na cidade, a Sulina publicava Dacanal, a Movimento oferecia boas leituras e a L&PM aparecia, logo antes da Mercado Aberto. No plano nacional, a editora Ática ocupava parte central da vida universitária, ao lado de outras paulistas (Perspectiva) e cariocas (Civilização Brasileira).

Vale acrescentar, para o meu caso pessoal, que me dediquei bastante ao curso de História, especialmente na parte de Brasil e América. Fui monitor de História do Brasil por dois anos, com a professora Sandra Pesavento, que era muito jovem então. Com ela desenvolvi uma estimulante relação, que me fez aprender muito da história em função de pensar a literatura. Fui seu aluno num tempo em que ela transitava da história econômica (seu mestrado) para a história cultural, e tenho certeza de ter sido um bom interlocutor para ela no campo da literatura, o que equivale a dizer que com ela eu passava de Marx para Gramsci e a escola dos Annales, falando genericamente. O que eu lia e estudava com ela, em história e em teoria da história, me ajudou muito a clarear meus caminhos futuros.

O curso de História era dominado por leituras de marxistas e comunistas, de Marx em diante até os pensadores daquela conjuntura, muitos dos quais pouco ou nada esclareciam para além de suas próprias convicções. Enquanto cursava História, fiz algumas disciplinas que envolviam Filosofia e Sociologia, que me proporcionaram leitura de grande valor, que eu não teria feito de modo organizado como fiz ali. Um semestre de Kant com Valério Rohden, por exemplo, me desasnou no tema, ainda que com muitas limitações da minha parte.

MESTRADO

Ingressei no mestrado em 1982, para estudar Literatura Brasileira. Naquele tempo, os ingressantes não tinham definido seu orien-

tador quando da entrada – isso era coisa que se decidia com o passar do tempo. Eu já lecionava em colégios (especialmente no Anchieta, em que lecionei por oito anos, de março de 1980, quando ainda estava na graduação, até dezembro de 1987, e depois do Israelita, por um ano em 1984, e ainda no Colégio Militar, onde ingressei por concurso, tendo ficado empatado em notas com a futura colega de UFRGS Gilda Neves Bittencourt, nós dois em primeiro lugar, com a mesma nota) e em cursinhos pré-vestibular de menor cartaz. Essa realidade de trabalho, necessária para a minha manutenção, me fez abandonar a graduação em História, para a qual me faltaram umas poucas disciplinas, que em dois ou três semestres eu teria podido cursar.

Quando se inscrevia para a seleção no mestrado, o candidato escrevia umas linhas sobre sua ideia de estudos – autor, obra, alguma coisa sobre o viés de interesse, etc. Mas era coisa breve, um quadro num formulário. (No geral, escrevia-se muito menos, em todos campos e momentos.) Apresentei uma proposta de estudar “O alienista”, de Machado de Assis. Eu estava totalmente seduzido pelas ideias e hipóteses expostas por Roberto Schwarz em seus livros até então editados, que eu lera com detalhe – *A sereia e o desconfiado*, mais que todos *Ao vencedor as batatas* e ainda *O pai de família e outros estudos*. Minha ideia, que rendeu um ensaio para uma das cadeiras do mestrado, era testar “O alienista” com as hipóteses das “ideias fora do lugar” – Simão Bacamarte também empregava ideias e as descartava ao sabor de um certo capricho, como Schwarz

dissera de Brás Cubas. Mas ao cursar as disciplinas do mestrado me dei conta de outros temas possíveis e, talvez mais ainda, me apercebi das minhas limitações para estudar Machado de Assis.

O resultado foi uma dissertação imensa, defendida em 1988, com umas 470 páginas⁷, mas sobre poesia – e poesia parnasiana. Esse tema nem de longe era uma preferência minha, em nenhum sentido – mas eu tinha me dedicado um tanto a ler a poesia brasileira para dar aulas no ensino médio, sabendo que essa era uma lacuna na minha formação – tive poucas aulas de poesia, e quase nada dela nas aulas de Brasileira. Foi num curso ministrado pelo professor Donald Schüler que me veio a ideia. Ele discorria sobre um poema de Castro Alves, “Ahasverus e o gênio”, mostrando como ali estava uma poética não apenas do autor, mas de uma parte importante do Romantismo, aquela visão do poeta como um gênio incompreendido, que percebe que sua virtude poética não tem mais função relevante na sociedade, etc. O gosto por montar painéis históricos, que já me acompanhava, me levou a conceber um projeto que mapearia e analisaria as poéticas dos principais poetas brasileiros, como este poema de Castro Alves, vindo de Gregório de Matos até Gilberto Gil – sim, a canção já estava no meu horizonte como parte da literatura.

⁷ Esse material foi publicado anos depois, com percalços. A dissertação ganhou um concurso nacional do então ainda existente Instituto Nacional do Livro; quando fui encaminhar o material para a publicação, o INL foi extinto, no governo Collor, de forma que perdi a chance da edição, que era o maior prêmio que recebi (ao lado de um diploma e um cachê). Encaminhado depois à editora da UFRGS, foi rejeitado, com um parecer muito fraco (estou sendo ameno no juízo). Anos depois, em 2003, saiu pela Editora da PUCRS: *Parnasianismo brasileiro – Entre ressonância e dissonância*, com apresentação de Marisa Lajolo.

E de fato assim eu fiz: me cerquei de livros de poesia, marquei neles uns quantos poemas de cada autor importante, pensando depois em estudar a evolução, a mudança, ao longo do tempo, entre uma crença total no poder enunciador da palavra poética, antes do Romantismo, até a canção “Metáfora”, do Gil, que cifrava em alegorias e em imagens espelhadas a tarefa do poeta – “Pois ao poeta cabe fazer com que na lata venha a caber o incabível”. A ideia geral era mostrar esse processo por dentro, quer dizer, pelos poemas em que cada poeta expressasse suas convicções e impressões sobre o papel da poesia e do poeta. Naturalmente eu tinha balizas sólidas, uma das quais era Manuel Bandeira: seu poema “Poética” era explícito ao afirmar que queria a liberdade, que era contra a poesia burocrática, reverente, conservadora.

Nesse processo, acabei me dando conta que justamente aquele tempo entre o Romantismo e as Vanguardas era o xis da questão: no primeiro, ainda havia uma fé relativamente ingênua na capacidade do poeta em dizer como era o mundo e mesmo em orientar o leitor em sua vida, ao passo que no segundo ocorria aos poetas renunciarem explicitamente à condição de tutores, de portadores de alguma palavra com sentido relevante. Assim fui me aproximando do núcleo do problema, que se expressou pelas vias do Parnasianismo e do Simbolismo, entre 1870/80 e a década de 1920. Mais um pouco e me dei conta de que o Simbolismo era já moderno, no sentido de ter uma plena consciência de seu descaminho, relativamente ao posto de guia em que o Romantismo pretendia colocar o poeta. Assim, entre idas e vindas, em fixei no Parnasianismo –

e me dei conta, no processo, que eu estava no fundo estudando a poesia da época do Machado maduro também pela lente de Roberto Schwarz – não era exatamente um estudo sobre “ideias fora do lugar”, mas sobre a relação entre as formas poéticas e os temas parnasianos, naquele contexto da Primeira República.

Não tive orientação para esse trabalho, de fato. Ao longo do mestrado tive aulas com quatro professores, apenas: Guilhermino César (para quem escrevi um ensaio defendendo Antonio Candido contra Afrânio Coutinho, que ele parecia claramente preferir), Donaldo Schüller (com quem estudei épica clássica e algo de teoria da literatura), Tânia Carvalhal (com quem fiz dois cursos, os dois sobre Augusto Meyer, objeto de seu mestrado e doutorado – era comum que os professores dessem cursos sobre seus trabalhos de título) e Flávio Loureiro Chaves (com quem fiz três cursos: um sobre Erico Verissimo, para o qual escrevi um ensaio sobre *Incidente em Antares*, contestando a visão de Flávio sobre o livro; outro sobre Machado de Assis, o conto, que foi talvez o melhor curso de mestrado que fiz, e outro sobre Guimarães Rosa, também muito bom). Dacanal e Sergius Gonzaga, que eram já professores da graduação, e com os quais eu tinha bastante afinidade intelectual, não tinham completado nem seu mestrado, o que os afastava da possibilidade de lecionar na pós-graduação e de orientar. Guilhermino não orientava mais, e parou mesmo de lecionar no pós logo por aqueles dias (seus cursos eram já bastante difusos, com pouca estrutura analítica, valendo a pena mais pelos depoimentos e testemunhos que podia dar como sobrevivente dos tempos heroicos do primeiro

Modernismo), uns poucos anos para além de seus 70 anos de idade.

Minhas afinidades conceituais e epistemológicas com professores do pós se alinhavam, por ordem, com Flávio, Donaldo e Tânia, esta na verdade uma professora com quem tive grandes divergências analíticas e interpretativas, entre escassas afinidades. Sem ir muito longe aqui nas minhas considerações: a professora tinha uma visão da literatura e da crítica literárias próxima da tradição formalista, não no sentido do formalismo eslavo ou da *close reading* (que de fato eu pouco estudara até então), mas no sentido digamos brasileiro, em que a literatura e a crítica tinham menos função de conhecimento da vida, da sociedade, da história, e mais função como requinte cultural, como amenidade e elegância. Naqueles tempos, ainda sob a ditadura (já em seus últimos anos), tudo que minha geração e eu queríamos era entender os nexos entre literatura e vida social – fosse pela mão mais generalizante de Auerbach (de quem eu começava a ler *Mimesis*), fosse pela mão de Candido, de Hauser ou de Schwarz, para citar os que mais me empolgavam. A professora Tânia, por tudo que soube, também não tinha nenhum apreço pela interlocução comigo – e digo isso lisamente, sem mágoa ou ânimo belicoso, não para criticá-la, mas reconhecendo que assim é, há afinidades ou não as há.

Ocorre que eu precisava ter um orientador, mesmo que pró-forma. Procurei os professores naquela ordem – Flávio, Donaldo e Tânia. Os dois primeiros, por motivos que não conheço, não puderam ou não quiseram me orientar; restou a professora Tânia. Fui até ela e disse-lhe honestamente que sabia de nossas

diferenças, que imaginava que para ela não seria uma tarefa desejável, mas que enfim era uma contingência: eu não podia ficar sem orientador. Ela aceitou a tarefa, com correção profissional mas sem entusiasmo, e então assinava os papéis necessários. Mas de fato conversamos apenas duas vezes, uma quando lhe apresentei creio que uns 3 capítulos, outra quando apresentei o trabalho finalizado. A vantagem desse processo foi que eu caminhei sozinho, no sentido intelectual – fiz o que pretendi fazer (e fiz no meu ritmo: defendi o trabalho apenas em 1988, seis anos depois de ter ingressado, um prazo hoje impensável, mas naquele tempo não tão raro assim: ainda havia, por exemplo, provas de conteúdo em cada curso, além da monografia final, numa lógica antiga, cada vez menos presente, em que se esperava que mestrandos e doutorandos apresentassem uma certa erudição no campo). A desvantagem, naturalmente, foi a de não receber uma leitura crítica que apontasse meus problemas e limites, que certamente havia e há.

A banca do mestrado ocorreu em 1988 e teve como presidente a orientadora, mais os professores Donald Schüller, da UFRGS, e Antônio Dimas, da USP. Não posso dizer que tive aporte crítico relevante na ocasião.

Cabe dizer que, entre meu ingresso como aluno no mestrado e essa defesa, ingressei como professor do Instituto de Letras, num concurso para Língua Portuguesa realizado em 1984 mas finalizado apenas em 1985, em função de recursos. A banca era composta, como era comum naquele momento, apenas por professores da casa: era presidida por Celso Luft e contava com Leda

Bisol e Ana Maria Guimarães. Como mencionei acima, comecei a dar aulas na UFRGS como contratado (se dizia na época “horista”) para o LET180, a disciplina criada no começo dos anos 1970 com uma daquelas do Ciclo Básico e que tinha remanescido nos anos 80 e seguia sendo oferecida para uma grande quantidade de carreiras. Nesta posição de “horista”, contratado por hora-aula, sem qualquer pagamento para preparação de aulas ou reuniões e sem qualquer carreira estável, comecei a dar aulas no Básico em março de 1984, junto com muitos dos colegas acima mencionados. Quando apareceu o concurso formal, os horistas todos do Básico foram orientados a se inscrever, o que eu fiz. Resultou que tirei o primeiro lugar, e havia 4 vagas (que foram preenchidas por Mathias Schaff, em segundo, e duas colegas do Básico, Maria Alice Kauer e Terezinha Fávero). O fato de já ser professor da casa, mesmo que na categoria de Auxiliar de Ensino, por certo me dava uma condição anímica de tranquilidade para o debate na defesa. (Para lograr aprovação, além do meu esforço pessoal de estudos, muito me valeu um curso livro patrocinado pelo nosso PPG, com o excelente professor Carlos Alberto Faraco, da UFPR.)

DEPOIS DO MESTRADO, ANTES DO DOUTORADO

Nos anos 80 eu me dediquei muito a estudar os nexos entre literatura e sociedade. Como aluno de graduação de História, frequentei dois seminários na História sobre Brasil contemporâneo, orientados pela Sandra Pesavento, assim como fui seu interlocutor

para uma série de temas ligados à literatura, no Rio Grande do Sul e no Brasil. Como aluno regular daquele curso, fui monitor de História do Brasil, tendo trabalhado por dois anos em proveitosa convivência acadêmica com ela e com a professora Helga Piccolo.

Como já mencionei, havia começado a dar aulas em escola já em 1980, primeiramente no colégio Anchieta, onde fui subordinado ao então coordenador da área, meu logo e para sempre amigo Paulo Coimbra Guedes, que tinha, além de tudo, um gosto muito particular por literatura, não para ensiná-la em sala de aula, e sim para compreendê-la como parte essencial da constituição do português no Brasil. Com o Paulo e por causa dele também estudei muito e tive muito espaço para inventar coisas interessantes, estratégias de ensino, programas, exercícios, etc. para registro: ainda no primeiro ano em que lecionei no Anchieta, além de aprender a dar aulas de redação, uma novidade no ensino brasileiro (com o vestibular unificado, havia sido suprimida qualquer redação, o que implicou o abandono do aprendizado de redação nas escolas, sob a ditadura), organizei, com a energia dos jovens professores e sem remuneração, um grupo de leituras de poesia para interessados, fora do horário escolar – e lá estava já um conjunto de letras de canções, que a gente lia e ouvia. Essa experiência letiva com a canção, desde 1980, certamente está na base da criação da cadeira de Canção Popular Brasileira, no começo dos anos 1990, como opcional para alunos de Letras e de outras áreas, curso que com os anos foi-se desdobrando em pesquisas e orientação no campo.

Ainda no tempo do mestrado, tive duas grandes oportuni-

des de aprendizado. No pós, fiz um curso livre com João Alexandre Barbosa, professor da USP, sobre João Cabral de Melo Neto, uma de suas especialidades. Lembro vivamente como foi interessante ouvir um professor inteligente e bem preparado falando de poesia, uma área em que minha formação era claramente fraca – os professores com quem mais tinha afinidade intelectual, Flávio e Dacanal, mais Guilhermino, eram leitores muito eventuais de poesia. Foram cinco encontros, nas tardes de uma semana apenas, mas abriram muitos caminhos. Não se tratava de procurar ou de haver afinidades metodológicas ou epistemológicas com o professor; o que importava era sua grande qualidade e sua capacidade de mencionar e comentar bibliografia de grande importância.

Alguns anos antes ainda, no começo dos anos 80, tive a rara oportunidade de frequentar um excelente curso de extensão, organizada pelo setor de Alemão, com patrocínio da professora Eva Koch (curso que funcionou à noite na antiga sede do Goethe Institut, na Dr. Flores, no centro da cidade), com Peter Naumann. Nativo do Rio Grande do Sul, era ele um doutorando na Alemanha, orientando de Hans Gumbrecht, e tinha feito sua graduação em Letras na UFRGS. Tratou-se, para mim, de uma experiência de grande profundidade, pelas exposições do professor mas mais ainda pelas leituras que fomos estimulados a fazer e pelos debates que ele promovia. O nome do curso já traz um tempero de época: “Introdução à teoria da ciência para estudantes de Literatura”. Era essencialmente uma visada habermasiana sobre a tradição da crítica e da teoria literária europeias do século XX, desde os forma-

lismos até o estruturalismo, passando pela Escola de Frankfurt e brevemente pelo New Criticism. Por breve que tenha sido, foi este curso que de fato me proporcionou estudar teoria da literatura, com muito mais densidade do que na graduação e mesmo nos cursos do mestrado.

(Peter Naumann, por motivos que não importam aqui, que se ligam a sua atitude fortemente crítica contra determinadas posições e figuras locais, acabou desistindo da carreira universitária, para a qual era claramente vocacionado, tornando-se intérprete e tradutor entre o alemão e o português. Veio a ser talvez o mais importante intérprete de conferências de alto nível, acompanhado tanto figuras de destaque da universidade nas áreas de filosofia e direito, quanto altos dirigentes da indústria alemã.)

Também por esses anos todos eu já colaborava com a imprensa. Escrevia resenhas e críticas de livros e alguma coisa de filmes, para a Zero Hora e para veículos de menor expressão, na cidade. Em 1986, publiquei meu primeiro texto na imprensa paulista, que eu acompanhava com enorme interesse – houve um boom editorial e de ideias naquele momento, auge da redemocratização, que a grande imprensa cobria com vigor e entusiasmo. Tratava-se de um ensaio para o suplemento *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, então uma das principais vitrines do debate intelectual brasileiro. O assunto: eu combatia com todas as minhas forças críticas um artigo de Lúcia Santaella, publicado umas semanas antes, no qual ela louvava o pós-modernismo em flor como sendo a redenção da humanidade, e sugeria que as antigas categorias de

pensamento, as modernas, deviam ser abandonadas em favor do que vinha vindo com a nova geração, que nascia já íntima desse mundo novo, o mundo que de fato brotava, o mundo dos computadores pessoais, ainda antes da internet. Eu recolhia argumentos no neo-iluminismo de Habermas, de Sérgio Paulo Rouanet, na dialética de Roberto Schwarz.

(Uma coisa curiosa em torno desse texto foi a repercussão local, entre colegas e conhecidos. Publicar no suplemento *Folhetim* era meio que sonho de consumo para qualquer intelectual, e duas colegas da UFRGS, cujos nomes não importam, me telefonaram perguntando como eu tinha conseguido a façanha. Minha resposta foi a desapontadora verdade: eu tinha ficado indignado com o texto daquela professora, e liguei para a redação do jornal perguntando se podia escrever um artigo para debater esse da Santaella, e eles disseram que sim, podia enviar para o endereço tal. Eu escrevi, passei a limpo (na máquina de escrever, ainda) e enviei. Um tempo depois saiu o texto. Não conhecia ninguém na redação, não tinha pontes ou pistolões, muitas vezes essenciais para esses feitos, no campo intelectual. O conteúdo do texto em si não foi muito comentado por elas.)

Sempre tomei a atividade de escrever para jornais e revistas de circulação aberta como parte essencial do metiê intelectual – e os exemplos que tinha eram bons e próximos, como Guilhermino César, José H. Dacanal, Sergius Gonzaga, Flávio Loureiro Chaves, Donald Schüler e mesmo Celso Luft, todos eles, em alguma medida, presentes em veículos de imprensa, em Porto Alegre

e eventualmente fora daqui, oferecendo sua visão das coisas para fora dos muros da universidade, entrando no debate aberto. Até hoje considero uma tarefa de grande valor essa de participar do debate público, a ponto de muitas vezes eu preferir escrever para a imprensa pública a escrever para publicações acadêmicas, cuja leitura, quando ocorre, se esgota entre pares.

Na época do fim do mestrado, duas grandes vogas intelectuais tomaram vulto no Brasil: a literatura comparada e o pós-modernismo. Aquele ensaio para o *Folhetim* era, como disse, uma tomada de posição minha contra as facilidades do pós-modernismo tal como ele apareceu no cenário brasileiro, decretando o fim da modernidade que devia ser também o fim da dimensão nacional dos debates⁸. O pano de fundo dessa moda intelectual acompanhava o iminente fim da União Soviética, que se configuraria poucos anos depois, junto com a derrubada do Muro de Berlim, marcando o fim da Guerra Fria, o contexto ocidental dos tempos da minha formação.

A segunda moda, esta específica da nossa área, foi a Literatura Comparada. Ela veio afinada com a visada pós-modernista na medida em que apresentava, explícita ou implicitamente, uma crítica à tradicional divisão dos estudos literários segundo os países e ou as línguas nacionais. Concretamente, se insinuava que a existência

⁸ Publiquei anos depois em livro esse ensaio, junto com outros dedicados ao mesmo tema. Era o meu primeiro livro de crítica literária e cultural e se chamou *Para fazer diferença* e saiu pela Artes e Ofícios, de Porto Alegre, em 1998. Nele também reproduzi textos críticos contra a moda do pós-modernismo, publicados na imprensa de Porto Alegre.

de divisões administrativas, intelectuais ou conceituais como “Literatura Brasileira” estava condenada e, em versões mais ativas, devia mesmo ser combatida. Foi um debate que se expressou claramente na organização do nosso doutorado, como adiante comento.

O ano de 1988 conheceu ao menos duas grandes atividades acadêmicas em Porto Alegre, no nosso campo. Um deles foi um conjunto de eventos em torno do centenário da Abolição da Escravatura, que se ligava ao tema da literatura feita por afrodescendentes, campo de eleição de uma colega, Zilá Bernd. Ela teve pioneirismo nacional no tema, ao lado de alguns poucos outros; ela era professora de Francês, e por aí, via “négritude”, estudando poetas caribenhos de língua francesa, se aproximou do Brasil.

O outro, com imenso prestígio nos anos vindouros, foi o primeiro Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, ocorrido na UFRGS, sob a liderança de Tânia Carvalhal. O evento nascia como sintoma do amadurecimento dessa corrente de pensamento, que num sentido genérico acolhia orientações epistemológicas variadas, mas especificamente mostrava um forte viés anti-historicista ou antidialético. O homenageado principal do evento foi Antonio Candido, saudado como patrono do campo, mas prestigiado por suas incursões e debates não-nacionais e não por sua perspectiva claramente sociológica de crítica literária, nem por seu notório engajamento em debates ideológicos no presente (fundador do antigo PSB e depois do PT). Era uma homenagem a ele, mas era também um esforço por iluminar tão-somente uma das facetas de seu profícuo trabalho.

Visto pelo ângulo da profissionalização de nossa área acadêmica, que conheceu um momento novo na virada dos anos 80 para os 90, a criação da ABRALIC induzia a uma perspectiva supranacional e, nos bons casos, cosmopolitas quer dizer, não-nacionalista; nos casos triviais, representava uma força contra as discussões mais politizadas do campo da literatura, seja na crítica e na história literárias, seja no campo do ensino, seja ainda no terreno do mercado nacional. Visto da minha posição (que era a de colegas de geração, também), a ABRALIC carregava mais o traço conservador na política do que o traço emancipador na perspectiva.

Vale uma consideração do contexto local. Nesses anos finais da década de 1980, Porto Alegre elegia um primeiro prefeito pelo PT, por sinal ex-aluno de Letras, Olívio Dutra. Antes dele, na primeira eleição direta para prefeito da cidade depois do começo da ditadura militar, havia sido eleito Alceu Collares, pelo PDT, conectando o presente com o passado pela esquerda, já que o derradeiro prefeito eleito havia sido Sereno Chaise, também trabalhista. Com Olívio, a cidade respirou outros ares, que, dizendo de modo simplificado, apontavam para o futuro – foi o começo do Orçamento Participativo e de uma série de práticas políticas e administrativas que impactariam decisivamente no panorama local e também estadual e regional, como ocorreu com a revalorização da cultura crítica e a descentralização de atividades para as periferias. Na ponta mais alta desse processo, podemos lembrar o enorme evento que foi o Fórum Social Mundial, de 2001 em diante, que teve Porto Alegre como palco. Nossa cidade passou

a ser conhecida literalmente em todo o mundo por esse feito.

Me envolvi pessoalmente nesse processo. Fui sondado para ocupar um cargo já na primeira administração petista, no campo da Literatura da secretaria de Cultura, mas por motivos que não importam aqui acabei não assumindo. De todo modo, me tornei um ativo colaborador na produção de eventos, no debate de ideias, etc. Estive entre os fundadores da revista Porto & Vírgula, que fez história naquela quadra histórica. Conto isso porque meu envolvimento externo à UFRGS (que nunca prejudicou meu trabalho como professor, muito pelo contrário, creio) era apenas uma parte de uma grande participação de colegas, de várias áreas universitárias, no governo que se iniciava. Na política interna à UFRGS, foi também um momento de intenso debate, porque se deflagrava todo um processo de mudança, que implicava, por exemplo, a luta pela eleição para a reitoria, coisa que de fato começou a ocorrer, tendo na figura de Alceu Ferrari, professor da FACED, a primeira representação de esquerda. Ferrari venceu entre os alunos, mas o indicado foi aquele que venceu entre os professores, Gerhard Jacob, da Física, que veio a assumir o cargo em 1988. Sua sucessão se deu com a posse de Héglio Trindade, do IFCH, empossado em 1992, numa campanha e depois numa gestão memoráveis. Também desse processo, com Héglio à frente, participei bastante, na criação do Jornal da UFRGS e em outras atividades, políticas e culturais.

Com Héglio, trabalhou como pró-reitora de Extensão a colega Ana Maria Guimarães, que tinha sido a primeira diretora eleita

do Instituto de Letras. Sua escolha ocorreu em 1988, num processo que merece ser contado. Eu atuava na então Congregação, representando os Auxiliares de Ensino, e junto com a colega Eloína Pratti dos Santos, do Inglês, levei a proposta de eleição direta ao debate. Esclarecendo: havia duas instâncias deliberativas em cada instituto: o Conselho Departamental, mais democrático porque composto pelos chefes de departamento mais representação das classes de professores, e a Congregação, espécie de senado em que todos os titulares tinham assento cativo, mais representantes das classes de professores. O resultado é que os titulares, nesta altura majoritariamente remanescentes do tempo anterior à reforma de 1970, tinham maioria fácil.

Quase todas as unidades da UFRGS haviam já feito, *quatro anos antes*, alguma forma de consulta à sua respectiva comunidade para a escolha do diretor; Letras, não, nada. Era um atraso significativo em muitos sentidos, em parte explicável pelo reacionarismo dominante entre professores mais antigos, os titulares ainda remanescentes, em outra parte pela cisão que nascia da distinção entre professores com carreira formal, mais antigos e/ou aliados dos mais antigos, e os professores horistas, oriundos do Básico, que só entraram na carreira formal depois de uma greve, em 1981, e que eram vistos por muitos dos “velhos” como esquerdistas e/ou gente “sem nível”. Era a velha visada lamentavelmente elitista, aristocrática, arrogante, um correlato óbvio da visão conservadora que se expressava no rechaço à língua brasileira e à literatura recente, no bloqueio à criatividade popular, etc. De todo modo,

ao longo de 1987 tivemos embates memoráveis na Congregação, entre a nossa proposta e a reação conservadora da maioria dos titulares, num processo que levou meses. Ao final, mediante muita negociação e contando com a adesão de alguns dos titulares – vale a nota de que sempre esteve ao nosso lado o saudoso professor Celso Luft –, resultou vitoriosa a posição pró-consulta, num formato confuso bem ao gosto dos reacionários: eram inscritas chapas, como nós desejávamos, mas a votação era nome a nome, como eles insistiram. (Detalhe: tanto fizeram os reacionários para atrapalhar a democracia, e no fim sequer apresentaram uma chapa. Tiveram vergonha da iminente derrota, por certo. A nossa foi a única inscrita. Tenho aqui os números finais da votação: entre professores, 52% votaram na chapa; entre alunos, 92%; entre técnicos-administrativos, 82%.) Assim, foi eleita a Ana Guimarães, com Eloína de vice, numa chapa de seis colegas da qual eu mesmo fazia parte.

Esse caldo de cultura efervescente, na política ampla da cidade, do país e do mundo, assim como na vida específica do Instituto de Letras, era o pano de fundo, então, da chegada das modas do pós-modernismo e da literatura comparada, e o conjunto desses fenômenos oferece o quadro geral do debate sobre a criação do doutorado em nosso PPG. Como marcos políticos gerais, a cronologia nacional do processo que até aqui relato pode ser balizada por três datas: 1979, ano em que se promulgou a Lei da Anistia, que liberou o retorno dos exilados; 1984, em que se desfechou a Campanha pelas Diretas Já, que mobilizou a opinião pública como nunca antes, desde antes da ditadura; e 1988,

ano em que se promulgou a nova Constituição brasileira, fruto maduro do processo de superação da nefasta ditadura militar (e ano da primeira eleição para a direção de nosso Instituto de Letras). No plano internacional, o mesmo período foi marcado pelo fim da Guerra do Vietnã, pelas guerras anticoloniais (libertação dos países do antigo império português), e pela crise e desmanche da antiga União Soviética, em 1989.

DOCTORADO

Até então, havia duas áreas nítidas no PPG – uma área de Literatura, hegemônica pela Brasileira, e outra de Linguística, hegemônica pela Língua Portuguesa. A criação do doutorado se impunha para o desenvolvimento da área, que vinha funcionando em bom nível desde 1972. (Na PUCRS, havia já um programa de doutorado em funcionamento seguro desde 1978.)

Não participei diretamente dos debates para a criação do Doutorado, porque não era credenciado, por ser apenas mestre. Mas acompanhei, mediante relatos de colegas, do clima geral da conversa. Na Brasileira, havia dois doutores apenas, Flávio Loureiro Chaves, que era titular (no antigo modelo), e Maria do Carmo Campos, que por esse tempo retornava de São Paulo com seu doutorado. (Com esses dois colegas, compus uma banca de concurso de professor para a Literatura Brasileira, mesmo sendo eu apenas mestre. Era um tempo em que as bancas eram compostas apenas por professores da casa, e este creio que foi um concurso para professor

Assistente, quer dizer, já com mestrado. Foi aprovada em primeiro lugar Gínia Gomes, formada pela PUC, que tinha já bastante experiência docente na FAPA, e em segundo Homero Araújo. Gínia foi logo incorporada ao trabalho no setor, mas Homero demorou uns anos: ele veio a ocupar a vaga aberta com a aposentadoria muito precoce de José H. Dacanal, na altura de 1992.)

O processo de criação do doutorado no campo da Literatura viveu um confronto, de contornos épicos na escala possível, entre dois antigos e firmes aliados: Flávio L. Chaves e Tânia Carvalhal. Esta, como mencionado antes, se qualificava como uma das importantes vozes nacionais da Literatura Comparada, e defendia que apenas esse âmbito, o comparatista, deveria ser o horizonte do doutorado em literatura. A essa visão se opôs Flávio, que defendia que a área de Brasileira, sendo até então a mais ativa (ou a mais produtiva) do PPG, deveria ser o horizonte, senão único, ao menos dominante. Nesse processo de confronto entraram elementos pessoais dos contendores, que não conheço em detalhe e nem caberiam aqui. Flávio contava com muito prestígio intelectual, aqui e fora daqui: os dois haviam se doutorado na USP, mas Flávio tinha uma presença bem mais forte no panorama da crítica literária brasileira (ele publicava no caderno literário do jornal *Estado de S. Paulo*, além de ter livros de relevante circulação), havendo também sido pró-reitor de Extensão da UFRGS na gestão de Francisco Ferraz, num tempo em que foi criado um projeto de grande valor, o Centro Cultural da UFRGS.

Por esse tempo, minha posição intelectual e também de

política universitária tinha muita afinidade com a de Flávio, em favor de manter a área de Brasileira, mesmo porque, como mencionei acima, a ideia de Literatura Comparada naquele momento, se tinha uma interessante abertura para um horizonte cosmopolita, era dominado por um para mim excessivo entusiasmo com o chamado pós-modernismo, que se erguia basicamente contra as posições de grande parte da esquerda, contra a historicidade do fenômeno literário, contra a perspectiva sociológica que era a minha. Politicamente, então, se eu tivesse peso, o jogaria na defesa de uma área de Brasileira, que era combatida pelo discurso pós-moderno como antiga, moderna no mau sentido, nefasta para os fins da Comparada. Havia um trocadilho que resumia, do ponto de vista comparatista, o repúdio deles a uma coisa como “Literatura Brasileira”: [nação = narração]. Quer dizer: era abominável para eles que houvesse a defesa da dimensão nacional, a qual carregava uma ideia reprovável de narrativa de conjunto. Essa visão era fortemente anticomunista e antiesquerdista, em resumo, e portanto era o correlato, no campo literário, da visão triunfalista do “fim da história”, da consagração do liberalismo (já chamado de neoliberalismo), representado por Reagan (presidente dos EUA entre 81 e 89) e Thatcher (primeira-ministra do Reino Unido entre 1979 e 1990) no plano internacional.

Não é que Flávio fosse um homem de esquerda; era um liberal clássico, um democrata interessado na história, e portanto alguém que não embarcava ingenuamente na conversa neoliberal e anti-historicista. E é certo que Tânia representava essa corrente

que se tornava hegemônica nas instâncias fortes, no campo literário nacional, como a ABRALIC, as instâncias decisórias das agências financiadoras, as direções de cursos de pós, etc. Resultou que foram criadas as duas áreas, a Comparada e a Brasileira, expondo a cisão entre as duas lideranças locais mais significativas da geração que estava no poder.

Aqui entra um detalhe interno de grande significado. É que na área de Brasileira, no doutorado, havia escassos professores e orientadores: Flávio, Maria do Carmo e a professora Ana Maria Lisboa de Mello, que vinha da UnB e atuava na área do Francês mas tinha interesse e pesquisa na Brasileira (setor para o qual ela acabou migrando internamente). (Os colegas Dacanal e Sergius não haviam defendido sequer seu respectivo mestrado, não obstante serem autores de livros importantes.) A área de Comparada, ao contrário, agregou os professores de Teoria da Literatura com os doutores de todas as línguas estrangeiras, até então de alguma forma bloqueadas em sua carreira de pós-graduação. Assim foi que a área liderada por Tânia Carvalhal passou a contar com uma ampla oferta de professores e orientadores, exibindo uma força de atuação claramente superior à da Brasileira.

Ingressei como aluno na primeira turma do doutorado, como orientando do professor Flávio. Era o ano de 1991. Neste momento, aquela cisão entre Flávio e Tânia contaminava várias outras dimensões no Instituto e no PPG; pessoalmente, lembro de vários episódios desagradáveis e até desconfortáveis em que eu era tachado como mero assecla do Flávio, mesmo que essa liga-

ção não fosse substantiva em muitos sentidos, como aqueles que se ligam com as escolhas políticas e com a perspectiva metodológica de trabalho. A polarização foi forte, e o lado de lá contava com muito mais força.

Cursei neste tempo disciplinas com meu orientador, com Maria do Carmo e com a recém-chegada Kathrin Rosenfield, que trabalhava no campo da Teoria da Literatura. Tive um ótimo semestre de aulas com Flávio Kothe, gaúcho que trabalhava na UnB e esteve aqui como visitante. Mas esse curso de Flávio Kothe já ocorreu numa nova conjuntura: creio que no começo de 1992, Flávio Loureiro Chaves requereu aposentadoria, também precoce. Ao retirar-se do trabalho, ele também renunciou às orientações de que era então responsável, como a minha (e da colega Bina Maltz, professora de Brasileira também oriunda do Básico). Creio que foi no vácuo deixado por ele que Kothe foi convidado a trabalhar aqui, creio que por um ano.

(Dono de um currículo acadêmico invejável, com doutorado na Alemanha, estágios pós-doutorais em Yale e creio que na Sorbonne, com experiência na USP e na UnB, coordenador da tradução e/ou apresentador de obras de Marx e Benjamin, Kothe chegou a prestar concurso para Teoria da Literatura na UFRGS, nesta altura, mas ficou em segundo lugar, tendo sido aprovada em primeiro lugar Lea Masina. Inconformado, Kothe enfrentou esse resultado num processo interno e parece que também na esfera do judiciário. Por havermos presenciado algumas das provas desse concurso, Kothe pediu a mim e a Kathrin Rosenfield

que nos dispuséssemos a ser testemunhas em seu favor, com o que concordamos. Não chegamos a ser convocados para nada. A banca era liderada pela professora Tânia, com Lígia Militz da Costa, da UFSM, e pela colega Maria da Glória Bordini, também ela inconformada com o resultado, como fez questão de afirmar em público, na sessão final daquele concurso.)

Por esses anos, dirigia a Editora da UFRGS nosso colega Sergius Gonzaga, que me convidou a apresentar uma obra sobre cultura e literatura no Rio Grande do Sul para uma coleção que iniciava, Síntese Rio-grandense; de fato, ofereci à consideração da editora um panorama sobre a poesia no estado, trabalho em parte feito para um curso de Poesia ministrado pela colega Maria do Carmo Campos. Em 1992, foi publicado o livro *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*, pela editora da UFRGS. Neste mesmo ano, Sergius e eu organizamos a publicação de um livro que fez bastante sucesso no meio cultural do estado: *Nós, os gaúchos*. Lançado também em 1992, era uma reunião de vários ensaios sobre identidade regional/estadual e resultou sendo o primeiro volume de uma significativa série que veio sendo publicada com os anos, com um segundo volume de *Nós, os gaúchos*, depois seguido de *Nós, os teuto-gaúchos*, que organizei ao lado do colega René Gertz, professor de História do IFCH, *Nós, os ítalo-gaúchos* e *Nós, os afro-gaúchos*.

E ocorreu que, havendo concluído os créditos do doutorado (mas sem dispor de orientador), fui convidado, no segundo semestre de 1992, para assumir um cargo na Secretaria de Cultura

de Porto Alegre, no segundo governo do PT, sob a liderança de Tarso Genro. E eu topei. Foi uma experiência excelente para mim, pessoalmente. E houve algumas repercussões internas ao nosso PPG e ao Instituto de Letras. Eu pensava em manter atividades letivas na graduação nesse período, assim como imaginava poder continuar a escrever meu doutorado (havia já apresentado dois capítulos da pesquisa, antes disso), ao mesmo tempo em que atuasse na Coordenação do Livro e Literatura. Mas o trabalho na prefeitura era de fato muito absorvente, de um lado, e de outro o cenário interno do Instituto a meu respeito não se mostrou favorável a essa composição, tendo havido lances desagradáveis que não merecem registro aqui. O certo é que eu era identificado como petista (mas nunca fui filiado a nenhum partido), o que gerava uma boa animosidade por parte de colegas conservadores, e como assecla do agora aposentado Flávio Loureiro Chaves, que seguia sendo de algum modo a figura a ser execrada na política interna pelo grupo no poder.

Para agravar, na Coordenação eu era responsável pela revista *Porto & Vírgula*, e resolvi entrevistar, com a jornalista Susana Gastal, o próprio Flávio, que, aposentado, vinha fazendo algumas críticas ao Instituto, não importa agora se com ou sem razão, nem com qual razão. Minha perspectiva era que se tratava de uma pessoa importante no cenário cultural que rendia uma boa entrevista, por suas opiniões fortes. De fato, na edição 18, de setembro de 1994, saiu a conversa com o Flávio, sob o título “A área de Letras está morta”. Pessoalmente, é claro que eu não concordava com

essa ideia, mas não era esse o ponto de interesse, a meu juízo, como editor: era sim mostrar o ponto de vista de uma pessoa que estava criticando vivamente a área. A repercussão foi complexa e forte. Colegas que tinham já alguma bronca comigo passaram a me tomar como um maldito, porque para eles eu tinha feito um papel de divulgador da visão de Flávio. Houve reações internas bastante significativas. Meu querido colega e amigo Paulo Coimbra Guedes, ao contrário dessa reação hostil, pediu para replicar as ideias do Flávio na revista, o que muito me agradou, e publicamos sua crítica fortíssima às posições expressas na entrevista. No geral, o episódio me afastou ainda mais do Instituto, resultando que, nos anos 95 e 96, a segunda metade daquela gestão na prefeitura, permaneci totalmente afastado das Letras.

Retornei em 97 para então concluir meu doutorado, o que aconteceu em 1998. Meu trabalho se dedicou a estudar a crônica de Nelson Rodrigues, que eu analisei em comparação com os ensaios de Montaigne⁹. (Um dia, no meu retorno ao Instituto, cruzei com a professora Tânia num corredor da faculdade e ela me disse, com um bom humor a que não faltava uma dose de ironia, que meu trabalho, de que ela soubera creio que por aqueles dias, deveria ser defendido na área de... Literatura Comparada.) A ideia nasceu, realmente, de conversas com Aníbal Damasceno Ferreira, jornalista que trabalhava na UFRGS, com uma larga história de

⁹ Este trabalho foi publicado, também com bastante demora, sob o título *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*, pela editora Arquipélago, de Porto Alegre, em 2009.

relacionamento com a literatura, tendo ele sido, nos anos finais de 1950 e na década seguinte, o principal responsável pela revitalização da obra de Qorpo-Santo. No plano administrativo, como precisava de algum orientador, pedi à colega Zilá Bernd que tomasse o encargo. Ela muito gentilmente aceitou, e foi uma leitora importante do trabalho, antes que ele fosse à defesa, numa banca que contou com Donaldo Schüler, Regina Zilberman e Antônio Carlos Secchin (da UFRJ).

Minha atividade no campo das publicações cresceu muito nesse momento. Editei, pela Artes e Ofícios, uma edição anotada dos *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, em 1998. Nos anos seguintes, fiz o mesmo com as *Lendas do sul* e com o clássico gauchesco *Antônio Chimango*. (Essas obras eu as reeditaria com mais elaboração ainda em 2012 e 2015.) Em 1999, publiquei pela primeira vez meu *Dicionário de porto-alegrês* (editora Artes e Ofícios, depois L&PM), que ainda agora, em 2022, teve nova revisão. Também nesse ano começou a funcionar o Sarau Elétrico, uma função semanal de leitura que acontece num bar de Porto Alegre, evento que ainda agora está em atividade.

Em 2003, publiquei pela editora Abril, de São Paulo, uma visão panorâmica sobre a literatura brasileira, em *Literatura brasileira: modos de usar*. No ano seguinte, pela editora Leitura XXI, de Porto Alegre, *Literatura gaúcha: história, formação e atualidade*. Em 2008, publiquei pela Arquipélago Machado e Borges, uma extensa comparação entre os dois grandes gênios sul-americanos, seguindo uma perspectiva estritamente histórica, nascida

da minha leitura da obra de Antonio Candido¹⁰. Por esses anos, coordenei a publicação anotada e comentada de todos os dez romances de Machado de Assis (incluindo o *Casa velha*), em edição pocket, para a editora L&PM. Em função desse trabalho, coordenei a edição dos mesmos romances (mas sem *Casa velha*, por opção da editora) em Portugal, pela editora Glaciar em coedição com a Academia Brasileira de Letras (Lisboa, 2014). Em 2016, escrevi a apresentação para a edição de *Dom Casmurro* para a prestigiosa coleção de clássicos das editoras Penguin & Companhia das Letras. Também coordenei edições anotadas de outras obras, como *Os sertões* e *Macunaíma*, pela L&PM, com a parceria de Homero Araújo (no primeiro) e Guto Leite (nos dois casos). Ainda no campo das publicações ligadas ao trabalho no Instituto de Letras e no Pós-Graduação, registro *O alcance da canção*, pela Arquipélago, em 2016, parceria com Guto Leite, e no ano de 2021 meu trabalho de estágio sênior (desenvolvido em Paris, na Sorbonne – Paris VI, em 2014 e 2015), intitulado *Duas formações, uma história: das 'ideias fora do lugar' ao 'perspectivismo ameríndio'*, pela Arquipélago.

Como último tópico de interesse para o caso aqui em tela, registro que em 1999 ajudei a construir um grupo nacional de pesquisa e debate, que foi registrado escassamente nos órgãos oficiais mas se manteve ativo por quase vinte anos, e ainda hoje existe, mas em configuração diversa. O grupo se chamou Grupo

¹⁰ Para meu grande gosto, este livro foi traduzido ao espanhol e publicado em Buenos Aires, com tradução de Amália Sato, pela editorial Leviatán, em 2011.

Formação e tinha por ponto de convergência justamente a obra de Antonio Candido, assim como a afinidade com a visão de Roberto Schwarz. Em sucessivos encontros, em várias partes do país, a começar pelo Rio de Janeiro, fizemos eventos a cada ano, tendo tido a oportunidade de encontros inclusive com os dois intelectuais de referência para o grupo. Essa dimensão foi também muito importante para meu trabalho no nosso pós-graduação, na forma de cursos sobre o tema, sobre esses autores e sobre temas associados a eles, desde que fui credenciado no quadro de professores do PPG, já em 1998¹¹.

Logo depois de credenciado, tive a grata oportunidade de ministrar, em semestres sucessivos, dois cursos livres de literatura brasileira (com canção) na Universidad Nacional de Rosário, Argentina, que mantinha um professorado de português que manteve por alguns anos um convênio com nosso PPG, creio que a partir da ação da professora Zilá Bernd. Desde então tenho procurado oferecer cursos interessantes para os alunos; nunca repeti um curso. A orientação geral tem sido e continua sendo a de estudar as relações entre literatura e sociedade, tendo no suporte essencial a obra de Antonio Candido e Roberto Schwarz, no Brasil, assim como a obra de meus professores José H. Dacanal e

¹¹ Como curiosidade, anoto que na altura de 1990, não lembro exatamente o ano, dei algumas aulas de pós-graduação num curso, então obrigatório, de Metodologia de pesquisa, algo assim. Foi um semestre apenas, e eu coordenei apenas uma parte menor do curso. A responsável era a professora Maria do Horto Soares Motta, do Latim, com quem eu trabalhava produzindo o vestibular da UFRGS, desde 1981. Eu era apenas mestre e formalmente não era credenciado para lecionar. Mas registro, por pura curiosidade, que havia professores apenas mestres que, creio, eram mesmo assim credenciados (talvez ajudando colegas doutores), em outras áreas que não a Literatura, atuando como professores de pós-graduação.

Flávio Loureiro Chaves, e no plano internacional gente variada, mas com a permanência de Walter Benjamin, Erich Auerbach e Mikhail Bakhtin, e mais recentemente Franco Moretti, ao lado de clássicos da crítica literária de variada orientação, historiadores e sociólogos, antropólogos e filósofos. Em não poucas vezes, contei com a parceria do colega e amigo Homero Araújo na oferta de seminários e cursos, e nos anos mais recentes também com Guto Leite e Ian Alexander, colegas com quem muito aprendo e compartilho toda uma visão da literatura, cifrada nos autores acima mencionados. Tenho orientado uma boa quantidade de mestrados e doutorados, que excede as quatro dezenas.

• • •

luiz carlos schwindt

É Professor Titular do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atua, desde 2002, como docente e pesquisador na graduação e na pós-graduação. É pesquisador do CNPq desde 2007. Sua produção concentra-se, sobretudo, nos estudos de Fonologia e Morfologia, especialmente no que tange à relação entre essas áreas, além de aspectos relativos à variação linguística e à aprendizagem da linguagem. Graduiu-se em Letras pela Universidade La Salle; cursou especialização em Língua Portuguesa nas Faculdades Porto-Alegrenses de Educação, Ciências e Letras; cursou mestrado e doutorado, sob a orientação de Leda Bisol, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; atuou como pesquisador visitante, em nível de pós-doutorado, na Universitat Autònoma de Barcelona, em colaboração com Joan Mascaró, na New York University, com Gregory Guy, e na Universidade Estadual de Campinas, com Bernadete Abaurre. Iniciou sua atuação como professor em 1989, na Educação Básica, e em 1991 tornou-se professor da Educação Superior. Atuou por 11 anos na Universidade La Salle como professor de Linguística e Língua Portuguesa na graduação e em diversos cursos de aperfeiçoamento e especialização; lá também exerceu funções administrativas, como as de Coordenador do Curso de Letras e de Coordenador da Comissão Permanente

do Vestibular. Na UFRGS, além da pesquisa e da docência, também exerceu diferentes funções administrativas, entre elas as de Chefe do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e de Diretor do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Letras, além de representações em diferentes comissões. É coordenador principal, desde 2004, do Grupo de Pesquisa Círculo MorPhon, que integra docentes e estudantes, da graduação ao doutorado, de diferentes instituições. No âmbito deste Grupo, coordena o Projeto de Extensão Morfofonologia na Escola, voltado à popularização dos estudos na área junto à Educação Básica. É representante do Brasil no Conselho Consultivo da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP) no quadriênio 2021-2024, além de ser membro dos projetos 19 e 24 da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), do GT de Fonética e Fonologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), da comissão de Morfologia da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) e do Projeto Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (PROBRAVO). Integra, além disso, diferentes comitês editoriais e de eventos, destacando-se o do Colóquio Brasileiro de Morfologia, de que é um dos idealizadores.

Cursei Letras na Universidade La Salle (UNILASALLE), entre os anos de 1987 e 1991, em Canoas, o município da Região Metropolitana de Porto Alegre em que morei durante minha infância e adolescência. Lá tive também a feliz oportunidade de, mais tarde, atuar, por 10 anos, como professor de Linguística. Recebi uma formação bastante orientada para estudos filológicos e gramaticais, e isso contribuiu decisivamente para a escolha da área em que atuo como docente e pesquisador há mais de 30 anos.

Logo após a graduação, entre 1991 e 1992, realizei especialização em Linguística nas Faculdades Porto-Alegrenses de Educação, Ciências e Letras (FAPA). Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a orientação de Leda Bisol, cursei, entre 1992 e 1995, mestrado, e entre 1995 e 2000, doutorado em Linguística. Minha dissertação de mestrado trata do processo de harmonização vocálica em dialetos do sul do Brasil, com dados do Projeto Variação Linguística no Sul do Brasil (VARSUL), de que sou membro desde então. Minha tese de doutorado propõe uma investigação acerca do status prosódico e lexical de prefixos do português brasileiro, na perspectiva da Fonologia e Morfologia Lexical.

Realizei, complementarmente, três estágios de pós-doutorado. Entre 2001 e 2002, na Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), sob a supervisão de Joan Mascaró, estendi a análise dos

prefixos, iniciada na tese de doutorado, ao espanhol peninsular, na perspectiva da Teoria da Otimidade. Entre 2013 e 2014, na New York University (NYU), sob a supervisão de Gregory Guy, discuti condicionamento morfológico em fenômenos fonológicos variáveis. Entre 2019 e 2020, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a supervisão de Bernadete Abaurre, investiguei a produtividade e a representação de marcas de plural irregular em português brasileiro.

Atuo na área de Estudos da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2002. Nesses 20 anos, ministrei as disciplinas de Linguística Geral, Morfologia, Seminário de Morfofonologia e Leituras Dirigidas, esta última em variadas perspectivas da interface fonologia–morfologia. Participei de diferentes momentos da trajetória do Programa, como o da criação da então chamada *especialidade* de Teoria e Análise Linguística, a que se integravam as linhas *Fonologia & Morfologia* e *Gramática, Semântica & Léxico* (hoje *Gramática & Significação*). Represento, na estrutura atual, desde 2016, a linha *Fonologia & Morfologia*. De 2015 a 2017, integrei, além disso, a Comissão Coordenadora do Programa.

Entre as conquistas que destaco em minha atuação no PPG-Letras da UFRGS está o produto *per se* de minha pesquisa, referendada com fomento na forma de bolsa de Produtividade em Pesquisa desde 2007. A isso se somam os 30 trabalhos sob minha supervisão até aqui, nos níveis de mestrado, doutorado e pós-

doutorado. De modo muito especial, contudo, destaco como a mais preciosa conquista de minha atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS a consolidação do grupo de estudo e pesquisa que criamos, a professora Gisela Collischonn e eu, no ano de 2004, o *Círculo Linguístico*, hoje *MorPhon*. Graças à integração de pesquisadores de todos os níveis – de bolsistas de Iniciação Científica a docentes de universidades, passando por mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos – interessados em aprofundar estudos sobre fonologia e morfologia das línguas naturais, esse grupo tem produzido muitos frutos em diferentes perspectivas da área, no Brasil e no exterior.

• • •

márcia ivana de lima e silva

Quem escreve (quem pinta, esculpe, compõe música) sempre sabe o que está fazendo e quanto isso lhe custa. Sabe que deve resolver um problema. Pode acontecer que os dados iniciais sejam obscuros, pulsionais, obsessivos, não mais que uma vontade ou uma lembrança. Mas depois o problema resolve-se na escrivinha, interrogando a matéria sobre a qual se trabalha – matéria que possui suas próprias leis naturais, mas que ao mesmo tempo traz consigo a lembrança da cultura de que está embebida (o eco da intertextualidade).

Umberto Eco

Professora Titular do Instituto de Letras da UFRGS. Pesquisa criação literária, com ênfase em Crítica Genética. Coursou Licenciatura em Letras (Português e Alemão) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986); Mestrado e Doutorado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991 e 1996). Coordena o acervo de Guilhermino Cesar. Pesquisadora convidada do IEB/USP.

Ingressei no curso de Licenciatura em Letras na UFRGS em 1982, na ênfase de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa/ Língua Alemã e Literaturas de Língua Alemã. No segundo semestre do curso, conheci a professora Maria da Glória Bordini, na disciplina Estudos Literários II. Ela aguardava a resposta do CNPq sobre o projeto de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo. Em outubro de 1982, inicia-se, então, o trabalho de organização do ALEV, com duas alunas bolsistas de Iniciação Científica (Cristina Penz e eu). A pequena equipe significou uma participação intensa no processo de tombamento, organização e catalogação dos diversos itens do ALEV. Aprendi muito sobre o autor e sobre organização de acervos, aliás aprendizagem decisiva para as futuras escolhas que fiz em minha carreira acadêmica, que imprimiu em mim uma consciência de arquivo e de arquivável, de documentos e de processo.

O concurso para Teoria Literária aconteceu em janeiro de 1998 e meu ingresso na Universidade ocorreu um ano depois, em janeiro de 1999, quando saí de todas as instituições em que trabalhava, para assumir com Dedicção Exclusiva, dentro do Instituto de Letras, o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, acrescido de tarefas administrativas. Assumi no dia 22 de janeiro de 1999, no meio do semestre letivo, pois a UFRGS estava com o calendário bastante

alterado, em função de uma greve de 4 meses no ano anterior.

O processo de credenciamento para o pós-graduação era bastante diferente naquele momento e a organização do PPG era em Especialidades. Meu credenciamento se deu em Literatura Comparada, o que me proporcionou a possibilidade de trabalhar no meu projeto com manuscritos e de orientar diferentes trabalhos. No mesmo ano de 1999, comecei a dar aulas no Programa, dividindo a disciplina “Teorias dos Gêneros Literários” com a professora Gilda Bittencourt por dois anos consecutivos. Por mais quatro anos, assumi a disciplina sozinha, até o ano de 2004, quando houve uma reformulação curricular que extinguiu a disciplina.

Os primeiros orientandos de Mestrado foram a mim indicados pela coordenação da Especialidade, sem, necessariamente, uma relação direta com minhas pesquisas. Aos poucos, tornou-se possível selecionar os alunos, conforme minhas áreas de interesse, bem como estabelecer um projeto de continuidade, com os bolsistas de Iniciação Científica.

As orientações de Doutorado ocorreram de modo levemente diferente. Desde o princípio, foi possível escolher os projetos que se encaixavam na minha pesquisa, ocorrendo, em alguns casos, a continuação do trabalho do Mestrado para o Doutorado. Apenas uma exceção: o falecimento da professora Tânia Carvalhal, em 2006, coincidiu com a aposentadoria da professora Léa Masina, o que nos obrigou a distribuir as orientações das duas colegas, que estavam em andamento.

O estudo dos manuscritos ensinou-me o quanto de pesquisa e de elaboração requer a criação de uma obra literária. Assim, ao lado do trabalho com manuscritos de escritores consagrados, dos acervos do IL ou de outros, passei a incentivar dissertações e teses em Escrita Criativa, ou seja, o orientando escreve uma obra literária e escolhe um aspecto desta obra para ser desenvolvido teoricamente. O produto final é a produção ficcional, um capítulo teórico e um memorial de criação. Tive imensa felicidade porque meu primeiro orientando de Mestrado nesta modalidade, Altair Martins, publicou o romance *A parede no escuro*, fruto de sua dissertação, vencedor da 2ª. edição do Prêmio São Paulo de Literatura 2009, na categoria Estreante. O caminho estava aberto e com tapete vermelho.

Muitos orientandos ganharam prêmios literários. Ana Santos defendeu sua dissertação em 2017, apresentando uma coletânea de textos que deslizam por diversos gêneros textuais, transformando-os em poesia. A obra *Fabulário* ganhou o Prêmio Minas Gerais de Literatura de 2017, na categoria Poesia. Diego Grandó recebeu o Prêmio Açorianos de Poesia em 2018.

No Doutorado em Escrita Criativa, defendido em 2013, Altair Martins escreveu o romance *Terra avulsa*, já publicado pela Record. Em 2017, Diego Grandó fechou a tese *Spoilers*, cuja temática dos poemas são as diversas dimensões do tempo, livro publicado pela editora Confraria do Vento. Richard Belchior apresentou seu trabalho, discutindo canção, poesia e percussão, realizando o cd *Mais tambor menos motor*, com seu nome artístico Richard Serraria.

Maria Marta Orofino elaborou sua tese unindo áreas normalmente distantes e oferecendo um método de intervenção da literatura no campo da saúde. Marcelo Juchem, por sua vez, uniu literatura e fotografia, discutindo o processo de criação do fotógrafo Tiago Santana para a concepção de *O chão de Graciliano*, resultando em um fotolivro e em um documentário. Virgínia Schabbach, de quem fui coorientadora, ao lado da professora Inês Marocco, do Instituto de Artes Dramáticas, escreveu um texto dramático a partir da obra de Virginia Woolf.

Outra perspectiva em Escrita Criativa está ligada à tradução literária, ou seja, uma tradução original com memorial de tradução e estudo teórico. Marie-Helène Paret Passos, com tese defendida em 2008, traduziu para o francês *Uma estória de peixes*, conto inédito de Caio Fernando Abreu descoberto no acervo do escritor que estava depositado no IL da UFRGS. Carla Cardoso Fonseca traduziu para o espanhol a obra infanto-juvenil *Um time muito especial*, de Jane Tutikian, em sua dissertação defendida em 2015. Guilherme da Silva Braga propôs a tradução do criptograma de *O escaravelho*, de Edgar Allan Poe.

As pesquisas desenvolvidas por mim no Instituto de Letras percorreram, e ainda percorrem, uma estrada com dois caminhos: um que mantém a organização de acervos e outro que se dedica ao texto literário publicado e suas relações com outras artes, especialmente o cinema.

A criação do Núcleo de Estudos Brasileiros Guilhermino Cesar, em 2000, pelo Setor de Literatura Brasileira do Departamento

de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras, incentivou a professora Tânia Franco Carvalhal a doar os documentos que integravam a Biblioteca de Cesar sob o rótulo de “Arquivo Pessoal”. Por ocasião do falecimento do escritor, o filho Guilhermino Cesar Filho deu a posse desses documentos à professora Tânia, que os depositou no NEB, sob a guarda do Instituto de Letras, com a finalidade de dar origem a diversos projetos de investigação e pesquisa. Desde então, coordeno o Arquivo Guilhermino Cesar, orientando IC, Mestrado e Doutorado sobre a obra deste autor. Destaco o trabalho de Doutorado de Marlon de Almeida, que organizou a poesia completa a partir dos documentos do Arquivo. Foi justamente a organização dos documentos que revelou os originais inéditos *Origens da economia gaúcha (o boi e o poder)*, publicados em 2005, pelo Instituto Estadual do Livro. Atualmente, o Arquivo está em processo (lento) de digitalização, para conservação e ampliação da pesquisa. Além disso, em parceria com o colega Marçal de Menezes Paredes, do curso de História da PUCRS, preparamos uma publicação sobre a atuação portuguesa de Guilhermino. Certo é que a obra de Cesar, em sentido amplo, ainda está por ser descoberta e estudada por pesquisadores de diversas áreas.

Em 2005, Luciano Alabarse depositou no Instituto de Letras os documentos de Caio Fernando Abreu, que estavam sob sua responsabilidade. A organização do Arquivo Caio F revelou o conto inédito *Uma estória de peixes*, com fixação de texto e tradução para o francês feita por Marie-Helene Paret Passos em

sua tese de Doutorado¹²; poemas, organizados e estudados por Letícia Chaplin; e um estudo do processo de criação da peça *Zona contaminada*, por Mara Lúcia Barbosa da Silva. Em 2011, os herdeiros de Caio F. retiraram o material do autor do Instituto de Letras para reunir todos os documentos num único acervo, depositado no Delphos da PUCRS.

As teses acima citadas, que trabalharam com manuscritos, foram desenvolvidas a partir dos pressupostos metodológicos da Crítica Genética. Desde minha tese de Doutorado, tenho mantido as pesquisas em Crítica Genética e participado ativamente dos grupos de estudo no Brasil. Fui Coordenadora do GT de Crítica Genética da ANPOLL nos biênios 1998-2000, 2000-2002, 2008-2010, 2010-2012 e 2014-2016. Fui vice-presidente da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) no biênio 2012-2014. Além disso, organizei a publicação pela EDUFRGS de *Elementos de Crítica Genética*, de Almuth Grésillon, texto fundamental para os estudos genéticos, traduzido por uma equipe do Curso de Bacharelado do IL, coordenada pela professora Patrícia Ramos Reuillard, e fui responsável pela revisão técnica da tradução.

Atualmente, André Roca, Luiz Gonzaga Lopes e Vitor Necchi dedicam-se à escrita de romances; Ana Santos elabora um conjunto de poemas; e Carlos Ossanes discute a autoria coletiva, a partir da adaptação de uma peça inédita de João Simões Lopes Neto.

¹² Tese publicada em: PASSOS, M-H. Paret. *Da crítica genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade*. Vinhedo-SP: Horizonte, 2011. 168p.

Um aspecto importante a refletir é a formação das bancas examinadoras para as diversas instâncias do processo de aprovação das dissertações e das teses. Era necessário convidar colegas que comungavam com a mesma perspectiva em relação à importância do trabalho criativo; que também viam a criação ficcional como obra acadêmica, fruto de muita pesquisa e de muito labor, e, portanto, igualmente produtora de conhecimento. Disso decorre que as primeiras bancas acabaram por ter quase sempre a mesma composição, já que estávamos diante de algo novo, polêmico para alguns, passível de não aceitação. Colegas da PUCRS e da UFRGS foram parceiros deste desafio de legitimar a Escrita Criativa; eu também fiz parte de muitas bancas, formando, pois, uma comunidade que crê na potencialidade teórica da criação artística, que crê na arte como produtora de conhecimento, portanto, como obra acadêmica. Hoje, esta comunidade se ampliou consideravelmente, facilitando bastante a formação das bancas.

Orientar trabalhos em Escrita Criativa significa acreditar numa concepção bastante ampla de produção acadêmica. Significa perceber o trabalho criativo como produtor de conhecimento, em diversas dimensões – a saber: teórica, histórica, conceitual, entre outras, sem mencionar a dimensão estética, implícita na realização artística. Quando acompanho a concepção desses trabalhos, tenho consciência de que estou diante da obra em processo, *opera in fieri*, e que me transforma numa leitora privilegiada, uma espécie de colaboradora, talvez aquela de quem fala Jorge Luis Borges. Henry James (1995) alerta para o paradoxo da condição do autor:

“A vantagem do artista, o seu luxo, assim como seu tormento e sua responsabilidade, é a de que não há limites para o que ele quiser tentar como executante – não há limites para seus possíveis experimentos, esforços, descobertas, conquistas” (JAMES, 1995, p. 27). Jamais imponho minhas ideias, pois também tenho ciência de que a obra tem autor, mas tento colaborar, incentivando o que acho que funciona e alertando para o que talvez não funcione.

Prefiro pensar nesses termos, pois considero que não há certo ou errado, há o que funciona ou não funciona, convence ou não convence, dentro das regras próprias da obra que está em construção. Borges (2000) é enfático sobre o método “tentativa e erro”:

Se alcancei a felicidade de escrever quatro ou cinco páginas toleráveis, após escrever quinze volumes intoleráveis, logrei esse feito não só através de muitos anos, mas também através do método de tentativa e erro. Acho que cometi não todos os erros possíveis – porque os erros são inúmeros –, mas muitos deles. (BORGES, 2000, p.114)

A par da severa autocrítica, que provavelmente explica a excelência de sua obra, a humildade de Borges ensina o quanto o erro é importante para a verificação daquilo que funciona ou do que não funciona. Acompanhar o processo criativo de um artista implica prestar atenção nos detalhes, estimular a criatividade e apoiar a empreitada, pois há momentos em que predomina a sensação de que os impasses nunca se resolverão. Umberto Eco, citado na epígrafe, descreve à perfeição como desatar os nós durante o trabalho de criação.

Pensar sobre o processo criativo literário é bastante antigo. No Romantismo, com o desenvolvimento da imprensa e a consequente facilidade de impressão de várias cópias de livros, os escritores passaram a abrir suas obras com Prefácios e Manifestos. O objetivo era apresentar suas intenções de criação, suas influências e, de uma certa forma, “guiar” a leitura, já que a abrangência de exemplares não permitia mais conhecer os leitores. Um belo exemplo é o Prefácio a *Cromwell*, de Victor Hugo, que se tornou mais estudado e conhecido do que a própria peça por ser considerado um manifesto do drama romântico e, posteriormente, batizado de *Do grotesco e do sublime*. No Brasil, temos o caso de *Lede*, de Gonçalves de Magalhães, apresentação de *Suspiros poéticos e saudades*, que se tornou mais significativo do que a obra poética que inaugura o Romantismo brasileiro. Na esteira desta prática, surgem escritores que constroem textos para pensar sua criação e sua produção, não mais como abertura de uma obra específica, mas como ensaio que pode se estabelecer como teoria sobre sua obra específica ou sobre literatura em geral.

O exercício de pensar a própria obra e escrever sobre o processo de criá-la pode ser um ato solitário, sem propósito de divulgação e/ou publicação. No entanto, é justamente a partir daí que surgem textos reveladores que merecem ser compartilhados com outros escritores, com leitores e estudiosos, porque ampliam o quadro referencial, não apenas de criação como de teoria. O trabalho em Escrita Criativa engloba a parte artística (romance, novela, poesia, canção, fotografia) e a parte teórica, que pode

ser desenvolvida como ensaio e/ou como Memorial de criação.

Foi Carl Seashore que, em 1922, na Universidade de Iowa, passou a aceitar obras criativas como Trabalho de conclusão de curso de Graduação, convicto de que é possível, ao mesmo tempo, ensinar, aprender e testar a criatividade artística. A prova de seu legado está nos cursos de música, de artes, de atores, de fotografia, entre outras artes, que mantêm este formato até hoje. Não demorou muito para que outras universidades dos países de língua inglesa também introduzissem a Escrita Criativa na graduação como trabalho de conclusão. Em 1946, a University of British Columbia, no Canadá, criou o curso de Escrita Criativa, dentro do Departamento de Inglês, que, em 1965, devido ao grande êxito, tornou-se Departamento de Escrita Criativa. Em 1966, a Universidade da Carolina do Norte, nos EUA, em Chapel Hill, criou o Programa de Escrita Criativa, formalizando a prática que ocorria desde os anos 1920.

Nos dias de hoje, o número de cursos em Escrita Criativa nas universidades de países anglófonos é impressionante: mais de 270 nos EUA, mais de 150 no Reino Unido, mais de 80 no Canadá, que também tem cursos em língua francesa.

No Brasil, o pioneirismo cabe ao escritor Luiz Antônio de Assis Brasil, que, a partir da Oficina de Criação Literária, criou, na PUCRS, em 2011, os cursos de Mestrado e Doutorado em Escrita Criativa no Programa de Pós-Graduação, e, mais recentemente, o curso de graduação. No PPG-Letras da UFRGS, foi criada a Linha de Pesquisa “Estudos Literários Aplicados: Leitura, Ensino e Escrita

Criativa” em 2015. Fazem parte do momento inaugural da Linha os professores Ana Lúcia Tettamanzy, Antônio Sanseverino, Gínia Gomes, Jane Tutikian e eu.

Mas a história desta Linha em nosso Programa começa muito antes disso. Começa em 2005, quando fiz Estágio Pós-doutoral na Université du Québec à Montréal (UQÀM), onde participei do grupo de pesquisa *Figura*, coordenado pelo professor e escritor Bertrand Gervais, e ministrei a disciplina “Littérature Brésilienne II: Roman et contes”. Ligada ao grupo, pesquisei sobre criação literária, a partir da voz dos próprios escritores, e organizei duas disciplinas: “Teorias do processo criativo” e “Correspondência e vida literária”.

“Teorias do processo criativo” é uma disciplina que busca discutir as concepções de criação, de obra de arte, de autor e de recepção, a partir de ensaios, depoimentos e entrevistas dos próprios escritores, pintores, cineastas, músicos, criadores em geral. A intenção é tentar rastrear uma poética do processo criativo, que se possa detectar a partir de tais reflexões. O objetivo da disciplina “Correspondência e vida literária” é buscar as considerações dos artistas a respeito de criação, de obra de arte, de autor, de recepção em sua correspondência, de modo a construir, se possível, um quadro dessas relações. Tal perspectiva já era anunciada por Tynianov: “A existência de um fato como *fato literário* depende de sua qualidade diferencial [...] Assim, uma carta para um amigo de Derjavine é um fato da vida social; na época de Karamzine e de Pushkin, a mesma carta amigável é um fato literário. Testemunha disso é o caráter literário das memórias e dos diários num sistema

literário e seu caráter extraliterário em outro”¹³. Correspondências, diários e memórias são hoje, tranquilamente, tomados como objeto dos estudos literários.

Na verdade, a gestação dessa pesquisa pós-doutoral é bastante antiga. Começa lá em outubro de 1982, quando passei a integrar a equipe de organização do ALEV. Durante todo o trabalho de organização dos itens do Acervo, sempre olhava para os preciosos manuscritos e pensava: deve haver alguma forma de estudá-los... Eis que em 1991, já mestre e pensando em um projeto de doutorado, conheço Philippe Willemart, professor da USP, coordenador do Laboratório do Manuscrito, responsável por trazer a Crítica Genética ao Brasil. Com sua gentileza e disponibilidade, me apresentou o trabalho do geneticista, as possibilidades de estudo do manuscrito, abrindo definitivamente meu caminho para a pesquisa sobre criação. Sob a orientação da professora Maria da Glória, ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, com o projeto sobre a gênese de *Incidente em Antares*, através do estudo dos manuscritos, constantes do ALEV.

O estudo dos manuscritos ensinou-me o quanto de pesquisa e de elaboração requer a criação de uma obra literária. A organização de acervos e a pesquisa em manuscritos me colocaram dentro do processo de criação de vários escritores, tanto como pesquisadora quanto como orientadora ou aluna. É impressionante a quantidade

¹³ TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM et al. *Teoria da literatura: Formalistas Russos*. Tradução Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 109.

e a variedade de documentos que são gerados durante este processo: cadernos de notas, rascunhos, mapas, fichários, diários, para citar os mais frequentes. Uma obra, portanto, é fruto de muito trabalho, muita pesquisa, muita escritura e, principalmente, reescritura. É uma ideia que se materializa em arte e que precisa “fazer sentido”, ou seja, precisa ser coerente com as lógicas estética e ideológica que a própria obra estabelece, por isso a pesquisa e a reescritura.

O contato com este material me fez acreditar que a arte produz conhecimento. Como diz Ítalo Calvino, habituei-me a “ver na literatura uma busca do conhecimento, para mover-me no terreno existencial necessito considerá-lo extensível à antropologia, à etnologia, à mitologia”¹⁴. Um conhecimento específico, ligado ao prazer estético, mas não apenas, pois somos capazes de estudar civilizações, como a Grécia antiga, ou momentos históricos, como as transformações políticas e sociais da Rússia no final do século 19, através de textos literários. Produz conhecimento porque envolve pesquisa e reescritura. Produz conhecimento porque pode mudar o modo como vemos o mundo e como nos relacionamos com aqueles que nos cercam.

A partir dessas reflexões, passei a encarar a produção literária como uma forma de produto acadêmico, até porque considero que toda a teoria é uma ficção. Comecei, então, a acolher os projetos de Escrita Criativa como trabalhos de pesquisa, tendo como

¹⁴ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 39.

base o formato já consolidado nos programas dos EUA, da Europa e do Canadá. De certo modo, os próprios autores se tornam responsáveis por seu acervo, na medida em que guardam e organizam seus documentos, dando-lhes algum sentido dentro de seu processo de criação. Assim, ao lado do trabalho com manuscritos de escritores consagrados, dos acervos do IL ou de outros, passei a incentivar dissertações e teses em Escrita Criativa, mesmo antes de a Linha de pesquisa ser formalizada. O orientando escreve uma obra literária e escolhe um aspecto desta obra para ser desenvolvido teoricamente. Ou seja, o produto final é a produção ficcional, um capítulo teórico e um Memorial de criação.

Como obra ficcional, o autor pode conceber uma coletânea de contos ou de poemas, um romance, uma novela, um cd, um fotolivro, uma tradução, ou, ainda, qualquer criação artística que queira propor, pois não há limites para a arte. A CAPES aceita que a obra artística não faça parte da versão definitiva que é entregue ao Repositório Digital da Universidade, para não impossibilitar a publicação, já que as editoras exigem trabalhos inéditos.

O capítulo teórico está intimamente ligado ao produto criativo. É desenvolvido a partir da pesquisa empreendida para construir a obra ficcional, podendo abordar um tema, um aspecto formal ou histórico. A escolha teórica está atrelada ao item escolhido, abrindo-se como pesquisa que apresenta caminhos peculiares, fazendo com que cada trabalho apresente um formato individualizado. A potência do ensaio está na articulação da teoria com os aspectos estéticos selecionados.

O Memorial de criação apresenta os caminhos percorridos pelo autor para a produção de sua obra. Escrito em primeira pessoa, retoma acertos e erros do percurso, revelando as cicatrizes da escrita. É um olhar para a trajetória e para o objeto, na tentativa de reconstituir a realidade na qual a obra se construiu, explorando as diversas dimensões temporais e espaciais do processo de criação. Torna-se um convite para que o leitor entre no ateliê do autor e acompanhe sua caminhada rumo ao trabalho concluído, afastando completamente a ilusão de que uma obra nasce pronta, sem esforço, sem pesquisa, sem retomadas, sem avanços e recuos.

A reformulação de nosso Programa de Pós-Graduação permitiu a criação da linha de pesquisa “Estudos Literários Aplicados: Leitura, Ensino e Escrita Criativa”, institucionalizando a prática que já ocorria desde 2006, e conferindo, pois, status acadêmico ao trabalho criativo. A CAPES já reconhece este tipo de produção, assim como a tradução, como trabalho acadêmico. Esta visibilidade emparelha o Instituto de Letras ao Instituto de Artes que sempre teve como possibilidade de projeto de pesquisa a criação artística em todos os níveis acadêmicos. Além disso, a produção de obras literárias pode ser encarada como a faceta mais visível do Curso de Letras. É a possibilidade de entregar um produto democrático à sociedade, diferente da produção científica mais tradicional, que acaba por ficar restrita à comunidade acadêmica e, na maioria das vezes, não sai da estante. Como a obra é fruto de pesquisa e de elaboração e já foi lida e discutida por diversos profissionais da área, o autor sente-se seguro para buscar editoras.

A publicação faz seu trabalho circular, dando-lhe visibilidade e garantindo que dissertações e teses saiam da estante acadêmica para as mãos de leitores.

A possibilidade de trabalhar com a Escrita Criativa alinha nosso Programa de Pós-Graduação às grandes universidades internacionais, pois institucionaliza esse tipo de produção. Há alguns anos atrás, tal atitude causaria estranheza. Hoje o que parece estranho é não considerar o trabalho artístico como produto acadêmico. Busco apoio em Ítalo Calvino novamente, trazendo sua definição da função da literatura, mas ampliando para a função da arte: “numa época em que outros *media* triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso, arriscando reduzir toda comunicação a uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita”¹⁵. Esta é, pois, uma das grandes contribuições que o Instituto de Letras pode deixar à sociedade: a certeza de que a literatura é o lugar da diferença; portanto o lugar da inclusão.

Em *As cidades invisíveis*¹⁶, entre as descrições das cidades, Ítalo Calvino apresenta um grandioso diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan. Em um dos momentos mais lindos, o Viajante des-

¹⁵ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 58.

¹⁶ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.81.

creve uma ponte pedra por pedra. O Imperador, então, pergunta:

– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?

– A ponte não é sustentada por esta ou por aquela pedra – responde Marco, – mas sim pela linha do arco que elas formam.

Kublai Khan permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta:

– Por que me falas das pedras? É só o arco que me importa.

Polo responde:

– Sem pedras, não há arco.

É nessa perspectiva que vejo a presença da Escrita Criativa em nosso Programa: como uma pedra que forma o grande arco da produção acadêmica; uma pedra que compõe o grande arco da pesquisa em literatura. A pedra que completa a ponte possível e necessária com a sociedade.

• • •



maria da glória bordini

Possui Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1969), mestrado em Letras/Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1983) e doutorado em Letras na mesma área de concentração também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991). É professor aposentado como adjunto IV na UFRGS e ex-professor titular de Teoria da Literatura da PUCRS. Atualmente exerce o cargo de professor colaborador convidado da UFRGS no Programa de Pós-Graduação em Letras. É um dos editores da revista binacional Brasil/Brazil. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Erico Verissimo, acervos literários, literatura brasileira e portuguesa, Estudos Culturais e Lírica. É pesquisador 2 do CNPq.

Minha graduação, cuja formatura foi em 1969, foi no Instituto de Letras da UFRGS, Licenciatura em Português e Literaturas e em Inglês e Literaturas, na antiga Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, durante a ditadura militar. Os Estudos Literários eram de alto nível. Tínhamos em Literatura Inglesa um professor visitante da Universidade de Londres, John Mann, e, em Literatura Brasileira, Guilhermino César e Flávio Loureiro Chaves. Na Teoria da Literatura e Crítica, contávamos com os excelentes Angelo Ricci e Dionísio de Oliveira Toledo. A área de Literatura Portuguesa era fraca, assim como a Literatura Norte-Americana. Em Literatura Latina, o professor era Elpídio Paes.

Minha pós-graduação foi toda realizada na hoje Faculdade de Letras da PUCRS. Fiz o mestrado e o doutorado em Letras/Teoria da Literatura no Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras, ambos com orientação de Regina Zilberman. Terminei o mestrado em 1983 e o doutorado em 1991. Foi bastante tardio, pois na época estava sob o efeito do AI-5 e não havia perspectiva de voltar a lecionar em universidades. O mestrado fiz um tanto fragmentado, nas férias e alguns dias de dispensa de meu trabalho na Editora Globo. Já o doutorado foi mais regular. Tive alguns professores estrangeiros, como Carlos Reis, de Coimbra, e Luiz Fernando Valente, da Brown University, além das disciplinas

ministradas pela Regina Zilberman, que eram excepcionais. Na época, fiz parte da equipe de pesquisa sobre Literatura Infantil e Ensino, e mais tarde engajei-me no trabalho com acervos literários, pois em 1983 iniciei a organização do acervo de Erico Verissimo. Em 1984 o CNPq aprovou meu projeto de organização do acervo e desde então fui bolsista do CNPq. Minha dissertação versou sobre fenomenologia literária. Estudei em profundidade Edmund Husserl e Roman Ingarden. Dela resultou o livro *Fenomenologia e Teoria da Literatura: Husserl x Ingarden*, publicado em 1990 pela EDUSP. Minha tese foi sobre os processos de criação de Erico Verissimo, comparados com os de suas personagens escritoras. Em 1995, foi publicada pela editora L&PM.

Meu credenciamento foi em 2007, pois antes lecionava na PUCRS, embora tivesse voltado à UFRGS depois da Anistia. Não lembro se fui credenciada antes na UFRGS. Na época do meu credenciamento, os Estudos Literários tinham bons professores de Literatura. Hoje também continuam, sendo alguns meus ex-alunos e ex-orientandos da época da PUCRS, o que muito me orgulha. Minhas contribuições à área têm sido em termos de orientações de mestrado e doutorado, em várias áreas da Literatura, com resultados sempre satisfatórios, e muitas publicações, seja em periódicos, capítulos de livros e livros. Entre os recentes, destaco *A Poética da Cidade em Erico Verissimo* (2012), *Erico Verissimo na União Pan-Americana: Discursos – 1953-1956* (2020), *Erico Verissimo: Cartas da União Pan-Americana – 1953-1958* (2020), todos online, publicados pela Editora Makunaima,

e *Matérias da memória* (2021), por enquanto online, publicado pela Editora da UFRGS. Todos resultam de minhas pesquisas sobre o Acervo Literário de Erico Verissimo.

• • •

michael korfmann

Professor titular. Possui graduação em Germanística – Universität Heidelberg (Ruprecht-Karls), mestrado em Germanística e Americanística na Freie Universität Berlin, doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizou pós-doutorado na Universidade de Bonn e Bochum, Alemanha. Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com ênfase em Literatura Alemã e Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Cinema; Mídia e Arte Moderna; Teoria dos Sistemas e Literatura Alemã Contemporânea. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq: Transformações da Ficção: Novas Tendências na Literatura Alemã Contemporânea. Chefe do Departamento de Línguas Modernas (2003-2005). Editor da revista digital CONTINGENTIA (2006-2011). Responsável pelo Acervo Mário Peixoto na UFRGS: ufrgs.br/mariopeixoto; responsável pelo site sobre o escritor Leif Randt ufrgs.br/leifrandt; Coordenador das Literaturas Estrangeiras Modernas no Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS (2007-2011); Membro do Conselho do Instituto de Letras (2009-2011); Membro do colegiado do Departamento de Línguas Modernas (2014-2018; 2021-2023); Membro da Comissão de Pesquisa (2007-2011); Membro da CAPLE - Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Língua Estrangeira (2006 -2010; 2021-).

Lo juntar as várias pontas que perfazem minha trajetória dentro do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devo voltar a um tempo mais remoto, muito anterior a minha entrada nesta Universidade e no PPG-Letras. Quando se faz um exercício como este, muitas fases de nossas vidas se desvelam como essenciais na formação do que somos, mesmo que não estejam diretamente ligadas a atividades acadêmicas. Assim, minha vida e as respectivas experiências pessoais e profissionais, em diversos lugares e países, são certamente pedras fundamentais, que me levaram, em boa medida, a minha posição atual dentro do PPG-Letras da UFRGS.

Nascido e residente num município pequeno na Alemanha, sempre fui um frequentador incansável da biblioteca local, e assim começou minha dedicação à literatura, não só de língua alemã, mas de diversos países. Assim, entre leituras, futebol, escola, trabalhos nas férias de verão e, usando parte deste ganho para investir em viagens pela Europa, passou-se minha infância e juventude. Concluí o segundo grau com o Abitur (uma prova parecida com o vestibular, mas integrada ao último ano escolar). Em seguida fui chamado para prestar serviço militar (18 meses, na época obrigatório). E em 1976 pude finalmente iniciar meus estudos universitários. Matriculei-me em Germanistik e Amerikanistik na

Universidade de Heidelberg e na FU (Freie Universät) Berlin; tive minhas primeiras experiências profissionais como professor de alemão em Paris, França; fui Leitor do DAAD (Programa de Intercâmbio Acadêmico do Governo Alemão) na Universidade do Porto, Portugal; e trabalhei alguns anos como professor do Instituto Goethe em São Paulo, ministrando cursos de alemão em todos os níveis. Entre 1992 e 1994, fui professor visitante na UFRGS, no Setor de Alemão, e em 1995 prestei concurso na mesma universidade.

Como contei, iniciei meus estudos acadêmicos na renomada Universidade de Heidelberg em 1976, como bolsista do Governo Alemão (através do programa Bafoeg), com ênfase em literatura alemã e literatura inglesa-norte-americana. Na época, ainda não havia o esquema de créditos e era apenas necessário frequentar alguns seminários obrigatórios. Sobrava bastante tempo para se dedicar a assuntos e escritores de sua própria escolha. Dos diversos professores da época, posso destacar os seminários do Prof. Dietrich Scheunemann, sobretudo em relação às chamadas vanguardas no início do século XX. Encontraria o Prof. Dietrich décadas mais tarde, quando ele ocupava o posto de professor titular na University of Edinburgh e coordenava um projeto internacional sobre literatura e cinema avant-garde, do qual tive o prazer de participar com minhas contribuições sobre o filme brasileiro *Limite*, de Mário Peixoto.

Como na Alemanha (infelizmente) não há algo parecido com Iniciação Científica ou Monitoria, realizei o percurso tradicional de assistir seminários e fazer as provas, e assim me graduei em 1980. Em 1981, fiz diversas viagens. Lecionei alemão como língua

estrangeira em Paris, numa escola particular (Glossa), e passei uma estadia mais prolongada no Brasil, onde comecei a aprender português e ministrar cursos informais de língua alemã.

Em 1982, comecei a cursar o mestrado em literatura alemã na Freie Universität Berlin (FU) sob a orientação do Prof. Ulf Schramm. O tema tratava da recepção da chamada literatura documental dos anos 1960/70, sobretudo em relação à discussão da época sobre ficcionalidade e autenticidade. Além de frequentar seminários nessa área, participei de vários cursos no Instituto da América Latina (LAI) da mesma universidade, quase sempre ministrados pelo professor e conhecido tradutor de literatura brasileira, Berthold Zilly (tradutor, entre outros, de Euclides da Cunha, Lima Barreto e Raduan Nassar). Nesse período, também ministrei aulas de alemão para o então cônsul do Brasil em Berlim. Defendi a minha dissertação em 1984 e logo em seguida passei a trabalhar como professor de alemão para o Volkshochschule Zehlendorf, bem como para o Instituto Goethe local.

Em 1985, participei da seleção de Leitores para Portugal do DAAD (Programa de Intercâmbio Acadêmico do Governo Alemão) e conquistei o primeiro lugar dentre 15 candidatos. Trabalhei na Universidade do Porto entre 1985 e 1988, ministrando sobretudo cursos de língua e prestando aconselhamentos para candidatos interessados em estudar na Alemanha. Participei do programa para atualização contínua de professores portugueses de alemão, ministrando seminários, palestras e atividades didáticas.

De 1989 a 1992, fui professor do Instituto Goethe em

São Paulo, onde lecionei alemão como língua estrangeira em todos os níveis que o Instituto oferece, de Língua I até o nível mais alto (Großes Deutsches Sprachdiplom), como também cursos específicos, como alemão para juristas ou economistas. De 1992 a 1994, tive o prazer de ser professor visitante no Setor de Alemão do Instituto de Letras da UFRGS e em 1995 passei como primeiro colocado no concurso para Língua e Literatura Alemã e fui nomeado efetivo em 2 de agosto de 1995. Prestar concurso apenas com mestrado ainda era possível na época. Iniciei meu doutorado em 1999 (a defesa foi em 2002), em Literatura Comparada, já que não havia a possibilidade de doutorado em literatura alemã, sob a orientação da Profa. Gilda Bittencourt. Como a abordagem possuía uma interface com a sociologia, contamos com a coorientação da Profa. Professora Eva Samios (Ciências Sociais). Tratava-se de um estudo interdisciplinar com base na teoria dos sistemas desenvolvida pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998), cujo objetivo era analisar a literatura alemã por volta de 1800 dentro de uma concepção histórica que via nesse período o ponto culminante da transformação de uma sociedade estratificada em direção a uma ordem social moderna, estruturada por sistemas diferenciados, como educação, economia, direito e literatura, que realizam uma determinada função e se caracterizam por suas comunicações específicas. Credenciei-me junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS no ano de 2003. A partir de então, tenho ministrado regularmente 12 a 16h/aula e em média uma disciplina na pós-graduação por ano, participo de bancas

de defesa, de concursos públicos e de seleção de bolsistas para os diversos programas que o Setor, em colaboração com o DAAD e o Instituto Goethe, oferece, realiza orientações de TCC, iniciação científica, mestrado e doutorado.

Após meu credenciamento em 2003, iniciei minhas atividades de pesquisa, orientação e de docência no PPG-Letras no âmbito do projeto de pesquisa: A vanguarda na literatura moderna (2002-2005). Fui logo integrado no grupo de pesquisa “O surrealismo e seus diálogos com a modernidade: aproximações interdisciplinares SURRDIAL/GpesqCNPqUFRGS.0381”, liderado pelo Professor Robert Ponge da UFRGS. Partimos da ideia que descrever parte da literatura no início do século XX através do conceito de *avant-garde* ou vanguarda implica refletir a respeito da concepção linear implícita neste termo: a vanguarda está na frente do quê? E como se pode conceber uma posição avançada senão por um olhar retrospectivo? Portanto, a discussão referente à vanguarda remete conseqüentemente a uma concepção geral da literatura moderna, ou seja, na medida em que o moderno está sendo permanentemente reavaliado também se revê a chamada vanguarda histórica. Isso se torna visível nos discursos pós-coloniais, nos *gender studies* ou nos representantes pós-modernos e suas críticas às descrições tradicionais do movimento vanguardista. Na reavaliação dos movimentos vanguardistas, a minha pesquisa fazia parte do projeto “Vanguarda e neo-vanguarda” da Universidade de Edimburgo, Escócia, liderado pelo Prof. Scheunemann, meu antigo professor na época

da graduação em Heidelberg. O projeto teve apoio financeiro da FAPERGS, o que possibilitou que, em 2003, o Prof. Scheunemann fosse trazido à UFRGS para ministrar um curso no Instituto de Letras sobre *European Avant-Garde in Literature, Art and Film 1910-1930*. Das discussões nesse âmbito surgiu um projeto de destaque sobre o lendário filme *Limite*, filmado em 1930 e exibido pela primeira vez em 1931, dirigido e escrito por Mário Peixoto, que se tornou, ao longo dos anos, um filme cult. Foi votado várias vezes como o melhor filme brasileiro já realizado e pode ser considerado a primeira e única referência para filmes brasileiros experimentais (apesar da problemática do termo) do cinema mudo. Na época, o filme existia apenas em VHS e era muito difícil assisti-lo no exterior ou obter informações em inglês a seu respeito.

Porque eu já apresentara e comentara o filme em diversas ocasiões, fui convidado para participar como palestrante num congresso internacional em Edimburgo no mesmo ano. Também criei uma página na internet (www.ufrgs.br/mariopeixoto) com informações básicas em português e inglês sobre o diretor e desde então tenho recebido inúmeros pedidos de informações de estudiosos do cinema de países como os Estados Unidos, França ou Espanha e realizado diversas viagens internacionais para mostrar e comentar a obra. Os trabalhos sobre Mário Peixoto, apesar de eu não os ter formalizado como projeto, acompanham desde então todas as etapas da minha atuação na UFRGS, ou seja, se tornaram um projeto permanente.

Entre 2005 e 2006, obtive uma bolsa de pós-doutorado do CNPq para aprofundar as relações entre fotografia e literatura na Universidade de Bonn, sob a orientação do Prof. Jürgen Fohrmann que, alguns anos mais tarde, se tornaria reitor da mesma universidade. O projeto partiu da convicção que os media – imprensa, fotografia, filme, TV, arquivos eletrônicos e redes de informação, entre outros – exercem um papel central na formação das estruturas sociais e suas características. Compreendemos os media como culturas de comunicação que co-definem a realidade social. A imprensa de Gutenberg não significou apenas um novo processo técnico, possibilitando cópias mais econômicas, mas redefiniu a comunicação social tradicional do boca-a-boca em direção a uma comunicação normatizada, específica e impessoal nos diversos sistemas sociais, consolidada no final do século XVIII. Esse processo torna-se visível, por exemplo, na implantação de bibliotecas, do mercado livreiro e, conseqüentemente, dos direitos autorais, ou na escolaridade pública baseada em conhecimentos escritos e, pelo menos potencialmente, acessíveis a todos.

De maneira geral, os estudos desse período foram bem aproveitados em disciplinas criadas por mim (A literatura e os media I e II) na pós-graduação, bem como em diversas orientações sob este aspecto. Depois de minha volta ao Brasil no início de 2006, também foi possível inserir, na área das Literaturas Estrangeiras Modernas (LEM) do PPG-Letras, a Literatura de Língua Alemã; as LEM até então eram formadas pelas Literaturas de Língua Inglesa, Francesa e Espanhola. Devido ao número pequeno de alunos no

Setor de Alemão, não realizamos a seleção para mestrado ou doutorado anualmente, mas conforme o interesse dos graduandos.

A partir de 2008, com a implementação de Literaturas em Língua Alemã no PPG-Letras, situei as pesquisas e minha atuação no âmbito das Literaturas Estrangeiras Modernas (LEM) e consequentemente participo, desde 2012, do grupo de pesquisa do CNPq “Transformações da ficção: novas tendências na literatura alemã contemporânea”¹⁷, liderado por meu colega Helmut Galle da USP.

O enfoque na literatura de língua alemã parece lógico já que atuo na graduação e na pós-graduação nessa área. Mas também tinha me distanciado um pouco de certas tendências e praxes comparatistas de transgressão. Formulei tais dúvidas no meu então projeto de pesquisa: Iluminação recíproca entre as artes (2008-2012).

O termo iluminação recíproca foi cunhado por Oskar Wazzel numa publicação de quase um século atrás; o autor usou-o para analisar possíveis relações entre texto e imagem e o fez numa época em que os estudos comparatistas ainda não haviam se estabelecido como disciplina acadêmica em países como, por exemplo, a Alemanha. Enquanto os primeiros centros universitários comparatistas se constituem em Genebra (1866), Harvard (1890) e Lyon (1896), o mesmo somente haveria de acontecer na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, especificamente em 1947,

¹⁷ dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6933750463325967

em Mainz, como resultado de pressões políticas visando a uma abertura internacional dos estudos literários, após o comprometimento de boa parte dos estudos germanísticos com a ideologia nazista. A formulação de Walzel talvez soe hoje um tanto ultrapassada, frente a conceitos correntes nos trabalhos comparatistas das últimas décadas como “intermedialidade”, “transmedialidade”, “hibridização” ou “contaminação de discursos”. Estes objetivam superar ou desfazer a divisão tradicional – iniciada por volta de 1800 com a institucionalização dos estudos literários como estudos estritamente textuais – entre as “ciências literárias” (como são chamados os estudos literários na Alemanha) e outras formas artísticas, tais como a música, a pintura, a fotografia ou o filme.

Outras vertentes não restringem seu campo investigativo à mera área artística, mas objetivam “transgredir” a própria demarcação entre expressões artísticas e outras áreas comunicativas da sociedade, frequentemente sob o título de “estudos culturais”. Um exemplo desse ponto de vista, referente aqui à imposição visual na sociedade como um todo, encontra-se no conceito de “visual culture” e o “pictorial turn”, conceitos popularizados por W. J. T. Mitchell, em sua publicação *Picture Theory*, de 1992. Aqui, o autor atribui às imagens o poder de constituir uma “common culture” (1992, p. 1) e constata que “the problem of the twenty-first century is the problem of the image” (1992, p. 2). No trabalho de Walzel, realizado ainda com dúvidas e justificativas sobre seu próprio procedimento comparativo e restrito a estabelecer inter-relações apenas no campo artístico, o ponto oposto pode ser exemplificado pela

publicação da professora e pesquisadora holandesa Mieke Bal, de 1991, chamado *Reading Rembrandt*. Ela oferece leituras alegóricas a partir de quadros e esboços do pintor holandês, dentro de uma concepção e de uma semântica feminista e psicanalítica. Bal declaradamente não pretende uma “historical reconstruction” (1991, p. 391), mas a produção de um “cultural text” (1991, p. 11), num “radically reception-orientated approach” (1991, p. 6), que instiga “speculative fertility” (1991, p. 3). Bal avisa: “Once we read in this mode, there is little to stop us” (1991, p. 71). Assim, frente a um esboço de cabeças de Rembrandt – aparentemente um estudo a ser aproveitado numa pintura posterior – ela constata que é difícil “not to see them as a group of people who are not too happy to be stuck together” (1991, p. 221). Impulsionada por um dos olhares no quadro, Bal vê que “diegetic focalization thus emerges” e se pergunta, “whether the imagined viewer is the viewer of a theatrical spectacle his looking brings into being” (1991, p. 222). Frente a tais discursos ou, como a própria autora define, “semiotic attitude that ahors meaninglessness” (1991, p. 202) surge então a dúvida: até que ponto se deve aceitar ou desejar tais discursos, supostamente científicos e declarados como abordagens comparatistas, nos quais o próprio objeto do estudo é eliminado em favor de uma produção semântica que poderia muito bem existir sem seu objeto de partida? A partir desta dúvida e frente a tais exageros no elemento produtivo em certas abordagens teóricas – frequentemente estimulados por conceitos como “hibridização” ou “contaminação de discursos” –, opta-se aqui pelo título “iluminação recíproca entre as artes”

como ponto de partida. Tal título evidentemente restringe seu campo de atuação ao campo artístico e às relações entre suas diversas formas artísticas, como texto e imagem. Pode-se entender tal renúncia a uma “enredificação” cultural ampla em favor de um olhar restrito ao campo artístico estético como posição à margem do cenário comparatista atual. No entanto, sabemos que as distribuições entre centro e margem estão em constante movimento e que há infinitas tentativas de derrubar cânones consagrados ou tradições estabelecidas a partir da margem. Além do mais, esta “reconfiguração do espaço” é justamente uma das facetas destacadas do comparatismo atual, de modo que nossa posição, se for mesmo marginal no cenário atual, encontrar-se-ia então numa tradição bem consolidada nas concepções teóricas e, quem sabe, apenas temporariamente nesta posição marginal. Portanto, a “iluminação recíproca entre as artes” aponta para uma concepção que restringe-se a ver e comparar as relações – ou diálogos – entre as diferentes formas artísticas. Com isso, partimos de uma área comunicativa artística que é autônoma e específica, diferente e diferenciada de outras áreas comunicativas como direito, educação, religião, ciência, entre outras.

Creio que juntar nesse relato as várias pontas dos meus interesses acadêmicos me fez olhar com atenção para as várias dimensões que meus interesses pessoais tomaram durante estes anos todos: por um lado, minha dedicação à literatura, por outra, meu interesse e minha curiosidade pela tradução e pelas questões envolvidas nestas transposições linguísticas e culturais.

Neste momento de meu percurso, acredito que há um legado de que me orgulho: a inserção das Literaturas em Língua Alemã no PPG-Letras, minha contribuição para que a obra de Mário Peixoto fosse reconhecida internacionalmente, o fechamento de certa lacuna sobre os escritores exilados no Brasil com os trabalhos sobre Rideamus, e os esforços para que o PPG-Letras se integrasse mais na rede acadêmica global através de diversos projetos e convênios com, por exemplo, o DAAD, o Intercâmbio Acadêmico do Governo Alemão. Imagino meus próximos anos no Instituto de Letras na mesma direção na esperança de que as condições que nosso Programa oferece, possam atrair mais estudantes, mas sabemos tudo isso depende sobretudo das chances profissionais futuras dos graduandos e pós-graduados.

Por fim, gostaria de agradecer aos colegas que compartilham comigo a tarefa de manter a qualidade do tripé da vida acadêmica, mesmo diante das adversidades e contratempos eventuais.

• • •



silvana silva

Pós-Doutoranda em Estudos Retóricos e Enunciativos na Université de Liège, Bélgica (2021-). Professora Adjunta da área de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente e Orientadora em Nível de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, na Linha de Pesquisa Análises Textuais, Enunciativas e Discursivas. Atua especialmente em Disciplinas de Produção Textual para diversos Cursos. Editora Executiva da Revista Cadernos do Instituto de Letras-UFRGS (2017-2020). Coordenadora da Comissão de Pesquisa do Instituto de Letras (2019-2020). Membro do GT da Anpoll Semântica e Estudos Enunciativos (a partir de 2020). Líder do Grupo de Pesquisa "Língua, Escrita e Sociedade em Perspectiva Enunciativa (CNPq). Pesquisa os seguintes temas: Teoria da Enunciação de Émile Benveniste; epistemologia da linguística; educação linguística; enunciação e sociedade; produção de textos.

Cursei licenciatura em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas entre 1998 e 2002, aqui mesmo, no Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recém-vinda do interior, no Instituto de Letras, fiz amigos, colegas e realizei toda a minha formação em literatura e linguística. Já no terceiro semestre comecei a integrar o quadro de bolsistas de Pesquisa do Instituto, grande privilégio, numa época de poucas bolsas, como é até hoje. Me orgulho de ter sido a primeira bolsista de pesquisa do Professor Valdir Flores, que recém havia ingressado na UFRGS, e já nos inquietava com sua forma filosófica e instigante de ensinar linguística e gramática. Para dar mais um destaque: fui aluna da primeira turma de *Visão Crítica da Gramática*, ministrada pelo Professor Valdir, e essa disciplina foi o norte de minhas pesquisas e do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Também participei do Coral da Letras durante todo o curso, sob a regência do Professor Neis, e nesse espaço, aprendi muito sobre cultura e teoria musical bem como sobre cultura geral, já que cantávamos na maioria das línguas estrangeiras ensinadas no Instituto (inglês, francês, espanhol, italiano, alemão).

A linguística praticada no final da década de 90 e início dos anos 2000 foi um período de consolidação de especialidades. Acompanhei o surgimento de diversas linhas de estudos que até

então estavam centradas na Sociolinguística e na linha Gerativista. Participei de inúmeros congressos nacionais e internacionais. Minha pesquisa centrava-se no estudo da dêixis como fenômeno enunciativo em relação à descrição do tempo verbal da língua portuguesa. Era um estudo bastante centrado em descrição linguística e, confesso, foi bastante custoso para mim, inicialmente, relacionar um fato gramatical, compreendido por mim como lógico e quase irretocável – o estudo dos tempos verbais – a uma descrição intersubjetiva, filosófica, ontológica do ser – a chamada teoria da enunciação. Aos poucos, com a convivência com colegas do Mestrado, em especial com a competente colega Sonia Lichtenberg, pude compreender a relação de um fato morfológico com uma perspectiva mais ampla, sintática. Esse foi um fato muito positivo durante a pesquisa em Linguística, mesmo na Graduação: o convívio e a participação ativa em grupos de estudos com pessoas com formações muito mais avançadas do que a minha. Hoje vejo que esse projeto cumpriu uma missão histórica: estabelecer e propor uma descrição linguística minuciosa em um viés que era de certa forma era colocado em “segundo plano” pela Linguística que se queria como Ciência: esse viés era a Teoria Linguística de Émile Benveniste.

Fui premiada com o *Prêmio Destaque em Pesquisa em Linguística* na linha de pesquisa ‘Análises textuais e discursivas’ duas vezes (2000 e 2001). Naquela época, a palavra ‘análises enunciativas’ não fazia parte do título da linha. O trabalho incansável do Professor Valdir em âmbito nacional em diversas instân-

cias garantiu que a 'linguística da enunciação' ganhasse espaço de pesquisa no Brasil, notadamente, com a publicação do livro *Introdução à linguística da Enunciação* (Editora Contexto, 2005). Hoje, a linha de pesquisa da qual faço parte como docente chama-se "Análises textuais, enunciativas e discursivas" graças ao trabalho desse grande Mestre.

Entrei no Mestrado em Estudos da Linguagem em 2003, na linha de Pesquisa 'Análises textuais e discursivas'. Na época, a palavra 'enunciativa' não estava na linha, mas, em compensação, a área de estudos terminológicos estava associada a ela. Tive então o privilégio de conhecer um pouco da área de Linguística de Corpus, ministrada pela querida professora Ana Mattos, bem como a área de Terminologia, com a inquieta professora Maria José Finatto, que se tornou grande parceira e colaboradora da área de Estudos Enunciativos. O Mestrado em Estudos da Linguagem foi bem amplo, com leituras densas em diversas áreas de estudos (linguística geral, teorias enunciativas, linguística do texto, terminologia, linguística de corpus). Por curiosidade, participei também de uma disciplina de Morfologia, ministrada pelo Professor Luiz Carlos Schwindt, que sempre diz que eu tenho 'talento para a linguística formal'.

Ainda que não tenha desenvolvido plenamente uma Dissertação dentro de uma 'linguística formal', meu trabalho versou sobre um estudo descritivo e de viés enunciativo sobre a sintaxe das preposições em Língua Portuguesa. Parti de uma análise crítica de mais de vinte gramáticas brasileiras e, após uma reflexão teórica

pelo viés enunciativo, elaborei uma metodologia própria de abordagem das preposições do Português. Anos depois, o capítulo analítico da Dissertação fez parte constitutiva do livro *Enunciação e Gramática* (Editora Contexto, 2009, em coautoria com o professor Valdir Flores e as colegas Sonia Lichtenberg e Thaís Weigert), publicação que deu bastante visibilidade para o grupo de pesquisa de Linguística da Enunciação no Brasil.

Mesmo com tantas leituras, aprendizagens e desafios, decidi, ao término do Mestrado, que era hora de eu entrar no mercado de trabalho e trabalhar como professora de língua(s).

O ingresso no Doutorado foi bem diferente do ingresso no Mestrado. ‘Entrei na fila’ do professor Valdir e fiquei esperando 3 anos até ter uma chance na seleção. Esse período, cheio de ansiedade, permitiu que eu ampliasse minha experiência no ensino de língua portuguesa e produção textual – trabalhei na Universidade do Vale do Rio dos Sinos na época. Além da experiência pedagógica riquíssima junto ao grupo de trabalho coordenado pela Professora Maria Eduarda Giering, pude participar da elaboração de dois livros sobre o ensino de gêneros acadêmicos (Editora Unisinos, 2011). Entre uma aula e outra, pude, além disso, começar a ler sobre psicanálise, ensino de língua portuguesa, linguística aplicada e ensino de escrita. Assim pude, em 2010, apresentar um projeto de tese sobre Ensino de Escrita e as formas complexas do discurso e fui finalmente aprovada para o ingresso como Doutoranda em 2011. Os três ‘anos de fila’ serviram para que o Doutorado fosse realizado com foco e atenção e o objeto de pes-

quisa se manteve o mesmo. Ao final de 2013, a defesa ocorreu de forma tranquila e muito proveitosa, com a presença de grandes professores que eu admiro (Luciene Simões, a saudosa Marlene Teixeira, Claudia Toldo e Leci Barbisan). Durante a tese, um ganho de pesquisa importante foi a incorporação da perspectiva antropológica à pesquisa de base linguística, motivada pela minha atuação em uma universidade de fronteira – passara no concurso da Unipampa, Campus Bagé, em 2011 – e pelas perspectivas da antropologia americana aberta por uma disciplina ministrada pela Professora Luciene. Além disso, o Professor Valdir começara a inserir a perspectiva antropológico-filosófica de Giorgio Agamben em uma disciplina.

Após o doutoramento, prestei Concurso para a UFRGS e fui convocada para assumir o Cargo de Professora Adjunta em agosto de 2015 (data histórica, como diria a minha querida colega Carmem Luci). Meu credenciamento no PPG Letras foi um pouco demorado, em função da pouca experiência em orientação em nível de Pós-Graduação que eu tinha até então. Ingressei oficialmente em meados de 2017 e somente em 2019 tive a minha primeira aluna de Mestrado com seu trabalho defendido. Apesar dessa entrada *'allegro ma non troppo'* (para usar a expressão de um livro de Normand muito caro aos estudiosos de teoria de linguagem saussuriana), penso que estou amadurecendo contribuições na área de ensino de língua(s) em perspectiva teórica, aplicada e também antropológica. Atualmente, tenho quatro (4) orientados de Mestrado – um em vias de Defesa sobre o papel

das instruções no ensino de leitura em nível de Ensino Fundamental – e estou realizando um Curso de Pós-Doutoramento em Retórica e Estudos Enunciativos para ampliar as minhas possibilidades de atuação no Pós-Graduação e estar à altura da grande contribuição linguística do Professor Valdir Flores no referido programa e também no Brasil.

Por fim, gostaria de acrescentar que vejo a Linguística num momento de grande abertura a perspectivas transversais, às ciências humanas, ‘sonho’ aventado desde Saussure. Atualmente, coordeno um Grupo de Pesquisa (registrado no CNPq desde 2020 e com reunião mensal) denominado “Língua, sociedade e escrita em perspectiva enunciativa”. Agregamos pesquisadores das áreas de Linguística, Filosofia, Psicologia/Psicanálise e Fonoaudiologia. No ano de 2022, o planejamento envolve a apresentação de trabalhos em andamento de orientandos em diversos níveis de pesquisa.

• • •

A horizontal strip of yellow, textured paper with a deckled edge, serving as a background for the name.

simone sarmento

É professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui doutorado em Terminologia e Lexicografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), Mestrado em Estudos da Linguagem pela Lancaster University (2005) e Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Atuou como presidente da Associação dos Professores de inglês do Rio Grande do Sul (2003 a 2008). Foi professora visitante na Faculdade de Educação da University of British Columbia (Estágio Pós-doutoral/CAPES) e na Universidade de Lisboa (Santander Universidades). Participou do núcleo estruturante do programa Inglês sem Fronteiras junto à SESU/MEC e foi Vice-Presidente de Língua Inglesa do mesmo programa. É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Seus principais interesses de pesquisa são na área de políticas educacionais e linguísticas, internacionalização, inglês para fins acadêmicos e para fins específicos e linguística de corpus. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq nível 2.

Meu ingresso no mundo das Letras e na carreira acadêmica aconteceu de uma forma pouco convencional e nada linear. Assim, para narrar essa trajetória de forma que meu momento atual faça sentido, contarei fatos da minha vida pessoal que acabaram sendo importantes para eu ter chegado até aqui. Durante minha narrativa, tentarei mostrar também um pouco das mudanças pelas quais a Linguística Aplicada (LA) e áreas afins passaram ao longo de mais de três décadas.

Dancei ballet desde muito pequena, e já aos 16 anos comecei a dar aulas de dança. Como na época não havia faculdade de dança em Porto Alegre, comecei a fazer dois cursos superiores: Artes Cênicas e Educação Física. Acabei trancando Artes Cênicas e ficando somente com Ed. Física. Entretanto, se foi o amor pela dança que me levou ao curso, foi Paulo Freire e sua proposta de educação libertadora e problematizadora que me levou a amar a educação. Assim, logo nos primeiros semestres, me interessei muito mais pelas disciplinas de educação do que pelas de atividades físicas. Em 1984, fiz concurso para a extinta FEBEM para o cargo de monitora e fui aprovada. Não era um trabalho fácil, mas foi muito enriquecedor. Descobri um país que até então desconhecia e a obra de Paulo Freire inspirava ainda mais, pois nada fazia menos sentido do que a lógica da educação bancária e indi-

vidualista naquele contexto. Era preciso uma educação na qual o indivíduo tomasse consciência de sua condição histórica, assumindo o controle de sua trajetória e entendendo sua capacidade de transformar o mundo.

Em um primeiro momento, Educação Física e Letras podem parecer muito distantes, mas é importante lembrar que ambas fazem parte da grande área de Linguagens na BNCC, que engloba Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Dessa forma, sempre enxerguei muito em comum entre a área em que me formei e esta em que fiz minha carreira.

Paralelamente, estudei inglês por muitos anos em cursos livres, no extinto Cultural e no Yázigi. No Cultural, estudávamos com os livros do *Lado English Series*. No Yázigi, havia o Centro de Linguística Aplicada, com uma perspectiva bastante arrojada para a época. Lá, entre outras obras, eram produzidos os livros didáticos *English in Brazil*, material voltado exclusivamente para o aprendizado de língua inglesa para brasileiros. Já naquele tempo, as diferentes metodologias de ensino chamavam muito minha atenção, e logo vi que gostaria de aprender mais sobre o assunto. Dessa forma, imediatamente após a minha formatura em 1986, fui à Inglaterra para um curso intensivo de Inglês. Após o término do curso, me aventurei trabalhando e mochilando (mais trabalhando que mochilando) em vários países da Europa por quase dois anos.

Retornei ao Brasil no final de 1988 e fui à escola Britannia Cultural, que ensinava inglês britânico, para continuar estudando a língua. Antes de prosseguir na minha história, aponto uma

grande mudança com relação a professores de línguas. Naquela época, havia uma busca pela “pureza” dos sotaques e variantes: ou falava-se inglês britânico ou inglês americano. Tentávamos, inclusive, disfarçar o nosso sotaque brasileiro ao falar uma língua estrangeira, pois, como já dito, o desejável era sempre buscar o padrão “falante nativo”, o que significava falar com a pronúncia britânica *Received Pronunciation* ou a pronúncia “padrão” americana, estilo CNN. Na época, havia a crença de que um bom professor de língua estrangeira (que já há um tempo chamamos, pelo menos na LA da UFRGS, de língua adicional¹⁸) eram os falantes nativos daquela língua. O simples fato de alguém ser americano ou britânico o “credenciava” como melhor do que os professores não falantes nativos de inglês. Uma forma de remediar essa questão era morar um tempo no país dos falantes nativos da língua. Isso também era considerado uma grande vantagem. Atualmente, isso soa até engraçado, para dizer o mínimo. Hoje em dia, não buscamos e nem queremos buscar um “padrão nativo” no ensino de línguas e, menos ainda, divide-se o mundo do inglês entre americanos e britânicos. São inúmeras as variedades nativas e não

¹⁸ Conforme Judd, Tan; Walberg, “‘Additional’ applies to all, except, of course, the first language learned. An additional language, moreover, may not be foreign since many people in their country may ordinarily speak it. The term ‘foreign’ can, moreover, suggest strange, exotic or, perhaps, alien—all undesirable connotations. Our choice of the term ‘additional’ underscores our belief that additional languages are not necessarily inferior nor superior nor a replacement for a student’s first language. Entretanto, o termo ‘Língua adicional’ consagrou-se na UFRGS a partir dos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul publicados em 2009. JUDD, E. L.; TAN; L.; WALBERG, H.J. *Teaching Additional Languages*. UNESCO, 2001. SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro; *Línguas adicionais (Espanhol e Inglês)*. In: Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (Org.). *Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, v. 1, p. 127-172.2009.

nativas, todas igualmente válidas. Aliás, hoje discutimos a própria noção de falante nativo¹⁹ e até mesmo de línguas nomeadas, quer dizer, as fronteiras entre as diferentes línguas passam a ser menos visíveis (na perspectiva translíngue)²⁰. Além disso, sabe-se que ser falante nativo de uma língua ou ter morado em países onde determinada língua é falada não possui relação direta com ser ou não ser um bom professor de línguas adicionais²¹.

Bem, como eu estava dizendo, procurei o Britannia para realizar mais um curso de Inglês. Durante a entrevista com a coordenadora da escola, ela mencionou que, como eu já tinha formação em licenciatura (ainda que de uma outra área) e já havia estudado o idioma por muito tempo, caso eu tivesse interesse, eu poderia fazer um curso intensivo de formação de professores (um convênio com a International House/London) que aconteceria no próximo mês. O curso, no qual tínhamos aulas teóricas pela manhã e práticas supervisionadas com alunos reais à tarde, era realmente intensivo.

Apesar de já ter certa experiência docente e ter formação em licenciatura, as técnicas e métodos de sala de aula da – então novidade – abordagem comunicativa para o ensino de línguas²² foram um desafio. Ao final do curso, fui convidada a integrar a equipe de professores da escola. Com um corpo docente bastante quali-

¹⁹ RAJAGOPALAN, K. 1997. Linguistics and the myth of nativity: Comments on the new/non-native Englishes. *Journal of Pragmatics* 27:225-31.

²⁰ García, O.; Kley, T. (eds). 2016. *Translanguaging with Multilingual Students*. New York, Routledge.

²¹ Braine, G. (ed). 1999. *Non-native Educators in English Language Teaching*. New York, Routledge.

²² CANALE, M.; SWAIN, M. 1980. "Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing". *Applied Linguistics*. 1 (1): 1-47.

ficado (a maior parte formado em Letras ou outras licenciaturas), eu aprendia constantemente com colegas mais experientes e nas enriquecedoras reuniões pedagógicas. O Britannia era uma escola que investia muito na formação de professores. Como era parte da associação Laurels de escolas de inglês, participávamos das conferências que aconteciam a cada dois anos (intercaladas com o Braz-Tesol) em diversas partes do país. Naquela época, comecei a cursar Licenciatura em Letras-Inglês na PUCRS, mas acabei tendo que interromper antes de me formar, e vou explicar o porquê.

No início de 1991, fui contratada como analista de idiomas na (extinta) VARIG e, como o trabalho era de 40 horas durante o dia e o curso de Letras era diurno, não consegui terminar a graduação. A empresa aérea possuía um Centro de Línguas com cinco professores de Inglês em Porto Alegre (havia equipes maiores e de mais línguas nas sedes do RJ e SP). Além de dar aulas de Inglês geral e Inglês técnico (para mecânicos de aeronave e pilotos em formação), também aplicávamos provas de inglês para seleção e promoção de pessoal e participávamos das mais diversas ações de formação e treinamento. A grande marca desta época foi o meu primeiro contato com o ensino de Inglês para Fins Específicos (IFA ou English for Specific Purposes – ESP). Era uma concepção de ensino de línguas muito diferente daquela que conhecia. Nos cursos de Inglês técnico para mecânicos, por exemplo, o foco era habilitá-los a ler manuais de suas áreas específicas, como trem de pouso, aviônica, etc. Assim, além de aprender a ensinar somente uma habilidade, a de leitura, aprendi muito sobre aviação também.

Os colegas que me antecederam haviam feito um ótimo trabalho em termos de pensar o programa desses cursos. Mas, foi junto com a minha (então e atualmente) colega, Ana Eliza Bocorny, que começamos a estudar sobre ESP e encontramos apoio no Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental²³ e na célebre obra de Hutchinson & Waters, *English for Specific Purposes: a learning-centred approach*²⁴. A oportunidade de ter participado ativamente da elaboração e condução de cursos de Inglês técnico nos deu a vivência para que, mais de duas décadas depois, escrevêssemos o livro intitulado *Teaching English for Specific Purposes*, da TESOL Press²⁵, publicado em 2019.

Em 1994, a VARIG e a PUCRS se uniram para criar o primeiro curso de Ciências Aeronáuticas do país, dando início, assim, aos próximos capítulos da minha vida profissional.

A criação do curso de Ciências Aeronáuticas levou à contratação de vários profissionais da VARIG, devido ao tipo de conhecimento e experiência requeridas para o novo curso. Assim, apesar de a PUCRS já contar com professores de Inglês em seus quadros, quatro professoras da VARIG (eu inclusa) juntaram-se ao grupo para ministrar aulas de Inglês para aviação. Contudo, logo comecei a dar aulas em outros cursos, como Turismo e Secretariado Executivo,

²³ CELANI, M. Antonieta, HOLMES, John, RAMOS, Rosinda Guerra e SCOTT, Michael. The Brazilian ESP Project an Evaluation. PUC - São Paulo: EDUC, 1988.

²⁴ Hutchinson, T., & Waters, A. 1987. *English for Specific Purposes: A Learner-Centered Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

²⁵ VIANA, V. ; BOCORNY, A. ; SARMENTO, S. 2019 . *Teaching English for Specific Purposes*. 1ª ed. Alexandria, Virginia: TESOL Press, 2019. v. 1. 55p .

além de aulas para disciplinas eletivas. Ainda em 1994, comecei a cursar na PUCRS uma especialização em Metodologia da Educação Superior. Entretanto, meu desejo era aprofundar meus estudos em assuntos relacionados à língua inglesa e, principalmente, à Linguística Aplicada. Em 1995, iniciei a especialização intitulada “O Ensino da Língua Inglesa: Teoria e Aplicação” na FAPA (Faculdade Porto-Alegrense), cujo corpo docente era composto de professores da própria FAPA, da PUCRS e da UFRGS. Estudamos sobre aquisição de segunda língua²⁶, sintaxe, semântica, pragmática da interlíngua²⁷, metodologia de pesquisa, além de literatura e cultura. A perspectiva para as aulas de literatura e cultura ainda eram dentro de uma lógica colonial, ou seja, focavam somente nas obras e nos aspectos culturais dos EUA e do Reino Unido. Aquele foi um ano de intensos estudos que culminou na minha aprovação para o mestrado em Estudos da Linguagem na UFRGS.

A seleção para o mestrado era dividida entre as duas grandes áreas: Estudos da Linguagem e Estudos da Literatura. Todos os candidatos à Estudos da Linguagem, independentemente do ramo da linguística que gostariam de seguir, faziam a mesma prova. Entre as leituras obrigatórias para a seleção, lembro-me de ter lido *Problemas de Linguística Geral I e II* (Benveniste) e *Curso de Linguística Geral* (Saussure), mas tenho certeza de que havia outros. Outra diferença era com relação à orientação. Escolhíamos

²⁶ Ellis, R. 1994. *THE STUDY OF SECOND LANGUAGE ACQUISITION*. Oxford: Oxford University Press.

²⁷ Kasper, G. & Blum-Kulka, S. (Eds.) (1993). *Interlanguage pragmatics*. New York: Oxford University Press.

os orientadores somente após já termos cursado as disciplinas, e havia uma flexibilização um pouco maior com relação a prazo.

A década de 90 foi muito importante para a Linguística Aplicada no Brasil, pois a área estava em um momento de consolidação e expansão. Em 1990, foi fundada a Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB), que em 1997 assumiu a organização dos Congressos Brasileiros de Linguística Aplicada e realizou o V CBLA aqui na UFRGS (o primeiro CBLA aconteceu em 1986 na UNICAMP). Foi também nesta década que tivemos o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os famosos PCNs, que até hoje reverberam nas discussões sobre ensino de línguas. O ambiente era vibrante e sempre cheio de novidades!

Sob a orientação da Professora Margarete Schlatter, hoje minha colega, resolvi conduzir uma pesquisa de observação em sala de aula, investigando como os aspectos culturais eram abordados nas aulas de inglês da VARIG. Importante mencionar que, no início de 1997, o setor de idiomas da VARIG foi terceirizado e as aulas que observei eram dos professores da escola. Posso apontar várias diferenças daquele momento para o nosso. Acredito que atualmente essa pesquisa não seria autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pois eu era coordenadora dos participantes da pesquisa, mas eu trabalhei com o entendimento de ética daquele momento, que aceitava essa prática. Outra diferença situava-se no olhar que tínhamos sobre os professores: grande parte das pesquisas buscava o registro sobre o que era feito de errado nas diversas práticas docentes. Hoje, pelo me-

nos no nosso PPG, busca-se registrar boas práticas, a ponto de termos lançado em 2011 uma revista chamada “Bem Legal”. De qualquer forma, acredito que o trabalho tenha sido útil. Publiquei dois capítulos²⁸ e um artigo com os resultados da minha dissertação. Sendo que o artigo, intitulado “O ensino de cultura na aula de língua estrangeira”, é ainda o meu texto mais citado²⁹.

Paralelamente, comecei a frequentar os eventos da APIRS (Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul). As associações regionais de professores tinham um papel preponderante na promoção de congressos e cursos para a formação de professores de línguas, e a APIRS, fundada em 1989, era uma das maiores e mais importantes do país. Ainda no início da década, em 2001, comecei a fazer parte da diretoria da APIRS primeiramente como secretária (2001-2003) e, nas gestões que sucederam, como presidente (2003-2006) e vice-presidente (2006-2009) da associação. Havia conferências anuais, que contavam com a presença de cerca de 500 professores de Inglês, das esferas pública e privada. Anualmente também, a APIRS, a APLISC (Associação dos Professores de Língua Inglesa de Santa Catarina) e a APLIEPAR (Associação dos Professores de Língua Inglesa do estado do Paraná) pro-

²⁸ SARMENTO, S.. Ensino de Cultura na sala de aula de língua estrangeira. In: Gisele Benck de Moraes; Ricardo Moura Buchweitz; Maria Elisabete Mariano dos Santos. (Org.). A questão cultural no processo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. 1ª ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2003, v. 01, p. 162-169.

SARMENTO, S.. Aspectos Culturais Presentes no Ensino da Língua Inglesa. In: Simone Sarmento; Vera Müller. (Org.). O Ensino do Inglês como Língua Estrangeira: Estudos e Reflexões. 1ª ed. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2004, v. 1, p. 241-266.

²⁹ SARMENTO, S.. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Porto Alegre, v. 02, n.02, p. 01-23, 2004.

moviam um grande evento, cada vez sediado em um dos estados do sul do Brasil. Um dos resultados desta parceria foi a criação do BELT Journal em 2010³⁰. Foram anos de muita aprendizagem e trocas, cujas memórias guardo com muito carinho. Mergulhei de cabeça no mundo da formação de professores de inglês, tópico da minha dissertação de mestrado, mas sem deixar de lado os estudos sobre línguas para fins específicos e inglês para aviação. Fruto desses anos de associação, organizamos três livros³¹, sendo que o primeiro foi selecionado para o projeto da biblioteca do professor do estado do Paraná e teve milhares de cópias impressas.

Em 2003, retornei à UFRGS para cursar disciplinas como aluna especial na área da Terminologia. Meu intuito era aprofundar os conhecimentos sobre as linguagens de especialidade de forma a melhor entender a linguagem dos manuais de aviação. E foi então que me deparei com uma abordagem para o estudo de línguas que impactaria meu trabalho para sempre: a Linguística de Corpus. Esse fortuito encontro aconteceu em um curso livre organizado pela professora Maria José Finatto e ministrado por Tony Berber Sardinha. Até aquele momento, eu e minha colega de inglês para aviação estudávamos os manuais com vistas à elaboração de materiais didáticos para nossos alunos mecânicos e

³⁰ <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/belt/article/view/7558/5419>

³¹ SARMENTO, S.. What About Teacher's Development?. 1ª ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011. v. 1. 198p .
SARMENTO, S.; FREITAS, A. L. (Org.). O ensino do Inglês como língua estrangeira: Estudos e Reflexões II. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. v. 01. 322p .
SARMENTO, S.; MÜLLER, Vera (Org.). O Ensino do Inglês como Língua Estrangeira: Estudos e Reflexões. 1ª ed. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2004. v. 1000. 266 p.

pilotos com canetas lumicolor, assinalando, por exemplo, verbos e substantivos mais frequentes. Fiquei maravilhada com a noção probabilística da LC, que oferece a possibilidade de fazermos uma análise robusta de uma porção de linguagem autêntica. A “descoberta” do software WordSmith Tools³² e de outras ferramentas de corpora disponíveis me fizeram ter certeza de que era esse o caminho que eu gostaria de seguir. No final de 2003, fiz seleção e fui aprovada para o doutorado em Terminologia, sob orientação da professora Maria da Graça Krieger. Meu objetivo era estudar os manuais de manutenção e operação da Boeing com vistas à elaboração de material didático.

Mas, como falei lá no início do meu texto, minha vida acadêmica nem sempre foi linear. Assim, no início de 2004, apliquei para uma bolsa do Hornby Educational Trust, que desde 1961 concede anualmente bolsas de estudo a professores de inglês de países em desenvolvimento para cursar mestrado na Inglaterra.³³ Trata-se da concessão de apenas uma bolsa integral por país (passagem, mensalidade e valor para alimentação e hospedagem). Fui contemplada com a bolsa, e segundo o parecer da comissão avaliadora, a escolha do meu nome deveu-se muito em razão de todo o meu envolvimento com a APIRS. Havia cinco opções de universidades, e escolhi a Universidade de Lancaster, devido ao seu protagonismo na área de Linguística de Corpus. Em setembro de 2004,

³² <https://lexically.net/wordsmith/version7/index.html>

³³ <https://www.britishcouncil.org.ar/en/programmes/education/hornby-educational-trust-scholarships>

após ter concluído os créditos do doutorado, iniciei esse outro mestrado (mas, mesmo assim, consegui defender minha tese no prazo, em 2008). Durante o curso de mestrado, além da Linguística de Corpus, também aprofundei leituras sobre Avaliação, Pragmática, Letramento Acadêmico e Análise Crítica do Discurso. Tive aulas com e frequentei grupos de estudos conduzidos por Charles Alderson, Geoffrey Leech, Tony McEnery, Paul Baker, Martin Bygate, Ruth Wodak e Norman Fairclough. Escrevi minha segunda dissertação de mestrado, que versava sobre a modalização em manuais de aviação com a abordagem da Linguística de Corpus e à luz da linguística cognitiva. Originaram-se cinco publicações desse período em Lancaster, algumas fruto da dissertação³⁴ e outras da observação sistemática da minha filha aprendendo inglês³⁵.

Ao retornar ao Brasil, retomei a escrita da tese de doutorado, sobre o mesmo tema do mestrado em Lancaster. Contudo, aumentei bastante o corpus de estudo, aprofundei as análises e, em 2008, defendi a tese intitulada “O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês: um estudo baseado em corpus”. Ressalto que os estudos realizados com a Linguística de Corpus ainda eram novidade no Brasil e particularmente na UFRGS – minha tese foi a segunda usan-

³⁴ SARMENTO, S.. A pragmatic Account of Aviation Manuals. English for Specific Purposes World (ESP World), Rússia, v. 4, n.3, p. 01, 2005.

SARMENTO, S.; GABRIELATOS, Costas. Central Modals in an Aviation Corpus: Frequency and Distribution. Letras de Hoje (Impresso), Porto Alegre, v. 41, n.2, p. 215-240, 2006.

SARMENTO, S.. The case of can. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 5, p. 01-14, 2007.

SARMENTO, S.. Distribution of Modal Verbs in an Aviation Corpus. In: Corpus Linguistics 2005, 2005, Birmingham. Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series, 2005. v. 1.

³⁵ SARMENTO, S.. Second Language Acquisition in a Naturalistic Setting: A case Study. Analecta (UNICENTRO), Paraná, v. 7, n.1, p. 57-70, 2006.

do essa abordagem, sendo a primeira a da Professora Anna Maria Becker Maciel, em 2001³⁶. Houve também certo ineditismo com relação à área de especialidade: aviação. Demóstene Marinotto foi autor da primeira tese sobre inglês para aviação, intitulada “Para a Elaboração de um Vocabulário Bilíngüe (inglês/português) de aviação”³⁷, defendida na USP em 1995. Ao que consta, o meu trabalho foi o segundo na temática, seguido da tese da Ana Bocorny, defendida um dia depois da minha e intitulada “Descrição das unidades especializadas poliléxicas nominais no âmbito da aviação: subsídios para o ensino de inglês para fins específicos.”. A partir da minha tese, publiquei quatro capítulos³⁸ de livros, dois artigos³⁹ e co-organizei um livro⁴⁰.

Houve muitos concursos para novos professores federais em 2010, e eu fui uma das aprovadas para uma vaga na UFRGS neste ano. Uma das etapas do concurso exigia a defesa de um projeto de pesquisa. O meu situava-se no âmbito de políticas linguísticas e

³⁶ <http://hdl.handle.net/10183/1649>

³⁷ <https://caph.fflch.usp.br/node/13053>

³⁸ SARMENTO, S.. O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês: Must em destaque. In: TANIA M. G. SHEPHERD; TONY BERBER SARDINHA; MARCIA VEIRANO PINTO. (Org.). Caminhos da Linguística de Corpus. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. , p. 289-324.

SARMENTO, S.. Corpus linguistics: history, methodology and scope. In: Chris Lima. (Org.). 10 Years of Brazilian Scholarship: British Council Brazil and the Hornby Trust. 1ª ed.: 2011, v. 01, p. 73-85.

SARMENTO, S.. O verbo modal CAN em manuais de aviação em inglês: implicação para o desenvolvimento de material didático. In: Cristina Lopes Perna; Heloisa Koch Delgado; Maria José Finatto. (Org.). Linguagens Especializadas em Corpora: Modos de Dizer e Interfaces de Pesquisa. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, v. 1, p. 202-232.

SARMENTO, S.. LINGUÍSTICA DE CORPUS E O DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA INGLÊS COM PROPOSITOS ESPECÍFICOS. In: Simone Sarmento; Ana Luiza Freitas. (Org.). O ensino do Inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões II. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, v. 1, p. 259-290.

³⁹ SARMENTO, S.. LINGUÍSTICA DE CORPUS: HISTÓRICO, METODOLOGIA, CAMPOS DE APLICAÇÃO. Revista Trama (UNIOESTE. Online), v. 06, p. 89-112, 2010.

SARMENTO, S.. Embraer 170: Decolagem para o sucesso-Análise do estrangeirismo. Revista da ADPPUCRS, Porto Alegre, v. 5, p. 33-40, 2004.

⁴⁰ SARMENTO, S.; MOTTIN, L. P. (Org.); SARDINHA, T. B. (Org.); IBANOS, A. M. T. (Org.). PESQUISAS E PERSPECTIVAS EM LINGUÍSTICA DE CORPUS. 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2015. 560p.

políticas educacionais, e tratava sobre o Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira (PNLD). O interesse pelo assunto surgiu devido ao fato de que 2011 seria o primeiro ano que escolas públicas de todo o país estariam recebendo livros didáticos das línguas espanhola e inglesa para os alunos dos anos finais do ensino fundamental. Dessa forma, acompanhei e registrei todo o processo desde a submissão das coleções pelas editoras, passando pela aprovação de apenas duas obras de cada idioma, a escolha das coleções pelas escolas/professoras, a chegada dos livros nas escolas e finalmente o uso dos livros por professores e alunos. Além da pesquisa, atuei como avaliadora do mesmo programa em editais do ensino fundamental, médio e EJA. Desse projeto decorreram orientações e várias publicações em periódicos (08), livro (01) e anais de congresso (03).⁴¹

⁴¹ SARMENTO, S.; LAMBERTS, D. V. D. H. . Pesquisas sobre livros didáticos: o estado da arte. ENTRETXTOS (UEL), v. 17, p. 333, 2017.

SARMENTO, S.; SILVA, L. G.. Brazilian Textbook Program and Implications for the teaching of English in Brazilian public schools. In: Kyria Rebeca Finardi. (Org.). English in Brazil. 1ª ed. Londrina: Eduel, 2016, v. 1, p. 145-172.

SARMENTO, S.. REVEL NA ESCOLA: PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA. REVISTA VIRTUAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v. 14, p. 20-31, 2016.

SARMENTO, S.; BATTISTI, J. . Programa Nacional do Livro Didático PNLD Campo: até que enfim!. EDUCAÇÃO EM FOCO, v. 19, p. 46-72, 2016.

SARMENTO, S.; LAMBERTS, D. V. D. H. . O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE INGLÊS: ASPECTOS SOBRE SUA IMPORTÂNCIA, ESCOLHA E UTILIZAÇÃO. (CON)TEXTOS LINGÜÍSTICOS, v. 10, p. 291-300, 2016.

SARMENTO, S.; LAMBERTS, D. V. D. H. . Adaptações ao Livro Didático de Língua Inglesa. Intersecções. Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais, v. 9, p. 66-83, 2016.

SILVA, L. G.; SARMENTO, S.. A seleção dos livros didáticos de língua inglesa do Programa Nacional do Livro Didático. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 2016, Campo Grande. ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA. Campo Grande, 2015. p. 174-185.

SILVA, L. G.; SARMENTO, S.. A escolha do livro didático de língua estrangeira do Programa Nacional do Livro Didático. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 14, p. 173-214, 2015.

SARMENTO, S.; SILVA, L. G.. A reconfiguração do Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira pelos atores sociais. In: 10º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2013, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do X Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2013. v. 02. p. 01-02.

SARMENTO, S.; COSTA, P. P.. A IMPLEMENTAÇÃO DO PNLD DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE. Contexturas, v. 20, p. 101-117, 2013.

SARMENTO, S.; GOULART, L.. The book is (not) on the table: o programa nacional no livro didático no cotidiano escolar na educação linguística. In: IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2012. v. 1. p. 1-16.

SARMENTO, S.; GOULART, L.; VIAL, A. P. S.; SILVA, J. Z.. A inclusão das Línguas Estrangeiras Modernas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Revista Bem Legal, v. 2, p. 110-118, 2012.

Em 2012, ano que me credenciei ao PPG, iniciei outro projeto de pesquisa para estudar recorrências lexicais em resumos em inglês (*abstracts*) das áreas de linguística e literatura. Coletamos um corpus composto por abstracts em quatro níveis de expertise, tendo em vista os processos editoriais de revisão de textos: (1) TCCs, (2) Teses e dissertações, (3) Artigos em periódicos nacionais, e (4) Artigos em periódicos internacionais. Este projeto estreou meus trabalhos de Linguística de Corpus e inglês acadêmico, área que pesquiso até hoje.⁴²

Também em 2012, tivemos um acontecimento que impactou muito a área de ensino de línguas adicionais na educação superior e particularmente a minha vida e o Instituto de Letras da UFRGS: o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF). O grupo de trabalho que elaborou o Programa desde o início, do qual fiz parte a partir de maio de 2012, era composto de representantes de dez universidades⁴³ (Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade

⁴² MATTE, M. L.; SARMENTO, S.. A corpus-based study of connectors in student academic writing. *English for Specific Purposes World (ESP World)*, v. 20, p. 1-21, 2018.

FINATTO, M. J. B. (Org.); REBECHI, R. R. (Org.); SARMENTO, S. (Org.); BOCORNY, A. E. P. (Org.). *Linguística de corpus: perspectivas*. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018. v. 1. 575

SILVA, L. G.; MATTE, M. L.; SARMENTO, S.. Brazilian students' use of English academic vocabulary: an exploratory study. In: Maria José Bocorny Finatto; Rozane Rodrigues Rebechi; Simone Sarmento; Ana Eliza Pereira Bocorny. (Org.). *Linguística de corpus: perspectivas*. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018, v. 1, p. 509-526.

SARMENTO, S.; SILVA, L. G.; SCORTEGAGNA, B.. O CORPUS LILE: ABSTRACTS DAS ÁREAS DE LINGUÍSTICA E LITERATURA. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 2014, Porto Alegre. ANAIS DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. v. 1. p. 1-15.

⁴³ PORTARIA Nº 105, DE 24 DE MAIO DE 2012 do Ministério de Estado da Educação.

de Brasília, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, representada por mim). O programa IsF foi oficialmente lançado em dezembro de 2012⁴⁴ e rebatizado de Idiomas sem Fronteiras em novembro de 2014⁴⁵. O IsF era co-financiado pela CAPES e pela Secretaria de Educação Superior do MEC, sendo que durante os anos de funcionamento do Programa⁴⁶, a UFRGS sempre teve o maior Núcleo de ensino de línguas do Brasil. Eram milhares de aplicações de TOEFL ITP por ano, além de milhares de alunos em centenas de turmas. Como já havia acontecido em outros momentos da minha vida, e em sintonia com a definição de Linguística Aplicada como um campo transdisciplinar que investiga e busca soluções para problemas relacionados à linguagem na vida real, voltei meus estudos para as áreas de internacionalização da educação superior (formação de professores de inglês para fins acadêmicos), além de continuar na área de políticas educacionais linguísticas.

O IsF foi um marco para a área de ensino de línguas, particularmente da língua inglesa, porque, pela primeira vez, tínhamos um programa robusto voltado à internacionalização das universidades focando no ensino de inglês acadêmico e, conseqüentemente,

⁴⁴ PORTARIA N° 1.466, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2012 do Ministério de Estado da Educação.

⁴⁵ PORTARIA N° 973, DE 14 DE NOVEMBRO DE 2014 do Ministério de Estado da Educação.

⁴⁶ O Programa perdeu o financiamento da CAPES, que era responsável pelo pagamento de bolsas para professores e coordenadores em maio de 2019. Em outubro de 2019, foi criada a Rede Andifes ISF (https://www.andifes.org.br/?page_id=82328) que deu continuidade a algumas ações do ISF, mas sem o financiamento da CAPES e em escala bem menor.

na formação de professores para este fim. Em 2015/2016, realizei meu estágio pós-doutoral na University of British Columbia, no Canadá, para verificar o impacto que o IsF teve nos bolsistas do Ciência sem Fronteiras, no que diz respeito à proficiência em língua inglesa.

Como resultado de minha atuação no IsF como gestora do programa em nível nacional, coordenadora na UFRGS e pesquisadora, orientei vários trabalhos de conclusão (TCC, dissertações e teses), além de ter publicado dez artigos⁴⁷, sete capítulos⁴⁸ e ter organizado um livro.⁴⁹

O IsF foi também responsável por voltar as atenções de pesquisadores da área de linguística aplicada para a relação

⁴⁷ KIRSCH, W.; SARMENTO, S.. FRAME ANALYSIS OF MICROTEACHING IN A COMMUNITY OF PRACTICE OF TEACHERS OF ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE IN SOUTHERN BRAZIL. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 12, p. e40296-15, 2021.

VIAL, A. P. S.; MATTE, M. L.; SARMENTO, S.. Desafios no ensino de Inglês para Fins Acadêmicos no contexto do Programa Idiomas sem Fronteiras. Calidoscópico, v. 18, p. 307-327, 2020.

SARMENTO, S.; VIAL, A. P. S.. LEARNING (TO TEACH) ENGLISH FOR ACADEMIC PURPOSES IN INITIAL TEACHER EDUCATION. REVISTA LETRAS (UFSM/ON-LINE), v. 3, p. 355-378, 2020.

KIRSCH, W.; SARMENTO, S.. 'She didn't know much about English teaching': planning classes together in the teachers' room as a practice of professional development. REVISTA OLHARES E TRILHAS, v. 21, p. 59-78, 2019.

KIRSCH, WILLIAM; SARMENTO, SIMONE. Stories of professional development in Brazilian Languages Without Borders Program. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 9, p. 115-132, 2018.

KIRSCH, WILLIAM; SARMENTO, SIMONE. Workshops as an avenue of teacher development in a Language without Borders community in Southern Brazil. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 9, p. 395-408, 2018.

GOULART, L.; VIAL, A. P. S.; SARMENTO, S.. Developing English for Academic Purposes (EAP) teaching materials: a needs analysis of novice teachers. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 16, p. 41-83, 2017.

KIRSCH, W.; SARMENTO, S.. Fulbright English Teaching Assistants: preparação conjunta de aulas e codeswitching numa comunidade de prática do programa idiomas sem fronteiras. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 8, p. 209-219, 2017.

SARMENTO, S.; THIAGO, E. M. C. P. S.; ANDREOTTI, V. O.. Science without Borders? An alternative framework for evaluation. Revista Interfaces Brasil-Canadá, v. 16, p. 40-71, 2016.

SARMENTO, SIMONE; KIRSCH, WILLIAM. Inglês Sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores a partir do trabalho docente. ILHA DO DESTERRO, v. 68, p. 047-059, 2015.

⁴⁸ SARMENTO, S.; FONTES, A. B. A. L.. O Legado Linguístico do Ciência sem Fronteiras. In: José Celso Freire Junior, Vanessa França Bonini Panico. (Org.). O Legado Linguístico do Ciência sem Fronteiras. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2021, v. 1, p. 147-164.

KIRSCH, W.; MATTE, M. L.; SARMENTO, SIMONE. DELINEANDO OS LEGADOS DO PROGRAMA IDIOMAS

de línguas com os processos de internacionalização das universidades. Prova disso é o crescente número de trabalhos sobre línguas nos congressos da FAUBAI (Associação Brasileira de Educação Internacional). Em 2013, foram dois trabalhos apresentados que faziam referência ao papel das línguas adicionais neste contexto; em 2017, foram 22. Além disso, esse movimento voltado à internacionalização da educação superior trouxe ao Brasil a discussão sobre (não) ensinar diferentes conteúdos por meio de uma língua adicional, em inglês denominado English as a Medium of Instruction. Tenho tido diferentes atuações neste cenário de educação superior e internacionalização

SEM FRONTEIRAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. In: Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho; Christine Nicolaidis; Gladys Quevedo-Camargo; Elaine Maria Santos. (Org.). SISTEMAS DE GESTÃO E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR: A experiência do Programa Idiomas sem Fronteiras. 1ª ed. Belo Horizonte: EDITORA UFMG, 2021, v. 1, p. 383-406.

SARMENTO, S.; FREITAS, A. L.; BAUMVOL, L. K.. INTEGRAÇÃO DE LÍNGUA E CONTEÚDO NO CONTEXTO DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS. In: Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho; Christine Nicolaidis; Gladys Quevedo-Camargo; Elaine Maria Santos. (Org.). SISTEMAS DE GESTÃO E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR: A experiência do Programa Idiomas sem Fronteiras. 1ª ed. Belo Horizonte: EDITORA UFMG, 2021, v. 1, p. 407-422.

WELP, A. K. S.; FONTES, A. B. A. L.; SARMENTO, S.. O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, v. 1, p. 125-149.

KIRSCH, WILLIAM; SARMENTO, S.. ATIVIDADE DOCENTE, COMUNIDADES DE PRÁTICA E FORMAÇÃO DOCENTE. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho. (Org.). Do inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, v. , p. 193-216.

VIAL, A. P. S.; BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO DE ESCRITA ACADÊMICA EM LÍNGUA INGLESA EM UM CURSO DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS. In: Clarissa Menezes Jordão. (Org.). A linguística aplicada no brasil: rumos e passagens. 1ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2016, v. 1, p. 471-500.

SARMENTO, S.; DUTRA, D. P.; BARBOSA, M. V.; MORAES FILHO, W.. ISF e Internacionalização: Da teoria à prática. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, v. 1, p. 77-104.

⁴⁹ SARMENTO, S.; LIMA, D. A. E. (Org.); MORAES FILHO, W. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. v. 1. 315p .

desde 2012, com orientações de trabalhos e publicações⁵⁰, sem ter, entretanto, abandonado outras áreas, como formação de professores, políticas educacionais⁵¹ e Linguística de Corpus.

Sobre as modificações na área desde meu credenciamento, não creio que tenha havido nada tão substancial, mas sim movimentos teórico-metodológicos sutis. Uma das questões é a presença maior de estudos que usam a Linguística de Corpus como metodologia. São várias as vertentes da LA que hoje se utilizam dos pressupostos da área em suas análises, como Análise Crítica do Discurso, avaliação, Inglês para Fins Acadêmicos, entre outras. Creio, também, que a própria área da LA se entenda muito mais como interdisciplinar hoje do que no passado, aceitando e buscando teorias e metodologias de áreas vizinhas. Por fim, uma mudança substancial, não necessariamente só da LA, mas de áreas que fazem pesquisas com seres humanos (entrevistas, questionários, observações, etc), é a exigência de submetermos

⁵⁰ SANTOS, L. G.; SARMENTO, S.. Programa Leitorado Brasileiro: um olhar sobre os critérios dos editais da CAPES. Fórum Linguístico, v. 18, p. 5653-5674, 2021.

BAUMVOL, LAURA; SARMENTO, SIMONE; DA LUZ FONTES, ANA BEATRIZ ARÊAS. Scholarly publication of Brazilian researchers across disciplinary communities. Journal of English for Research Publication Purposes, v. 2, p. 5-29, 2021.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. The Growing Presence of Language Issues in Internationalization Conferences. In: Kyria Rebeca Finardi. (Org.). English in the South. 1^ª ed. Londrina: EDUEL, 2019, v. 1, p. 25-54.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. Can the Use of English as a Medium of Instruction Promote a More Inclusive and Equitable Higher Education in Brazil?. SFU Educational Review, v. 12, p. 87-105, 2019.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. A internacionalização em Casa e o uso de inglês como meio de instrução. In: Magali Sperling Beck, Maria Ester Moritz, Maria Lúcia Milléo Martins, Viviane Heberle. (Org.). Echoes: Further Reflections on Language and Literature. 1^ª ed. Florianópolis: UFSC, 2016, v. 1, p. 65-82.

⁵¹ SCHARDONG, P. C. S. C.; SARMENTO, SIMONE. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTÁGIO DE LÍNGUA INGLESA: OS MOMENTOS DE ORIENTAÇÃO COM O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. REVISTA TRAMA (UNIOESTE. ONLINE), v. 17, p. 134-149, 2021.

CARDOSO, P. C. S.; SARMENTO, S.. Programa de excelência acadêmica (PROEX): um relato de como se tornar um professor formador na educação superior. REVISTA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR, v. 8, p. 99-118, 2018.

nossas pesquisas ao Comitê de Ética e Pesquisa através da Plataforma Brasil. Se, por um lado, há uma etapa burocrática e bem trabalhosa, por outro, ela garante um olhar cuidadoso sobre questões éticas, em especial para populações mais vulneráveis. Assim, devemos saudar este passo importante em direção a projetos mais transparentes e democráticos.

Finalizando este já longo texto, gostaria de expressar o privilégio que tenho em estar hoje como Coordenadora deste importante Programa de Pós-Graduação em Letras. Sinto-me honrada em receber esta confiança dos meus (minhas) ilustres colegas nesta data comemorativa de 50 anos de criação do Programa. Os desafios são grandes, mas as alegrias pelas conquistas compensam. Que possamos todos celebrar esta data tão importante juntos!

• • •

ubiratã kïckhöfel alves

Professor do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Convidado (“Docente Invitado”) do Programa de Doutorado em Letras da Universidad Nacional de Mar del Plata - Argentina. Possui graduação em Letras - Habilitação Português - Inglês pela Universidade Federal de Pelotas (2002), mestrado em Letras - Lingüística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (2004) e doutorado em Letras - Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008), tendo realizado estágio de Doutorado-Sanduiche na University of Massachusetts - Amherst, USA (2007). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina - 2014). É coeditor-chefe da GRADUS - Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório (ISSN 2526-2718). É Editor Assistente de Língua Estrangeira na Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso (ISSN 2176-4573). É coordenador da comissão científica da área de Fonologia da ABRALIN (2020-presente). Foi coordenador do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL (biênio 2016-2018), tendo atuado como vice-coordenador no biênio 2014-2016. Tem experiência na área de aquisição fonológica de L2, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição do inglês, do espanhol e do português como Línguas Estrangeiras, fonologia de laboratório, teoria fonológica e modelos de análise, ensino de LE, instrução explícita e treinamento perceptual dos aspectos fonético-fonológicos, elaboração de materiais didáticos para o ensino de pronúncia, abordagens cognitivas referentes à aquisição de LE.

Em nosso país, sobretudo nos últimos quinze anos, temos verificado um crescimento expressivo de trabalhos que enfocam o processo de desenvolvimento fonético-fonológico de línguas não nativas (LNNs). Trata-se de um campo de estudos indiscutivelmente interdisciplinar, que implica a confluência harmoniosa de saberes das áreas da Linguística Formal, da Psicolinguística e da Linguística Aplicada. Tal premissa interdisciplinar tem guiado minhas contribuições junto ao LABICO (Laboratório de Bilinguismo e Cognição – UFRGS) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras de UFRGS (PPG-Let), na formação de Mestres e Doutores que desenvolverão estudos na referida área.

Considero que o caráter interdisciplinar das pesquisas de nosso grupo reflete a minha própria formação acadêmica, enquanto professor e pesquisador. Dessa forma, dado o belo convite do Pet-Letras para homenagear o PPG-Let na passagem dos seus 50 anos, farei uma breve retomada de trajetória dinâmica referente à minha formação e aos meus doze anos junto a este Programa. Para além da descrição dessa trajetória, espero conseguir refletir a riqueza dos estudos de Fonética e Fonologia de LNNs, de modo a demonstrar, também, de que modo as pesquisas realizadas no PPG-Let da UFRGS contribuem para o debate acerca do referido tema nos âmbitos nacional e internacional.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E AFILIAÇÃO TEÓRICA

Iniciei o curso de Letras – Licenciatura Português-Inglês – na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 1998, aos 19 anos de idade. Desde o primeiro ano do curso de Graduação, atuei como professor em um curso privado de idiomas da cidade de Pelotas-RS, no qual eu havia iniciado meus estudos em inglês aos 11 anos. Dessa forma, o início de minha carreira docente ocorreu paralelamente ao meu primeiro semestre no curso de Letras. Vivenciar a sala de aula ao longo de todo o período de Graduação foi de suma importância em minha formação, uma vez que me permitiu estabelecer a ponte entre os conhecimentos teóricos advindos da Universidade e a prática de sala de aula.

Durante o período de Graduação, temas referentes à sala de aula sempre tiveram um lugar de predileção em meus estudos. Ao mesmo tempo, era encantado com a área de Linguística Formal, sobretudo a Sintaxe. Ainda assim, quando pensava na possibilidade futura de realizar um curso de Pós-Graduação, sempre os Estudos Aplicados acabavam por falar mais alto, no que diz respeito à possível área de conhecimento a ser seguida. De uma coisa, à época, eu tinha certeza: não realizaria estudos de Pós-Graduação na área de Fonologia. Na verdade, ainda que eu fosse bom aluno na referida disciplina, o gosto por tal área de estudos não se comparava ao que eu demonstrava por outros temas de investigação. Além disso, uma vez que, à época, bolsas de Iniciação Científica eram escassas, não estive

vinculado a algum projeto de pesquisa durante a graduação. Minha atuação como bolsista, na UFPel, dava-se como monitor das disciplinas de Língua Inglesa, uma vez que minha experiência em sala de aula contribuía para que eu ocupasse esse papel com facilidade. Tal fato contribuía, também, para meu interesse nos Estudos Aplicados.

Ainda no que diz respeito à minha formação no âmbito da Graduação, destaco um fato que agora vejo como importante: além das aulas de Fonologia do Português, em que trabalhávamos os fundamentos da Teoria Fonológica, a Habilitação Português- Inglês da UFPel contava como uma disciplina obrigatória de Fonética da Língua Inglesa. Lamentavelmente, posso dizer que, nos dias atuais, contar com uma grade curricular que ofereça tal disciplina (ainda mais como obrigatória) vem a ser um “luxo” de poucas Universidades de nosso país. Na disciplina de Fonética que cursei, pude associar muitos dos fenômenos estudados teoricamente com as dificuldades que meus alunos do cursinho, aprendizes brasileiros de inglês, encontravam ao se depararem com o mundo de sons da nova língua.

É verdade que, à época, a metodologia de ensino de Fonética era bem diferente do que, nos dias atuais, advogamos ser as bases para um “ensino comunicativo de pronúncia” (ALVES; LIMA JR., 2021)⁵². De fato, as atividades de pronúncia correspondiam, basicamente, a atividades de explicitação, além de exercícios de

⁵² ALVES; U. K.; LIMA JR., R. Instrução explícita. In: KUPSKE, F. F.; ALVES, U. K.; LIMA JR., R. M. (orgs). Investigando os sons das línguas não nativas: uma introdução. Campinas: Editora da ABRALIN, 2021, p. 175-204, 2021.

compreensão auditiva e prática mecanicista (*drills*) referentes ao componente fonético-fonológico da língua inglesa. Ainda assim, talvez em função da experiência que eu já tinha em sala de aula, a disciplina teve um lugar bastante importante em minha formação. Ressalto que, à época, encarava o estudo do sistema fonético-fonológico do inglês como uma fonte de conhecimentos para aplicação pedagógica, não como um objeto de pesquisa.

No meu último ano de Graduação, entretanto, um fato (que, naquele momento, não considerei relevante) começou a mudar minhas percepções sobre ensino de pronúncia: além das monitorias das disciplinas de Língua Inglesa, também coube a mim atuar como monitor dos alunos da cadeira de Fonética do Inglês. Considero que, ao ajudar meus colegas, dei os primeiros passos como professor da área. Penso que foi justamente esse o momento em que, ainda que ingenuamente, comecei a estabelecer os laços entre a Teoria em Fonética e Fonologia (da qual eu precisava me apropriar para ajudar meus colegas) e a prática de ensino de pronúncia (que, ainda sem saber de que modo, eu sentia a necessidade de desvincular das tradicionais tarefas de 'ouvir' e 'repetir').

Concluí o curso de Graduação em Letras no segundo semestre de 2001. Durante todo o último ano de Graduação, não tinha mais dúvidas acerca do meu desejo de iniciar os estudos em nível de Mestrado. Minha relação com a pesquisa, à época, era praticamente inexistente. De fato, minha única meta, com a Pós-Graduação, era aprimorar minha formação docente. Tornar-me um pesquisador não era uma ambição.

Iniciei o curso de Mestrado no primeiro semestre de 2002, na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Com o início do curso, não tinha ideia de qual área seguir, mas tinha muito claro que meu trabalho de Dissertação deveria ser voltado ao universo de sala de aula, pois, afinal, ali era o “meu chão”. Associado a essa convicção estava o fato de que, logo após concluir a Graduação, com 23 anos de idade, atuei como Professor Substituto da área de Língua Inglesa na UFPel, durante todo o ano de 2002. Dessa forma, à primeira vista, associar meu trabalho de Mestrado à sala de aula seria um passo natural em meio a toda a trajetória que até então havia percorrido.

Foi no curso de Mestrado, entretanto, que a Linguística Formal (mais especificamente, a Fonologia) começou a chamar a minha atenção. Uma das grandes “culpadas” por esse fato foi a Professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer. Através de suas aulas de Fonologia aos sábados pela manhã, dei-me conta de como os princípios fonológicos se mostravam fundamentais para o entendimento do processo de desenvolvimento de uma nova língua.

Ao mesmo tempo em que nutria um encantamento cada vez maior pela Teoria Fonológica, sempre sentia um certo “dever moral” de fazer com que tais conhecimentos chegassem à sala de aula. Penso que foi aí que comecei a ver, como fundamental, o elo entre os âmbitos Formais, Cognitivos e Aplicados da Linguística, o qual descrevi no início deste texto. Frente a essa demanda pessoal, desenvolvi a dissertação intitulada “O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela

Teoria da Otimidade”, sob a orientação da Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (hoje, docente da UFPel) e a coorientação da Profa. Dr. Ingrid Finger, hoje minha colega na UFRGS.

Considero que a dupla orientação supracitada, ao longo de todo o período de Mestrado, me permitiu estabelecer os primeiros elos conciliatórios entre a Teoria Fonológica e os âmbitos da Psicolinguística e da Linguística Aplicada. Minha Dissertação de Mestrado apresentava os resultados de uma pesquisa em que verifiquei os efeitos da instrução explícita de pronúncia junto aos meus então alunos de Letras na UFPel. À época, estudos sobre instrução explícita mostravam-se bastante escassos, tendo sido tal trabalho contemporâneo à pesquisa de Silveira (2004)⁵³, a primeira Tese de Doutorado, desenvolvida em nosso país, sobre os efeitos da instrução fonético-fonológica. Em minha Dissertação de Mestrado, para além da descrição empírica, os efeitos da prática pedagógica de pronúncia eram verificados a partir da Teoria da Otimidade (OT – PRINCE; SMOLENSKY, 1993)⁵⁴, um modelo de gramática de base gerativa. Penso que, a partir desse trabalho, consegui dar-me conta do pesquisador que queria ser no futuro: um estudioso que, através dos estudos de Fonética e Fonologia de Línguas Não Nativas, estabelecesse a ponte entre os estudos Formais e Aplicados.

⁵³ SILVEIRA, R. The influence of pronunciation instruction on the perception and production of English word-final consonants. Tese (Doutorado em Língua Inglesa). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

⁵⁴ PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar. Technical Report, Rutgers University and University of Colorado at Boulder, 1993.

Com o término do Mestrado, em 2004, iniciei, no mesmo ano (lembro que minha primeira aula foi um dia após a defesa da Dissertação!), o curso de Doutorado em Letras, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Tive a honra de ter sido orientado pela Profa. Dr. Leda Bisol, um dos maiores nomes da Fonologia em nosso país. Minha Tese de Doutorado, defendida em janeiro de 2008, dava continuidade aos estudos de caráter formal iniciados no Mestrado, enfocando a aquisição das sequências de codas complexas do inglês por brasileiros. Tal estudo também foi realizado à luz da Teoria da Otimidade⁵⁵.

À diferença do trabalho de Mestrado, minha Tese caracterizou-se como um estudo de caráter estritamente formal, com pouca interlocução (para além da descrição dos padrões linguísticos produzidos) com o universo da sala de aula. Minha ênfase, no referido estudo, foi na formalização de restrições à luz da OT. O trabalho partia da premissa fundamental de que as línguas não nativas não somente são passíveis de análise à luz de modelos formais de Fonologia, mas também podem e devem contribuir para a formalização dos modelos em questão. Essa premissa é muito cara para mim até os dias atuais, pois não tenho dúvidas da pertinência dos dados de desenvolvimento linguístico como objeto empírico para a teorização em Linguística.

⁵⁵ ALVES, U. K. A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do Sul do Brasil: análise via Teoria da Otimidade. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

Ainda com relação ao meu curso de Doutorado, devo destacar outro marco importante em minha formação como pesquisador: o estágio de Doutorado Sanduíche realizado na *University of Massachusetts-Amherst* (UMASS), no primeiro semestre de 2007. Indiscutivelmente, o estágio na UMASS e o contato com linguistas renomados da área da Fonologia Gerativa, como John McCarthy, Joe Pater e Gaja Jarosz, fundamentaram os objetivos traçados para a realização de minha Tese. Para além desse contato com a OT, foi na UMASS que tive meu primeiro encontro com a Fonética Acústica, através das aulas da disciplina de Fonética do Professor John Kingston. Foi nesse estágio, portanto, que conheci os preceitos da Fonologia de Laboratório (BECKMAN; KINGSTON 2012)⁵⁶. Ainda que, em minha Tese de Doutorado, a análise acústica tenha sido adotada apenas como um recurso de verificação para a identificação dos padrões de produção dos aprendizes, considero que o período de Doutorado Sanduíche foi de extrema importância por me introduzir a esse novo universo de pesquisas, o qual eu posteriormente perseguiria ao longo de minha carreira.

Apesar de minha Tese não refletir uma interlocução direta com a sala de aula, durante os quatro anos de Doutorado na PUCRS, pude, efetivamente, estabelecer laços acadêmicos que me levaram a continuar desenvolvendo pesquisas sobre o ensino de

⁵⁶ BECKMAN, M. E.; KINGSTON, J. Introduction, *Papers in Laboratory Phonology I: between the grammar and the physics of speech* (reprint). In: COHN, A. C.; FOUGERON, C.; HUFFMAN, M. K. (eds.). *The Oxford Handbook of Laboratory Phonology*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 10 16.

pronúncia. Isso se deveu ao fato de a estrutura do curso de Doutorado da PUCRS exigir o cumprimento de créditos do que à época se chamava de “segunda área de estudos”. Foi através da vinculação à segunda área que me mantive na Psicolinguística, por meio das aulas do Prof. José Marcelino Poersch. Nesse contexto, a partir da interlocução do Professor e do contato estabelecido por intermédio da Prof. Ingrid Finger, conheci a Profa. Márcia Cristina Zimmer. Márcia havia concluído seu Doutorado, sob a orientação do Professor Poersch, em 2004. Estabelecemos, Márcia e eu, uma parceria por meio da qual desenvolvemos uma série de artigos sobre ensino de pronúncia. Além disso, junto à Prof. Rosane Silveira (UFSC), desenvolvemos um manual didático para o ensino de pronúncia do inglês (ZIMMER; SILVEIRA; ALVES, 2009)⁵⁷. Também no Curso de Doutorado, tive a oportunidade de cursar, no segundo ano, a disciplina de Aquisição de Linguagem, sob a responsabilidade docente da Profa. Regina Ritter Lamprecht. Essa disciplina também resultou na publicação de um livro (atualmente em sua segunda edição), o qual discute a pertinência de se trabalhar a consciência dos sons na sala de aula (LAMPRECHT *et al.*, 2012)⁵⁸. Dessa forma, ao longo dos quatro anos de Doutorado, continuei contribuindo com as discussões e publicações sobre ensino de pronúncia.

É importante também dizer que foi justamente no conta-

⁵⁷ ZIMMER, M. C.; SILVEIRA, R.; ALVES, U. K. *Pronunciation Instruction for Brazilians: Bringing Theory and Practice Together*. 1. ed. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009.

⁵⁸ LAMPRECHT, R. R.; BLANCO-DUTRA, A. P.; RIGATTI-SCHERER, A. P.; MENNA-BARRETO, F.; BRISOLARA, L. B.; SANTOS, R. M.; ALVES, U. K. *Consciência dos sons da língua – subsídios teóricos e práticos para alfabetizados, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2ª. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

to com os professores Poersch e Zimmer, ao longo do próprio curso de Doutorado, que comecei a dar os primeiros passos para uma mudança de afiliação teórico-epistemológica. À época, tive o primeiro contato com os estudos desenvolvidos no paradigma conexionista (RUMELHART; McCLELLAND, 1986)⁵⁹. Com a intensificação da parceria com a Profa. Márcia, sobretudo após o término de meu curso de Doutorado, começamos a discutir, em vários trabalhos, os fundamentos de uma visão emergentista de desenvolvimento (ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2006)⁶⁰. A partir dessa concepção de base, em associação com o aparato da Fonética Acústica e os preceitos da Fonologia de Laboratório, nossa relação acadêmica mostrou-se bastante produtiva.

O período de término de meu Doutorado e consequente inserção como Doutor correspondeu, no cenário internacional, a um período de mudança de paradigmas nos estudos de desenvolvimento de LNNs. Em um ambiente de plena efervescência no que diz respeito às concepções de base que fundamentam as pesquisas em LNNs, o cenário internacional de investigações vivenciou, entre os anos de 2007 e 2009, o surgimento da visão Dinâmica e Complexa de desenvolvimento⁶¹ linguístico, com a publicação de uma série de textos fundadores (DE BOT; VERSPOOR;

⁵⁹ RUMELHART; D. E.; McCLELLAND, J. L. *Parallel Distributed Processing: Explorations in the microstructure of cognition*. Cambridge: The MIT Press, 1986.

⁶⁰ ELLIS, R.; LARSEN-FREEMAN, D. *Language Emergence: implications for Applied Linguistics – Introduction to the special issue*. *Applied Linguistics*, v. 27, n. 4, p. 558-589, 2006.

⁶¹ Na perspectiva dinâmica e complexa, o termo 'desenvolvimento linguístico' é empregado ao invés de 'aquisição'. Tal termo consegue justamente refletir um dos principais aspectos da concepção dinâmica e complexa: a preocupação com o processo como um todo, e não com o produto (resultado) de tal processo.

LOWIE, 2007; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; BECKNER *et al.*, 2009)⁶². Tais trabalhos advogam que o processo de desenvolvimento de uma nova língua é caracterizado por ser não-linear, adaptativo, susceptível às condições iniciais e, ainda, de natureza emergente. Na esteira desses autores, desde o início da década passada, meus orientandos e eu temos investido na referida concepção Dinâmica e Complexa como ancoragem teórica para os estudos em Fonologia de Laboratório que temos conduzido.

ATUAÇÃO JUNTO AO PPG-LET DA UFRGS

Meu tempo de atuação junto ao PPG-Let da UFRGS confunde-se, de certa forma, com meu período de experiência docente na referida instituição. Tendo prestado concurso para a UFRGS em 2009, tomei posse no primeiro semestre de 2010 para atuar na Graduação. Minha atuação no PPG-Let iniciou imediatamente no semestre seguinte daquele ano (2010/2).

O credenciamento praticamente imediato deveu-se, sobretudo, à minha experiência prévia no PPG em Letras da UCPel, no qual atuei como docente e orientador nos anos de 2008 (logo após a defesa da Tese) e 2009. No referido programa, ao ministrar

⁶² DE BOT, K.; LOWIE, W.; VERSPOOR, M. A Dynamic Systems Theory approach to second language acquisition. *Bilingualism: Language & Cognition*, v. 10, n. 1, p. 7-21, 2007.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. *Complex Systems and Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BECKNER, C.; ELLIS, N. C.; BLYTHE, R.; HOLLAND, J.; BYBEE, J.; KE, J.; CHRISTIANSEN, M. H.; LARSEN-FREEMAN, D.; CROFT, W.; SCHOENEMANN, T. Language is a Complex Adaptive System - Position Paper. *Language Learning*, v. 59, supl. 1, p. 1-26, 2009.

cadeiras tanto de caráter mais aplicado (como 'Teorias de Aquisição de L2') quanto de ênfase mais formal (como a de 'Teorias Linguísticas e Gramáticas Pedagógicas', voltada a um perpassar aos Estudos Linguísticos, ou de 'Fonologia Avançada – Teoria da Otimidade'), dei-me conta da importância de haver investido em uma formação acadêmica em Linguística Formal. De fato, sobretudo com uma Tese tão formal, muitas vezes havia sido questionado pelos pares acerca da pertinência de tal trabalho para o âmbito de ensino. Não tenho dúvidas de que a pertinência é total, pois considero que o entendimento dos modelos teóricos da tradicional área de Aquisição de L2 exige um bom embasamento acerca da história dos Estudos Linguísticos. Tento deixar isso bastante claro aos meus alunos da cadeira de 'Tópicos de Aquisição de L2', uma das principais disciplinas que ministro no PPG-Let.

Estou seguro de que toda essa bagagem de conhecimentos, trazida não somente do período de Doutorado, mas da própria experiência docente que tive antes da UFRGS, caracteriza a minha trajetória em nosso PPG. Para descrever essa trajetória, buscarei descrevê-la em três etapas principais: (i) os primeiros anos; (ii) o estágio de Pós-Doutorado; (iii) os dias atuais e as pesquisas na linha de Psicolinguística.

OS PRIMEIROS ANOS (2010 A 2014)

Ao ingressar na UFRGS, solicitei credenciamento junto à linha de pesquisa de Linguística Aplicada do PPG-Let. A opção por tal li-

nha refletia meu interesse em manter-me inserido nas pesquisas voltadas ao universo de sala de aula, e, de certa forma, retomava a trajetória que havia começado a traçar a partir da parceria com a Profa. Márcia Zimmer. A opção pela Linguística Aplicada representava, também, um elo com a Psicolinguística (uma vez que o PPG não contava com tal linha à época), a oportunidade de realizar pesquisas em Fonologia de Laboratório em sala de aula, bem como um retorno a um tema de pesquisas que sempre havia sido muito caro para mim: o papel da instrução explícita de pronúncia.

A partir dessas premissas, nessa primeira etapa junto ao PPG-Let, pude desenvolver estudos que permitiam pensar estratégias de sala de aula para garantir a inteligibilidade da fala não nativa. A inteligibilidade da fala constitui um tema bastante caro para os Estudos Aplicados, e à época, a partir da Dissertação de Dutra (2014)⁶³, verificávamos que tal questão implicava desafios teórico-metodológicos bastante grandes. Por sua vez, as questões referentes ao ensino de pronúncia de LNNs também viabilizaram a realização de estudos experimentais, voltados aos efeitos da instrução explícita de pronúncia na percepção e produção dos sons. Esse foi o tema da Dissertação de Mestrado de Reiner Perozzo (2013)⁶⁴, meu primeiro orientando de Mestrado junto ao PPG-Letras, hoje meu colega junto ao Departamento de Línguas Modernas da UFRGS.

⁶³ DUTRA, C. C. *Intelligibility - an emergent fractal as evinced by in vivo assessment*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

⁶⁴ PEROZZO, R. V. *Percepção de oclusivas não vozeadas sem soltura audível em codas finais do inglês (L2) por brasileiros: o papel do contexto fonético-fonológico, da instrução explícita e do nível de proficiência*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

Em suma, nesse intervalo referente aos primeiros quatro anos do PPG, considero que as pesquisas de nosso grupo conseguiram associar aspectos teóricos importantes da Fonologia de Laboratório ao universo da sala de aula, prestando especial contribuição ao ambiente de ensino. Julgo os resultados dessa etapa como bem-sucedidos, uma vez que, a partir do ano de 2013, passei a atuar como Pesquisador Nível 2 do CNPq, o que demonstra a boa aceitação dos trabalhos de nosso grupo por parte da comunidade científica. Por sua vez, meus orientandos e eu ainda sentíamos falta de um aprofundamento referente às questões de processamento dos sons (mais especificamente, concernentes ao processo de percepção), bem como uma integração maior dos fundamentos psicolinguísticos da percepção, a qual evocasse uma discussão acerca dos primitivos fonológicos perceptuais. Essa agenda de pesquisa, de caráter bastante integrador, foi perseguida apenas posteriormente, ao desenvolvermos estudos na linha de pesquisa em Psicolinguística, conforme veremos em breve.

O ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO

A realização de meu Estágio de Pós-Doutorado na *Universidad Nacional de Mar del Plata-Argentina*, ao longo do ano de 2014, contribuiu de forma considerável para uma expansão dos objetivos de nosso grupo de pesquisa. Antes do referido estágio, nosso grupo voltava-se, quase que unicamente, à realização de pesquisas sobre o desenvolvimento do sistema fonético-fonológico do inglês por bra-

sileiros. Com o estágio no país vizinho, passamos a investigar, também, o processo de desenvolvimento do sistema de sons do inglês por falantes do espanhol. Além disso, duas novas frentes de pesquisa foram abertas: os estudos sobre o desenvolvimento do espanhol por aprendizes brasileiros (que possibilitaram a elaboração da Dissertação de De los Santos 2017, além da Tese da referida autora, ainda em elaboração)⁶⁵, bem como os estudos sobre o desenvolvimento do sistema fonético-fonológico do Português Brasileiro por falantes nativos de outras línguas. Dessa forma, considero tal Estágio importante por possibilitar uma diversificação do objeto de análise e das línguas estudadas pelo nosso grupo de pesquisa. Com tal diversificação, passamos a acolher não somente oriundos do curso de Letras-Inglês, mas, também, egressos com ênfases em outras línguas.

No que diz respeito ao processo de desenvolvimento dos sons do português brasileiro por aprendizes falantes de espanhol como L1, nossa experiência com tais alunos durante o Estágio Pós-Doutoral permitiu a elaboração do livro “Curtindo os Sons do Brasil: Fonética do Português do Brasil para Hispanofalantes”, publicado pela Lidel Edições Técnicas, de Portugal (ALVES; BRISOLARA, PEROZZO, 2017)⁶⁶. No manual em questão, elaborado a partir de um levantamento das principais dificuldades apresentadas por esses aprendizes, propusemos sequências didáticas em que o

⁶⁵ DE LOS SANTOS, B. R. A produção da vogal átona final /e/ por Porto-Alegrenses aprendizes de Espanhol como Segunda Língua (L2): uma investigação sobre Atrito Linguístico em ambiente de L2 não-dominante. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

⁶⁶ ALVES, U. K.; BRISOLARA, L. B.; PEROZZO, R. V. Curtindo os sons do Brasil: fonética do Português do Brasil para hispanofalantes. Lisboa: LIDEL Editorial, 2017.

componente fonético-fonológico, abordado a partir de um tema comunicativo, tem seu ensino associado aos outros componentes formais da língua. Tal proposta didática vai ao encontro das discussões acerca da necessidade de um ensino de pronúncia que se mostre ancorado a uma concepção clara de língua e de desenvolvimento linguístico, tal como defendido à luz da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos.

Ainda no que diz respeito à associação entre os âmbitos formais e aplicados, gostaria de ressaltar o *status* de que goza a área de Fonética e Fonologia de Línguas Não Nativas (LNNs) no âmbito acadêmico argentino. A maioria dos cursos de Graduação da Argentina oferece até quatro semestres de disciplinas obrigatórias de Fonética e Fonologia na LNN de formação profissional do estudante. Além desse importante detalhe, no âmbito da pós-graduação argentina, uma área de pesquisas bastante em voga é a chamada “Fonética e Fonologia Aplicadas ao Ensino”⁶⁷. Considero que, através da referida área, a integração entre estudos formais e aplicados, a qual tenho defendido ao longo de todo este capítulo, se mostra bastante transparente. Penso que, ao vivenciar essa experiência a partir da interlocução com as universidades do país vizinho, nosso grupo de pesquisa conseguiu fundamentar ainda mais claramente a inseparabilidade desses âmbitos.

⁶⁷ Um exemplo do importante papel dessa área no contexto argentino é a realização, em caráter bianual na Universidad Nacional de San Martín, do Congreso Internacional de Didáctica de la Fonética y Fonología de las Lenguas Extranjeras. Para o ano de 2022, está prevista a sexta edição do referido evento, da qual participarei como membro do comitê acadêmico e palestrante convidado.

Em suma, o período de um ano referente ao meu estágio de Pós-Doutorado permitiu que nosso grupo estabelecesse de forma ainda mais clara a relação entre estudos formais e aplicados. De fato, a partir desse Estágio, nosso grupo deu um salto qualitativo no que diz respeito à internacionalização das suas pesquisas. Tal internacionalização pode ser vista, inclusive, em trabalhos recentes desenvolvidos por membros de nosso grupo, tais como a Tese de Pereyron (2017)⁶⁸, que lida com o desenvolvimento vocálico de aprendizes argentinos de português, bem como as Dissertações de Kluge (2021)⁶⁹ e Batista (2021)⁷⁰, que abordam as dificuldades de inteligibilidade da fala de brasileiros aprendizes de inglês quando ouvida por aprendizes argentinos. Além disso, a partir das parcerias estabelecidas com os professores do país vizinho, temos publicado diversos livros e artigos científicos.

OS DIAS ATUAIS: A PESQUISA NA LINHA 'PSICOLINGUÍSTICA'

No ano de 2015, o PPG-Letras passou por uma reformulação em suas linhas de pesquisa. Foi criada, na ocasião, a linha de pesquisa em Psicolinguística, da qual faço parte até os dias atuais.

⁶⁸ PEREYRON, L. A produção vocálica por falantes de Espanhol (L1), Inglês (L2) e Português (L3): uma perspectiva dinâmica na (multi) direcionalidade da transferência linguística. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

⁶⁹ KLUGE, D. S. A. The local intelligibility of Brazilian learners' speech in English (L2) to Argentinian and German listeners: a discussion on non-native perception from a Complex, Dynamic perspective. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2021.

⁷⁰ BATISTA, P. S. 'Lace' ou 'Lays'? Identificação dos membros de pares mínimos do inglês encerrados por /s/ e /z/ produzidos por aprendizes porto-alegrenses (RS). Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

A elaboração de uma agenda de pesquisas ancorada nos temas da Psicolinguística permitiu ao nosso grupo aprofundar questões sobre o processamento dos sistemas multilíngues, tanto em termos de percepção dos sons quanto no que concerne à múltipla influência entre os sistemas linguísticos de um indivíduo falante de duas ou mais línguas. Tal agenda permitiu, também, retomar questões que já nos eram caras desde o início da trajetória do grupo, como as referentes a instrução explícita, treinamento perceptual e inteligibilidade, possibilitando-nos associá-las à discussão de processamento perceptual e de metodologias de aferição embasadas nos estudos da Psicolinguística. Ao desenvolvermos esses estudos, mantivemo-nos amparados nos preceitos da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos, de modo a estabelecermos nossos objetivos à luz dos desafios metodológicos contemporâneos que são ainda enfrentados por esse paradigma teórico.

Consideramos que as Teses de Doutorado já defendidas em nosso grupo não somente expressam os temas de pesquisa de nosso interesse, mas, também, explicitam claramente o tripé ‘formal-cognitivo-aplicado’ que representa as pesquisas que temos desenvolvido na linha de Psicolinguística. A primeira Tese defendida em nosso grupo foi a de Kupske (2016)⁷¹. No trabalho em questão, a partir de uma visão dinâmica e complexa, o autor redefine o construto de ‘atrito linguístico’ em L1,

⁷¹ KUPSKE, F. F. Imigração, Atrito e Complexidade: a produção das oclusivas suras iniciais do Inglês e do Português por Sul-Brasileiros residentes em Londres. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

de modo a demonstrar que o sistema de língua materna está sempre sujeito a mudanças, a partir da influência de línguas não nativas que caracterizam esse sistema multilíngue maior. Com uma argumentação semelhante, Pereyron (2017) discute a multidirecionalidade da transferência vocálica, demonstrando que a tradicional noção de transferência unidirecional L1 - L2 - L3 deve ser revista a partir de uma concepção dinâmica e complexa de desenvolvimento. O amparo metodológico psicolinguístico associado à descrição formal da Fonologia de Laboratório permitiu à autora evidenciar alterações em todos os sistemas do indivíduo multilíngue. Possibilitou, também, a discussão teórica sobre as implicações das influências multidirecionais entre os sistemas linguísticos na sala de aula. Atualmente, o Prof. Felipe Kupske é docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, e a Profa. Leticia Pereyron atua como professora de português na *University of Sidney*.

Ainda no que diz respeito ao processamento em sistemas multilíngues, no âmbito de nosso grupo, sentíamos a necessidade de discutir o processo cognitivo de percepção categórica dos sons das LNNs. Tal necessidade advinha do fato de que os modelos tradicionalmente empregados em estudos de LNNs, tais como o *Speech Learning Model* (FLEGE, 1995)⁷² e o *Perceptual Assimilation*

⁷² FLEGE, J. E. Second Language Speech Learning: Theory, findings, and problems. In: STRANGE, W. (ed.). *Speech perception and linguistic experience: issues in cross-language research*. Timonium, MD: York Press, 1995, p. 233-277.

Model-L2 (BEST; TYLER, 2007)⁷³, eram (são) ainda tratados como equivalentes por muitos pesquisadores, independentemente das diferentes teorias de base sobre as quais tais modelos são alicerçados. Mostrava-se importante, portanto, diferenciar os dois modelos e discutir os seus alcances e limitações. Tal tarefa implicaria um esforço conjunto a partir de saberes advindos de diferentes áreas do conhecimento. Tais áreas envolviam a Teoria Fonológica, na discussão dos primitivos perceptuais, a Psicolinguística, no que diz respeito ao processamento, e a própria Linguística Aplicada, dado que alguns modelos vigentes (como o de Best e Tyler, 2007, por exemplo) limitavam sua proposta a contextos de Segunda Língua (L2), em oposição a contextos de Língua Estrangeira (LE).

A Tese de Perozzo (2017)⁷⁴ parte dessa meta inicial e a supera, ao propor mudanças ao modelo do PAM-L2. Considero que a publicação do referido trabalho representa o marco para a proposição de um novo modelo perceptual, ainda em desenvolvimento. Para desempenhar tal tarefa, Perozzo (2017) elaborou sua proposta a partir de três bases epistemológicas: (i) uma filosófica, ao adotar o modelo perceptual de Realismo Indireto (JACKSON 1977, 2010)⁷⁵; (ii) uma linguística, ao defender o gesto acústico-ar-

⁷³ BEST, C. T.; TYLER, M. D. Nonnative and second-language speech perception: commonalities and complementarities. In: BOHN, O.-S.; MUNRO, M. J. (eds.). *Language Experience in Second Language Speech Learning – in honor of James Emil Flege*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 13-34.

⁷⁴ PEROZZO, R. V. *Sobre as esferas cognitiva, acústico-articulatória e realista indireta da percepção fônica não nativa: para além do PAM-L2*. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

⁷⁵ JACKSON, F. *Perception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

JACKSON, F. Representative realism. In: DANCY, J.; SOSA, E.; STEUP, M. (eds.). *A companion to epistemology*. Malden: Blackwell, 2010, p. 702-705.

ticulatório (ALBANO, 2001)⁷⁶ como o primitivo perceptual de seu modelo; (iii) uma cognitiva (GAZZANIGA et al., 2012; STERNBERG, R.; STERNBERG, K., 2016)⁷⁷, que serviu de base para as questões de processamento e de “elo” para os dois âmbitos anteriores. Nos dias atuais, o Professor Reiner Perozzo é meu colega no Departamento de Línguas Modernas da UFRGS.

A discussão sobre o processo de percepção permitiu que Albuquerque (2019)⁷⁸ explorasse um aspecto ainda mais complexo, que perpassa a percepção dos sons e extrapola tal questão: a inteligibilidade da fala em LNNs. A questão da inteligibilidade sempre foi bastante cara ao âmbito da Linguística Aplicada, tendo recebido bastante destaque a partir da proposição do Princípio da Inteligibilidade (*Intelligibility Principle*), proposto por Levis (2005)⁷⁹, o qual estabelece que o objetivo da aula de pronúncia deve ser o estabelecimento de uma fala inteligível, ao invés da redução do sotaque estrangeiro.

Apesar de a inteligibilidade compreender um resultado desejável na sala de aula contemporânea, conforme problematizado por Albuquerque (2019), mais detalhes acerca da caracterização do referido construto, bem como de sua mensuração, careciam

⁷⁶ ALBANO, E. C. O gesto e suas bordas - esboço da Fonologia Acústico-Articulatória para o português brasileiro. Campinas: FAPESP/Mercado de Letras, 2001.

⁷⁷ GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T.; HALPERN, D.; HEINE, S. Psychological science. New York: W. W. Norton & Company, 2012.

STERNBERG, R.; STERNBERG, K. Cognitive psychology. Belmont: Wadsworth Publishing, 2016.

⁷⁸ ALBUQUERQUE, J. I. A. de. Caminhos dinâmicos em inteligibilidade e compreensibilidade de línguas adicionais: um estudo longitudinal com dados de fala de haitianos aprendizes de Português Brasileiro. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

⁷⁹ LEVIS, J. M. Changing contexts and shifting paradigms in pronunciation teaching. TESOL Quarterly, v. 39, n. 3, p. 369-377, 2005.

de uma maior discussão. Em primeiro lugar, a definição clássica de 'inteligibilidade', a qual se refere "ao grau de correspondência entre a mensagem pretendida pelo falante e a compreensão do ouvinte" (DERWING; MUNRO, 2015, p. 5)⁸⁰, necessitava de uma discussão psicolinguística acerca do que se deve assumir pelo termo "compreender". Frente a esse desafio, Albuquerque (2019) salienta a necessidade de situar tal construto em uma concepção clara de desenvolvimento linguístico, tendo a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos amparado a redefinição do construto de 'inteligibilidade' em sua Tese. Para além de uma nova definição do construto, era preciso repensar, também, os métodos de aferição de inteligibilidade, uma vez que tarefas de transcrição de áudio, tradicionalmente empregadas nesse tipo de verificação, podem ser afetadas pela capacidade de memória de trabalho do participante. Dessa forma, a partir de uma perspectiva Dinâmica e Complexa de desenvolvimento, Albuquerque (2019) propõe uma tarefa de repetição espontânea de frases, fazendo uso de um aplicativo elaborado para a Tese, o AEPI (BONDARUK; ALBUQUERQUE; ALVES, 2018)⁸¹. Nos dias atuais, tal aplicativo encontra-se disponibilizado gratuitamente aos pesquisadores.

Ao redefinir o construto de inteligibilidade e propor uma metodologia de aferição de dados distinta, Albuquerque (2019)

⁸⁰ DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. Pronunciation fundamentals: evidence-based perspectives for L2 teaching and research. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

⁸¹ BONDARUK, P.; ALBUQUERQUE, J. I. A.; ALVES, U. K. Aplicativo para Estudos em Percepção e Inteligibilidade (AEPI). 2018. Disponível em www.aepi.e-pi.co.

investe em uma análise de processo (LOWIE, 2017)⁸², de caráter longitudinal, para analisar a emergência da inteligibilidade de excertos de fala de aprendizes haitianos de PB ouvida por ouvintes brasileiros. Ressalto o caráter inovador do referido trabalho, por apresentar, pela primeira vez em contexto acadêmico brasileiro, o desenvolvimento de uma análise dinâmica de picos com simulações de Monte Carlo (VAN DIJK; VERSPOOR; LOWIE, 2011)⁸³ e de correlações móveis (VERSPoor; VAN DIJK, 2011)⁸⁴, em consonância com a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos. Atualmente, a Profa. Jeniffer Albuquerque atua como docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Em suma, considero que as trajetórias dos Doutores formados em nosso grupo de pesquisa, bem como as posições por eles ocupadas nos âmbitos acadêmicos nos dias atuais, refletem a qualidade do trabalho que temos desenvolvido junto ao PPG-Letras da UFRGS. Atualmente, nosso grupo é formado por três mestrandos e quatro doutorandos. Como desafios de pesquisa futuros, temos nos preocupado com métodos de aferição dinâmica, através de análises de processo (LOWIE, 2017), de caráter individual e longitudinal. Com a consolidação dos pressupostos dinâmicos e

⁸² LOWIE, W. Lost in state space? Methodological considerations in Complex Dynamic Theory approaches to second language development research. In: ORTEGA, L.; HAN, Z.H. (eds.). *Complexity Theory and Language Development: in celebration of Diane Larsen-Freeman*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 123-141.

⁸³ Van DIJK, M.; VERSPOOR, M.; LOWIE, W. Variability and DST. In: VERSPOOR, M.; de BOT, K.; LOWIE, W. (eds.). *A Dynamic Approach to Second Language Development: methods and techniques*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 55-84.

⁸⁴ VERSPOOR, M.; Van DIJK, M. Visualizing interaction between variables. In: VERSPOOR, M.; de BOT, K.; LOWIE, W. (eds.). *A Dynamic Approach to Second Language Development: methods and techniques*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 85-98.

complexos nos âmbitos nacionais e internacionais de investigação, novas questões precisam ser abarcadas pelas pesquisas nesse paradigma, sendo a principal delas a referente a metodologias que deem conta da trajetória não-linear de desenvolvimento do aprendiz. A partir da submissão de um projeto de pesquisa voltado a tal discussão, em março de 2022 fui promovido à Categoria de Pesquisador 1D do CNPq, o que também demonstra o interesse dos pares nesses temas de investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma perspectiva Dinâmica e Complexa, considerar o processo desenvolvimental do aprendiz implica muito mais do que olhar para dois pontos no tempo: é preciso um acompanhamento maior, que observe a não-linearidade, os “altos” e “baixos”, bem como a variabilidade dos dados do aprendiz ao longo de todo o processo. Também na descrição do desenvolvimento de um grupo de pesquisa, considero ser necessário um olhar mais pormenorizado, que explique momentos de estabilidade e instabilidade frente aos desafios encontrados ao longo da sua trajetória. Essa foi a minha intenção, ao descrever, neste capítulo, a trajetória das pesquisas que tenho desenvolvido, junto a meu grupo de orientandos, nos últimos 12 anos do PPG em Letras da UFRGS.

Ao longo de todo o capítulo, chamamos a atenção para nossa convicção de que o estudo dos sistemas desenvolvimentais dos aprendizes demanda uma confluência de saberes formais e

aplicados. Conforme discutimos, através do viés cognitivo, conseguimos estabelecer o elo entre esses dois supostos “extremos”. Sendo um processo de natureza complexa, o desenvolvimento de uma nova língua requer, indiscutivelmente, uma comunhão de saberes. Acredito que as pesquisas desenvolvidas pelos membros de nosso grupo, descritas ao longo deste texto, tenham deixado bastante claro o modo como se dá tal comunhão.

Sobretudo em uma realidade acadêmica em que o conhecimento científico é fragmentado em áreas de conhecimento e unidades acadêmicas, a busca por tal ação conjunta de saberes nem sempre constitui tarefa fácil. Muitas vezes já ouvi dos próprios pares que eu seria “Aplicado demais para a Linguística Formal” ou “Formal demais para me encaixar no âmbito Aplicado”. É nesse nimbo interdisciplinar que se encontram os estudos de Fonética e Fonologia de LNNs, e, apesar da dificuldade de um “encaixe” em um primeiro momento, considero que temos desenvolvido contribuições teóricas e metodológicas importantes à área. Evidência disso é a inserção dos Doutores formados em universidades importantes de nosso país. Dessa forma, reafirmo minha convicção de que, desde que satisfeita a necessidade de coerência epistemológica (fundamental para qualquer estudo científico), pontes interdisciplinares são não somente possíveis, mas, também, desejáveis.

É preciso reconhecer que, na formação de Mestres e Doutores, estabelecer essa ponte interdisciplinar não é uma tarefa unicamente minha, uma vez que tal trabalho de formação é conjunto. Tal formação interdisciplinar e epistemologicamente coerente

somente se faz possível em função da própria estrutura de nosso PPG, que possibilita a interlocução com competentes pesquisadores de outras linhas, tais como a Teoria e Análise Linguística e a Linguística Aplicada. Penso que nossos alunos são muito felizes por lhes serem possibilitadas tal interlocução e a possibilidade de formação de caráter global, permitindo-lhes circular, com competência, entre diferentes áreas (a meu ver) afins da Linguística.

A partir deste relato, mais do que expressar minha trajetória pessoal, espero ter demonstrado a formação consolidada que o PPG Letras, nosso aniversariante de 50 anos, possibilita a seus futuros Mestres e Doutores. Por meio da presente reflexão, espero que a trajetória aqui descrita contribua para a discussão sobre o caráter interdisciplinar do processo de desenvolvimento de uma nova língua. Finalmente, faço votos de que o presente texto possa incentivar futuros pós-graduandos a desenvolverem pesquisas acerca do processo de desenvolvimento fonético-fonológico de línguas não nativas.

• • •

valdir do nascimento flores

Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Professor convidado na École Normale Supérieure - Paris/França, onde ministrou curso sobre a Recepção de Saussure e Benveniste no Brasil. Ministrou aulas também na Université de Paris III, como professor convidado. Possui Mestrado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997), Pós-doutorado (CNPQ), na Université de Paris XII-Val-de-Marne, e Pós-doutorado (CAPES), na Université de Paris X - Nanterre, sob a direção de Claudine Normand. É professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. Foi Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), entre 2011 e 2013. Frequentou, nos anos 2008, 2009 e 2010, na École Normale Supérieure, o seminário de Antoine Culioli sobre a Teoria das Operações Predicativas e

Enunciativas. Estudou junto ao Groupe de Recherche en Histoire de la Linguistique (GRHIL), em Paris, sob a direção de Claudine Normand. Coordenou a elaboração do Dicionário de Linguística da Enunciação (Editora Contexto). Coordenou a tradução brasileira do livro *Dernières Leçons* de Émile Benveniste (Editora UNESP). Coordenou o grupo de professores que elaborou a proposta de criação do Curso de Fonoaudiologia da UFRGS. É editor da Editora da Abralín juntamente com Gabriel de Ávila Othero. Tem experiência na área de Linguística. Os temas de suas pesquisas circunscrevem-se dois campos: aspectos epistemológicos da Linguística Geral (Ferdinand de Saussure; Roman Jakobson, Émile Benveniste, entre outros) e Linguística da Enunciação (Émile Benveniste, Henri Meschonnic, Antoine Culioli, entre outros). Nos últimos anos, suas pesquisas (CNPq) têm buscado desenvolver uma perspectiva antropológica de abordagem da enunciação. ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>

SOBREVOO PANORÂMICO (EM DIFERENTES ALTURAS): SAUSSURE E BENVENISTE NA UFRGS

PEQUENO PREÂMBULO

○ grande filósofo Paul Ricoeur afirmou, em um livro que beira o sublime, *A memória, a história, o esquecimento* (2007): “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança”. E são lembranças que perfilo, a seguir, a respeito dos estudos em torno de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS (PPG-Letras), esperançoso de, com elas, tecer alguma memória.

Antes disso, é bom fazer uma advertência: quando decidi atender ao convite para escrever um relato sobre a minha participação no PPG-Letras, fui acometido por várias dúvidas, hesitações e mesmo por dificuldades em achar a palavra “certa” para começar a escrever. E isso, ao menos, por um motivo: não estavam claras as variáveis a partir das quais um ponto de vista narrativo – o meu ponto de vista – poderia se constituir. Que viés assumir? O da (aparente) neutralidade da cronologia? Ou o do “simples” relato de feitos e realizações? Havia, ainda, o risco, sempre iminente em

situações como essas, de ceder à tentação do solipsismo, segundo o qual somente há lugar para o “eu” e suas “impressões”.

Ora, sabemos bem, assumir a perspectiva da cronologia é sempre uma possibilidade! Ela até dá algum conforto, pois, não raras vezes, encontra o abrigo da ilusão da imparcialidade. Quando se lista enfadonhamente uma sucessão de datas de publicações, de cursos ministrados, de eventos promovidos etc. fincamos autoridade em uma espécie de “facticidade”, ou seja, da veracidade constatada ou constatável. No entanto, não considerarei este um ponto de vista possível.

O fato é que as variáveis a serem consideradas não eram poucas: o suposto leitor (professores colegas? Alunos?), o tema do relato (o surgimento de um campo de pesquisa entre nós), as especificidades conjunturais de instituição disciplinar do campo, entre outras. Tudo isso atravessado por uma inquietação ética que é constitutiva do ato de narrar: o ponto de vista de quem narra determina o narrado, o que necessariamente opera exclusões.

Enfim, como será visto, decidi fazer uma narrativa pessoal – dizer isso é quase tautológico, admito –, articulando uma versão dos fatos que informa uma percepção própria acerca da presença de Saussure e Benveniste entre nós, construída em quase trinta anos de trabalho no PPG-Letras da UFRGS.

Isso me deu certa tranquilidade, uma vez que desisti de contar “a” história de nosso PPG e optei por contar a *minha* história nesse PPG. Assim, posso defender uma versão que talvez não seja nem mesmo compartilhada, o que é bastante comum nessas

situações, mas que faz justiça às expectativas que eu tinha ao fazer parte, ainda bastante jovem (comecei a atuar no PPG com 28 anos!), de um PPG que já contava com certa tradição, que faz justiça às experiências que tive e principalmente às pessoas que encontrei nesse périplo.

Sem dúvida, carrego o ônus da solidão da interpretação, mas há o prêmio de poder propô-la. E isso não é pouco!

A HISTÓRIA

O passado do qual falo é relativamente recente! O ano é 1998, época em que, tendo sido aprovado em concurso público para provimento do cargo de professor em Sintaxe e Semântica do Português, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (o LET 1), cheguei à UFRGS, um ano após ter defendido uma tese de doutorado a propósito de Émile Benveniste, sob a orientação da professora Leci Borges Barbisan, na PUCRS. Quando cheguei a este Instituto de Letras, nada mais havia nem de Saussure, nem de Benveniste. Após o falecimento precoce, ocorrido anos antes, da professora Eleni Jacques Martins – de quem tive o privilégio de ser orientando de mestrado entre 1991 e 1994, na UFRGS –, o que se poderia considerar o eixo Saussure-Benveniste no PPG da UFRGS tinha caído no esquecimento.

No campo dos ditos “estudos discursivos” – reunidos em uma linha de pesquisa de nosso PPG intitulada, já naquela época, “Análises textuais e discursivas” – vivia-se o tempo da Linguística do

Texto, da Pragmática, da Análise do Discurso; havia ainda resquícios dos Estudos Semióticos. Nada de Saussure. Nada de Benveniste.

Ao fazer essa observação, não esboço crítica de qualquer natureza; apenas faço uma constatação: o pai da linguística e o maior linguista da França não estavam mais entre nós, na UFRGS.

De certa forma, a UFRGS refletia, nesse tempo, uma situação que se estendia à linguística brasileira.

Pouco havia de Saussure no Brasil; nada havia aqui, na UFRGS! Saussure era o grande esquecido. Evidentemente, todos se apressavam – e isso em todos os lugares – em reconhecer-lhe a alcunha de “pai da linguística”, mas esse era, naquele tempo, apenas um dado da história, sem implicação alguma para a construção de um saber junto aos jovens linguistas que formávamos.

Quanto a Benveniste, a situação não era muito diferente. Havia um vago reconhecimento da importância do autor, mas isso não se revertia em pesquisa *stricto sensu*. Ora, é preciso reconhecer que a UFRGS, nesse aspecto e a exemplo do que ocorria com Saussure, não diferia muito do que acontecia no Brasil. Entre os brasileiros, as referências ao campo enunciativo datam, aproximadamente, do início dos anos 1980, e são feitas de uma maneira que podemos chamar de “indireta”. Ou seja, os linguistas brasileiros não recorreram diretamente aos estudos de Benveniste para, com eles, fundamentar seus trabalhos. A reflexão benvenistiana aparecia nos artigos e livros dessa época de maneira, quase sempre, secundada, através de textos de outras perspectivas teóricas. A consequência disso é que o campo da enunciação, por exemplo, era referido em

outras disciplinas (Análise do Discurso, Linguística do Texto, Estudos da Conversação, Pragmáticas, entre outras), mas não constituía um campo *per se*. Também era assim na UFRGS. Quando aqui cheguei, não havia disciplina ou linha de pesquisa que contemplasse diretamente a teoria da linguagem de Émile Benveniste. No máximo, uma pitada aqui ou acolá de enunciação, em alguma disciplina da grande área dos estudos do texto e do discurso.

A propósito dessa ausência flagrante na UFRGS e de minha insistência em alterar tal realidade, lembro de, certa vez, ter sido interpelado por um colega que indagava com sincera curiosidade: “mas ainda há o que dizer sobre Saussure? Já não sabemos tudo o que tínhamos para saber de sua linguística?”. Sobre Benveniste, dizia-me, ainda o colega: “Benveniste tem uma teoria da linguagem? Ele não escreveu apenas alguns artigos?”.

Ora, é sempre importante lembrar que a fortuna crítica em torno da obra saussuriana é vasta, heteróclita e de grande envergadura. E isso não é de hoje! Muitos são os trabalhos edificadas no interior da especializada filologia saussuriana, e isso desde os anos 1950 – por exemplo, a publicação das *Sources manuscrites du Cours de linguistique Générale*, de Robert Godel, é de 1957. A descoberta – e publicação – de grande número de manuscritos do mestre e de edições críticas (principalmente do Curso de linguística geral, o CLG⁸⁵) durante toda a segunda metade do século XX,

⁸⁵ Vale lembrar que um dos maiores trabalhos filológicos em torno, especificamente do CLG, é o de Tullio De Mauro, publicado em 1967, *Corso di linguística generale. Introduzione, traduzione e commento di Tullio*

alimenta, desde então, uma profícua pesquisa em torno dessa obra, um campo do qual a UFRGS – a julgar pela manifestação de meu curioso colega – estava completamente alijada nos anos 1990.

Sobre Benveniste, basta lembrar que ele publicou, em vida, 18 obras, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Sociedade linguística de Paris, conforme atesta a bibliografia estabelecida por M.Dj. Moïnfar, em 1975, em *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*⁸⁶.

E foi esse cenário de desconhecimento que se alterou de 1998 para cá! Em 1999, a disciplina de Linguística Geral do PP-G-Letras/UFRGS, sob a minha responsabilidade, passou a contar com Saussure, em suas mais diferentes formas: líamos o CLG, sem dúvida; líamos também os anagramas⁸⁷, era uma novidade para nós; mas líamos também o que se dizia sobre Saussure. Conhecemos Claudine Normand, Simon Bouquet; ouvimos falar de Rudolf Engler e Robert Godel! Líamos as notas de Tullio de Mauro.

De Mauro. Essa obra é considerada um dos trabalhos críticos mais importantes feitos até hoje. De Mauro apresenta, em apêndice, 305 notas ao texto do CLG, com informações explicativas de conceitos e da gênese do livro, além de notas biográficas e acerca da fortuna crítica de Ferdinand de Saussure. A tradução francesa das notas é de 1972.

Cabe lembrar também que entre 1968 e 1974 é publicada a grande edição crítica de Robert Engler: trata-se de um trabalho de grande envergadura. No primeiro volume, de 1968, estão dispostas em seis colunas as fontes encontradas por Engler. Na primeira coluna, encontra-se o texto do CLG tal como publicado em 1916, com as modificações introduzidas na 2ª (de 1922) e na 3ª (de 1931) edições. As colunas 2, 3, 4 e 5 são compostas das notas dos alunos de Saussure no Primeiro Curso (1907), no Segundo Curso (1908-1909) e no Terceiro Curso (1910-1911). A sexta coluna traz notas pessoais de Saussure. No segundo volume, de 1974, encontramos “um apêndice à edição sinótica do CLG [a do volume 1] e de suas fontes” (Engler 1989: IX). Nele, há as notas de próprio punho de Saussure.

⁸⁶ Podemos somar à bibliografia de Moïnfar o grande número de fontes manuscritas do autor, recentemente divulgadas: a transcrição de notas manuscritas feita por Chloé Laplantine, publicada em 2011 sob o título *Baudelaire*; a organização de Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, publicada em 2012, das anotações das últimas aulas de Émile Benveniste no Collège de France – *Dernières leçons: Collège de France 1968-1969* -; os inéditos “La traduction, la langue et la intelligence” e “Singulier et pluriel”. Nada disso parecia integrar a já existente “Análises textuais e discursivas”.

⁸⁷ Ver: STAROBINSKI, J. (1974). *As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva.

Ao longo dos anos, essa disciplina tomou contornos tão diferentes daqueles que tinha que passou a se chamar “Epistemologia da Linguística”, nome que carrega até hoje.

Felizmente, Saussure deixou de estar no passado e começamos a fazer pesquisa em Saussure! Mais de uma geração de pesquisadores se formou sob a égide da retomada de Saussure na UFRGS.

Nesse tempo, Benveniste também passou a figurar em nosso PPG. Com a criação da disciplina de “Fundamentos em Teorias da Enunciação” e, posteriormente, com a criação de “Teorias da Enunciação”, os estudos enunciativos de Benveniste tomaram uma proporção considerável entre nós! Muitas teses e dissertações foram desenvolvidas; muitas interfaces foram criadas (enunciação e aquisição da linguagem; enunciação e psicanálise; enunciação e fonoaudiologia; enunciação e ensino de língua materna e estrangeira; enunciação e descrição do português; enunciação e terminologia; enunciação e tradução; enunciação e filosofia; enunciação e texto; enunciação e literatura, etc.).

Como é fácil perceber, entre 1998 e hoje, atravessou-se um tempo quantitativamente pequeno, mas, em torno dos nomes de Saussure e Benveniste na UFRGS, um salto qualitativo considerável se deu na pesquisa linguística. Podemos dizer que agora esses autores estão entre nós, e isso de maneira substantiva. Uma das evidências que atesta isso é que a linha de pesquisa “Análises textuais e discursivas” passou a se chamar “Análises textuais, discursivas e enunciativas”, nome que mantém até a atualidade. Nela, há gran-

de número de disciplinas que abordam Saussure e Benveniste, mas não apenas: outros autores vieram se somar aos grandes: Bakhtin, Jakobson, Ducrot, Culioli, Meschonnic, Authier-Revuz ...

É preciso admitir que o cenário mudou, e isso deveu-se, também, à colaboração da Professora Carmem Luci da Costa Silva. Sim, o início (e a manutenção) das pesquisas em Saussure e Benveniste foi, em um primeiro momento, produto de uma iniciativa solitária. No entanto, as forças foram dobradas com a entrada da Carmem em nosso PPG. Com ela, o trabalho se ampliou. Sem dúvida, a Carmem foi a grande interlocutora que ajudou a consolidar uma área que, não por acaso, tem grande apreço pela interlocução como objeto de pesquisa.

Por fim, é importante lembrar que o contexto de surgimento dos estudos em torno dos nomes de Saussure e Benveniste na UFRGS se beneficiou enormemente do trabalho da professora Leci Borges Barbisan, na PUCRS. Foi ela quem acolheu, no Rio Grande do Sul, em seus grupos de pesquisa e em suas orientações de mestrado e doutorado, os trabalhos que viriam a se disseminar e a produzir entre nós. Nessa mesma linha, é importante lembrar que a saudosa professora Marlene Teixeira, da UNISINOS, sustentou conosco uma interlocução que foi definitiva para os avanços dos estudos em Saussure e Benveniste. Durante muitos anos, a Leci e a Marlene estiveram presentes em todas as bancas de todos os meus orientados de mestrado e doutorado, auxiliaram na organização de vários eventos e colaboraram na organização de inúmeras traduções e publicações.

Enfim, é justo dizer que foi o diálogo entre UFRGS, PUCRS e UNISINOS, naquela época, que possibilitou o surgimento do que há no campo, entre nós, no PPG-Letras.

Hoje em dia, tudo está muito diferente! A UFRGS é referência nacional e internacional nos estudos saussurianos e benvenistiano. O campo está instituído; Saussure e Benveniste são reconhecidos como fonte de pesquisa; ambos deixaram de ser vistos como “coisas do Valdir”, como muitas vezes ouvi ser dito – em diferentes tons, nem sempre agradáveis – nos corredores do Instituto de Letras. Vários são os pesquisadores que renovam os trabalhos em torno desses grandes expoentes da linguística. Saussure e Benveniste não são mais reduzidos ao estruturalismo e à enunciação; vê-se neles a amplitude de importantes teorias da linguagem. Isso é realmente animador!

Enfim, é tempo de comemorar. Este pequeno texto apenas nos dá a oportunidade de iniciar a narrar a história e fazer memória. Que venham outras histórias, que venham outros personagens, que se façam novos roteiros.

BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, É. (2011). Baudelaire. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges, Éditions Lambert-Lucas.

BENVENISTE, É. (2012). Dernières leçons. Collège de France 1968-1969. EHESS, Gallimard, Seuil, Paris.

FENOGLIO, Irène (org.) et al. (2016). Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture.

Paris: Éditions du Seuil.

GODEL, R. (1969). Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure. Genebra: Librairie Droz.

RICOEUR, P. (2007). A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp.

SAUSSURE, F. de. (1975). Curso de linguística geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

SAUSSURE, F. de. (1976). Cours de linguistique générale. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Paris: Payot.

SAUSSURE, F. de. (1989). Cours de linguistique générale. Edição crítica de Rudolf Engler. Tomo I. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.

SAUSSURE, F. de. (1990). Cours de linguistique générale. Edição crítica por Rudolf Engler. Tomo II. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.

STAROBINSKI, J. (1974). As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva.

• • •

GRUPO PET LETRAS

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Tutor: Gabriel de Ávila Othero



APOIO



ISBN: 978-65-00-48157-0

